V Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica

– III Conferência Bienal da ASLE-Brasil –

"Poéticas do cotidiano: animais e meio ambiente"

Programação e Resumos

ASLE Brasil

9 a 11 de agosto de 2021

Comissão Organizadora

ASLE-Brasil

Diretoria

Zélia Monteiro Bora (Presidente)
Evely Vânia Libanori (Vice-presidente)
Ivana Alencar P. L. de Franca (Tesoureira)

Conselho Deliberativo

Antonio Felipe Barbosa Neto
Fabiano Gumier Costa
Felipe Ferreira Vander Velden
Hélio Rodrigues da Rocha
Heloisa Helena Siqueira Correia
Márcio Matiassi Cantarin
Robson Telles Gomes
Siddarth Singh Monteiro Bora

POÉTICAS DO COTIDIANO: ANIMAIS E MEIO AMBIENTE

apresentação

Antes do florescente campo dos estudos humanísticos sobre animais, intelectuais associados a diferentes culturas em diferentes épocas expressaram sua preocupação com a perturbadora relação entre a sociedade humana e os não humanos. A teoria sociológica, crítica inicial que manifestava a exploração de animais nas sociedades humanas, defendia a tese de que a dominação de animais está intimamente associada à dominação de seres humanos, especialmente, das mulheres, das minorias raciais e étnicas. Essas premissas foram debatidas entre as principais figuras da Escola de Frankfurt - Marx Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse - e nada menos que nas abordagens interdisciplinares de Walter Benjamin. Todos eles criticaram o pensamento instrumentalista ocidental em relação aos animais e, juntos, defenderam o exercício da compaixão pelos animais. Com base nesses pressupostos essencialmente teóricos, o V Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica e a III Conferência Bienal da ASLE Brasil acolherão propostas críticas interdisciplinares capazes de estabelecer diálogos baseados desde o pensamento da Escola de Frankfurt aos Estudos Animais Contemporâneos, que poderão nos levar a considerar a defesa teórica de animais não humanos. Críticos como Derrida, Donna Haraway, Cary Wolfe e outros podem também ser considerados pontos de partida para a reconceitualização das diferenças entre os não humanos e humanos, outridade e subjetividade. Desse modo, o objetivo principal deste Congresso é propor reflexões sobre a brutalização que vitimiza os não humanos, evidenciando esforços coletivos para o desenvolvimento de uma sociedade mais racional e justa no que se refere principalmente à integridade dos seres não humanos.

Ademais, durante o ano de 2020, quando eclodiu a pandemia da COVID-19, ficou mais evidenciada a opressão sofrida pelos humanos e pelos não humanos, sobretudo animais domésticos abandonados, famintos, perambulando pelas ruas e à mercê da generosidade da população. No que diz respeito à situação dos humanos, os mais economicamente vulneráveis encheram os hospitais e ficaram expostos a condições de maior miserabilidade, seja do ponto de vista da manutenção de empregos ou da defesa da integridade física e emocional. Assim, o Congresso busca ampliar as reflexões que envolvem os diversos temas que dialogam diretamente com este momento histórico.

PROGRAMAÇÃO

Todos as atividades plenárias acontecerão no **Horário de Brasília** e serão transmitidas pelo canal da ASLE-Brasil no **YouTube:**

https://www.youtube.com/channel/UCaCdNccHrYBVf5ug19H_Qpg

Os **Simpósios Temáticos** e as **Salas de Comunicações** acontecerão em ambientes virtuais para reuniões, cujos *links* de acesso serão enviados, por e-mail, aos comunicadores e ouvintes, até o dia do evento.

ASLE Brasil

Dia 09 de agosto

manhã

ABERTURA / *OPENING CEREMONY*	
8h30-9h20	Profa. Dra. ZÉLIA MONTEIRO BORA (Universidade Federal da Paraíba-UFPB) Pandemia e devastação Ambiental / *Pandemics and Environmental Destruction* Prof. Dr. HÉLIO RODRIGUES DA ROCHA (Grupo de Pesquisa Devir-Amazônia-Universidade Federal de Rondônia-UNIR) Pesquisas na Amazônia / *Research in the Amazon* Profa. Dra. MARCELE REGINA NOGUEIRA PEREIRA Reitora da Universidade Federal de Rondônia - UNIR / Dean of Federal University of Rondônia - UNIR Saudações / *Greetings* Prof. DEIVIS NASCIMENTO DOS SANTOS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia) Homenagem musical às vítimas do Covid 19 / *Musical Tribute to the victims of COVID 19*
CONFERÊNCIAS DE ABERTURA / *OPENING CONFERENCES*	
9h30-10h40	ALMIR SURUÍ - Liderança Indígena e ativista ambiental - Rondônia / *Indigenous Leadership and Environmental Activist* - Rondônia. "Usando tecnologia para salvar a Floresta" / *"Using Technology to Save the Forest"* Coordenação / *Coordinator*: Prof. Dr. Daniel Belik (Universidade Federal de Rondônia)
10h45-12h15	Prof. Dr. ANIMESH ROY (Ranchi University-INDIA) *"Animals and their representation in Hindu Mythology and Contemporary Reality"* / "Os animais e as suas representações na mitologia Hindu e Realidade Contemporânea" Coordenação / *Coordinator*: Profa. Dra. Zélia M. Bora

Dia 09 de agosto

tarde

PALESTRAS / *CONFERENCES*	
14h00-15h20	Prof. Dr. REX NIELSON (Brigham Young University - USA) "A natureza vernacular: traduzindo o pensamento ambiental brasileiro" / *"Vernacular nature: translating Brazilian environmental thinking"* Coordenação / *Coordinator*: Prof. Dr. Hélio Rodrigues Rocha
15h30-16h50	Prof. Dr. SCOTT SLOVIC (University of Idaho - USA) *"Full-Stomach Ecoprecarity: Ecocollapse Narratives, Creatureliness, and the limits of Exceptionalism"* / "A Ecoprecariedade dos Estômagos Cheios: Narrativas do Colapso Ecológico, Animalidade, e os Limites da Excepcionalidade" Coordenação / *Coordinator*: Profa. Dra. Ivana Peixoto Franca
17h00-17h20	SARAU HOMENAGEM A ANTONIO MIRANDA *POETRY READING - TRIBUTE TO ANTONIO MIRANDA*
17h30 - 19h30	Apresentações de trabalhos em salas e simpósios simultâneos *Paper´s Presentations and Simultaneous Panels*
19h00 - 20h00	*LANÇAMENTO DE LIVROS*

Dia 10 de agosto

manhã

PALESTRA / *CONFERENCE*	
9h00 - 10h20	Profa. Dra. FRANCOISE BESSON (Université Toulouse II Jean Jaurès, France) *"Urban Animals in France as Guides to Make Society´s relationship to Animal Progress"* "Animais Urbanos na França. Um Guia para a relação da Sociedade com o Progresso Animal" Coordenação / *Coordinator*: Profa. Dra. Zélia Monteiro Bora

MESA-REDONDA / *PANEL*	
10h30-12h30	**Conviver com animais: antropologia de cotidianos multispécies** *Living everyday life with animals: anthropology of multispecies* Coordenação / *Coordinator*: Prof. Dr. FELIPE FERREIRA VANDER VELDEN (Universidade de São Carlos) "Conviver, predar, conhecer" *"Coexist, Prey, and Knowledge"* Prof. Dr. FLÁVIO LEONEL ABREU DA SILVEIRA (Universidade Federal do Pará) "O mundo urbano contemporâneo de Belém: mananciais hídricos, florestas citadinas e fauna silvestre sob pressão" *"The urban contemporary world of Belém: Water,Forests the City and the Fauna Under Pressure"* Profa. Dra. ANDRÉA BARBOSA OSÓRIO SARANDY (Universidade Federal Fluminense) "Vizinhanças símias: convivendo com macacos-prego numa área verde urbana carioca" *"Simian neighborhoods: living with capuchin monkeys in a green urban area in Rio"*

Dia 10 de agosto

tarde

PALESTRA / *CONFERENCE*	
14h00 - 15h20	Prof. Dr. ROBERTO FORNS-BROGGI (State University of Denver - USA) "Ser-Río: Atisbos y potencial del eco-cine en Latinoamérica" *"Being-River: Glimpses and Potential of Eco-Cinema in Latin America"* Coordenação / *Coordinator*: Profa. Dra. Evely Libanori
15h30 - 15H50	SARAU *POETICAL READING*
16h00 - 18h00	Apresentações de trabalhos em salas e simpósios simultâneos *Paper´s Presentations and Simultaneous Panels*

MESA-REDONDA / *PANEL*	
19h00 - 21h00	**O lugar do não humano na sociedade e cultura. Perspectivas: Sociológica, Literária, Jurídica e Ética** *The place of the non-human beings in society and culture. Perspectives: Sociological, Literary, Legal and Ethics* Coordenação / *Coordinator*: Profa. Dra. EVELY VÂNIA LIBANORI (Universidade Estadual de Maringá) "Ética Animal em A vida dos animais, de John Coetzee" / *"Animal Ethics in The Life of the Animals de John Coetzee"* Prof. Dr. HERON GORDILHO "O Novo Estatus Legal dos Animais no Código Civil Brasileiro" / *"The New Legal Status of Animals in the Brazilian Civil Code"* Profa. Dra. ZÉLIA MONTEIRO BORA (UFPB) "A ideologia do movimento pelo direito dos animais e realidade brasileira" / *"The ideology of Animal Rights Movement and Brazilian Reality"* Profa. Dra. JULIANA ABONIZIO (Universidade Federal do Mato Grosso) Consumo e Ativismo: Relações entre animais humanos e não humanos / *"Consumption and Activism: Relationship between human and non-human animals"*

Dia 11 de agosto

manhã

MESA-REDONDA / *PANEL*	
09h00 – 11h00	**Falando sobre projetos de pesquisas** / *Talking about research projects* Prof. Dr. HÉLIO RODRIGUES DA ROCHA (Grupo Devir-Amazônia- UNIR/RO / *Amazonian Devir Group - UNIR/RO*) "Tradufagia: processo tradutório de narrativas de viajantes de língua inglesa à América do Sul" *"Tradufagia: translation process of narratives by English-speaking travelers to South America"* Profa. Dra. HELOÍSA HELENA SIQUEIRA CORREIA (Grupo Devir-Amazônia- UNIR/RO - *Amazonian-Devir Group – UNIR/RO*) "Os narradores e os não humanos: relações de saber" *"The narrators and the nonhuman beings: knowledge relations"* Prof.a Dra. EVELY VÂNIA LIBANORI- (Universidade Estadual de Maringá UEM/PR) "Ideias e ações do GAIA/UEM (Grupo de Estudos sobre Identidade Animal)" *"GAIA'S Ideas and Actions/UEM (Study Group on Animal Identity)"* Prof. Dra. ZÉLIA MONTEIRO BORA (Universidade Federal da Paraíba-UFPB) "Ecocrítica pós-colonial e o Sul Global" *"Postcolonial Ecocriticism and the Global South"* Prof. Dr. MÁRCIO MATIASSI CANTARIN (Universidade Tecnológica Federal do Paraná) "Princípios Ecosóficos na obra de Mia Couto" *"Ecosophical Principles in Mia Couto's Work"* Dr. FABIANO GUMIER COSTA - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) "Unidades de conservação em área urbana: educação ambiental e outras práticas de inclusão da sociedade na gestão e conservação ambiental" *"Conservation units in urban areas: environmental education and other practices for the inclusion of society in environmental management and conservation"*
HOMENAGEM / *TRIBUTE*	
11h10 - 12h30	**Homenagem a Vicente Franz Cecim / *Tribute to Vicente Franz Cecim*** Coordenador / *Coordinator*: Prof. Dr. Vitor Cei Santos (Universidade Federal do Espírito Santo-UFES) Prof. Dr. Alberto Pucheu - Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ

Dia 11 de agosto

tarde

15h00 - 17h00	**Apresentações de trabalhos em salas e simpósios simultâneos** ***Paper´s Presentations and Simultaneous Panels***
17h30 – 18h00	**SARAU** *POETICAL READING*
19h00	**Palestra** Dr. Fernando Nonato Ferreira Lordão (Médico Veterinário) "FIV e FeLV: A tragédia sobre as populações felinas em situação de vulnerabilidade"
20h00	**Palestra** Dra. Sheila Medeiros "Evidências Científicas do uso dos antiretrovirais no controle da infecção pelo vírus da imunodeficiência (Fiv) e pelo vírus da leucemia (Felv)"
21h00	**Cerimônia de Encerramento** Lançamento de Campanha de Conscientização e Combate à FIV e FeLV em felinos. Nomeação oficial da próxima Universidade parceira para o VI Congresso em 2023

PROGRAMAÇÃO

Simpósios Temáticos
e
Comunicações

ASLE
Brasil

SIMPÓSIOS

ATENÇÃO: HORÁRIO DE BRASÍLIA

SIMPÓSIO 1		***DA METAMORFOSE DOS INSETOS NA LITERATURA***	
Coordenação		**Camila Bylaardt Volker (UFAC) / Dennys Silva-Reis (UFAC)**	
Monitor			
Data		**09/08/21**	
HORA	**N°**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
17H30	1	O SUBMUNDO FACETADO, BRILHANTE E NEUTRO DAS BARATAS EM CLARICE LISPECTOR	Camila Bylaardt Volker (UFAC)
17H45	2	"LES PAPILLONS" DE GÉRARD DE NERVAL: UM OLHAR SOBRE AS BORBOLETAS NO ROMANTISMO FRANCÊS	Rosária Cristina Costa Ribeiro (UFAL)
18H00	3	O DEVIR INSETO DE LILY EVERIT	Patrícia Marouvo Fagundes (UFAC)
18H15	4	INSETOS EXEMPLARES EM NOTRE-DAME DE PARIS DE VICTOR HUGO	Dennys Silva-Reis (UFAC)
18H30	5	A MARIPOSA POÉTICA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA ALEGORIA FEMININA NO ROMANTISMO BRASILEIRO	Furtado da Silva (UFAC)
SIMPÓSIO 2		**LITERATURAS EM PERSPECTIVAS ECOPEDAGÓGICAS: ARTE POÉTICA, NARRATIVAS, CULTURALIDADES E IDENTIDADES NOS PERCURSOS DO OLHAR-SENTIR**	
Coordenação		**José Flávio da Paz (UNIR)** **Néstor Raúl González Gutiérrez (UNAD-Colômbia)**	
Monitor			
Data		**09/08/21**	
HORA	**N°**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
17H30	1	ENTRE CLAUSTROS, METAMORFOSES ANTRÓPICAS E (DES)CAMINHOS ANIMALESCOS: UM ESTUDO ECOCRÍTICO DE "*TELECO, O COELHINHO*", DE MURILO RUBIÃO	Guilherme Ewerton Alves de Assis (UFPB)
17H45	2	CULTURA E ARTE COM PERSPECTIVA LITERÁRIA NUMA ESCOLA DE GUAJARÁ-MIRIM/RO	Glória Maria de Paula (UNIR)

			Auxiliadora dos Santos Pinto (UNIR)
18H00	3	O CANTO DO GRILO-PASTOR: ACORDES QUE REVERBERAM NA OUTRIDADE	Paulo Sérgio Borges David Mudeh (UNEMAT)
18H15	4	POEMAS DA NATUREZA E O AMOR PELA TERRA: UM ESTUDO NA OBRA "PÉROLA VERDE", DE JÚLIA ALMEIDA SOUZA	José Flávio da Paz (UNIR/UNEMAT)
18H30	5	REFLEXÕES SOBRE O CONTO *UMA DOSE DE CICUTA* (2011), DO ESCRITOR MATO-GROSSENSE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA	Lucimaira da Silva Ferreira (UNEMAT) Kátia Aparecida Pimentel (UNEMAT)
18H45	6	LITERATURA E ECOCRÍTICA: UMA REALIDADE POSSÍVEL NO CHÃO DA ESCOLA EM SÉRIES INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.	Rute Barboza da Silva (UNIR /SEMED) José Flávio da Paz (UNIR/UNEMAT)
SIMPÓSIO 3		**PAISAGENS PÓS-NATURAIS: PARA ALÉM DO HUMANO E DO PÓS-PANDÊMICO**	
Coordenação		**Prof. Drª Sueli Meira Liebig (UEPB)** **Prof. Dr. Suênio Stevenson T. da Silva (UFCG)**	
Monitor			
Data		**10/08/21**	
HORA	**N°**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
16H00	1	A INDIVIDUALIDADE DOS ANIMAIS NÃO-HUMANOS NO CONTEXTO DO PÓS-HUMANISMO	Rafaela Liebig Ramalho Lucena (UFAL) Prof. Drª Sueli Meira Liebig (UEPB)
16H15	2	PANDEMIA E PÓS-HUMANO: UMA REFLEXÃO ECOCRÍTICA SOBRE O UNIVERSO FICCIONAL DA SÉRIE *SWEET TOOTH*	João Vítor de Lima Suênio Stevenson Tomaz da Silva
16H30	3	"...EM DIREÇÃO À NATUREZA SELVAGEM": MUTAÇÕES AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS EM *JOGOS VORAZES*, DE SUZANNE COLLINS	Ferdinando de Oliveira Figueirêdo (UEPB)
16H45	4	*ENDER'S GAME*: DA HEGEMONIA HUMANO AO ESPECISMO DO NÃO-HUMANO	Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (UEPB) Rafael Francisco Braz (UFRN)

			Sueli Meira Liebig (UEPB)
SIMPÓSIO 4		**SIMPOIESIS INTERESPECÍFICAS NAS ESCOLAS INDÍGENAS DO ACRE**	
Coordenação		**Profa. Dra. Ana Letícia de Fiori (CFCH e LaBinter/UFAC)**	
Monitor			
Data		**10/08/21**	
HORA	**N°**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
16H00	1	AS PLANTAS E OS ANIMAIS NA ESCOLA NUKINI	Maria Valdenice Silva de Souza (Dinha Nukini / Escola Estadual Pedro Antonio de Oliveira)
16H15	2	A FLORESTA E A ESCOLA HUNI KUIN	José Benedito Ferreira (Centro de Formação Intercultural Txima Huni Kuĩ)
16H30	3	NAS MARGENS DO RIO TARAUACÁ, NASCE UMA LITERATURA, NA GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA ALDEIA PINUYA	Raimundo Mateus Martins (Bina Huni Kuin/ Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre)
16H45	4	AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA COMUNICAÇÃO DOS APURINÃ COM OUTROS POVOS (HUMANOS E NÃO HUMANOS) DA FLORESTA	Valdirene Nascimento da Silva Oliveira
17H00	5	PENSAR COM OS OUTROS DA FLORESTA	Francisco Apurinã
SIMPÓSIO 5		**ANIMAIS, PLANTAS E HOMENS VERDADEIROS, SUAS LETRAS E SEU ENSINO NAS FLORESTAS DO ACRE**	
Coordenação		**Maria Inês de Almeida (LaBinter/PPGLLI/UFAC)**	
Monitor			
Data		**11/08/21**	
HORA	**N°**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
15H00	1	O DICIONÁRIO DE HÃTXA KUIN NA PESQUISA E NO ENSINO HUNI KUIN	Joaquim de Lima Kaxinawá

15H15	2	HUNI KUĨ E MEIO AMBIENTE: OS REZOS INICIAIS DO PAKARĨ	João Sereno - Txana Kixtĩ Huni Kuĩ (Aldeia Altamira Ni Yuxibu, AC) Charles Soares Huber (UFAC)
15H30	3	O ENSINO DA JIBÓIA NOS LIVROS DIDÁTICOS HUNI KUIN	Marina Bylaardt (UFAC)
15H45	4	HISTÓRIA DO PÁSSARO AZUL, O QUE ELA ENSINA	Abijicélia Shanenawa
16H00	5	AS CANÇÕES DE SHUAYNE	Cristiane de Bortoli (LaBinter/PPGLLI/UFAC)

COMUNICAÇÕES LIVRES

COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 1			**09/08/2021**
Coordenador: **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
17H30	01	DO CONTEXTO REGIONAL VERSADO EM PROSA À BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA EXISTENTE NA POÉTICA DE FELISBELO JAGUAR SUSSUARANA, EM SEU POEMA RIO SÍMBOLO	Luciandro Tássio Ribeiro de Souza (Universidade Federal do Oeste do Pará-Santarém)
17H45	02	QUESTÕES AMBIENTAIS E COLONIALIDADE NO BRASIL PROFUNDO DE GRACILIANO RAMOS: *VIDAS SECAS* EM PERSPECTIVA	Francisca Eugenia dos Santos (Universidad de Santiago de Chile)
18H00	03	ANIMAIS EM *TERRA ENCHARCADA*, DE JARBAS PASSARINHO: UMA LEITURA SOB A PERSPECTIVA ECOCRÍTICA E DECOLONIAL	Renata Batista da Silva (Universidade Federal de Rondônia)
18H15	04	O MEIO AMBIENTE NA OBRA *O LUGAR DO SABER* DE MÁRCIA KAMBEBA	Francilene Virgolino de Azevedo (Universidade Federal de Rondônia) Hélio Rodrigues da Rocha (Universidade Federal de Rondônia)
18H30	05	A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA ANIMAL NA AMAZÔNIA DE MILTON HATOUM	Patrícia Helena dos Santos Carneiro (Universidade Federal de Rondônia)

			Júlio César Barreto Rocha (Universidade Federal de Rondônia)
COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 2			**09/08/2021**
Coordenador: Márcio Matiassi Cantarin **Monitora: Marta Botelho Lira**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
17H30	01	THORNTON BURGESS, O POTENCIAL DA LITERATURA DE NATUREZA PARA CRIANÇAS E ECOTRADUÇÃO	Giovanna Chinellato (Universidade de São Paulo)
17H45	02	ANÁLISE DOS CONTOS "ANDORINHA" E "CAUSA PERDIDA" DE LUIZ VILELA	Catia Mendes Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) / Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
18H00	03	A HUMANIDADE E OS ANIMAIS NA OBRA LITERÁRIA DE OLGA TOKARCZUK	Claudia Cristina Sanzovo (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)
18H15	04	DOS MAUS-TRATOS À COMPAIXÃO AOS ANIMAIS: A POTÉNCIA REVELADORA DO AFETO EM TRÊS CONTOS DE LUIZ VILELA	Karina Torres Machado (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
18H30	05	MEDITAÇÕES SOBRE "DESASSOSSEGO" DE VICENTE GUEDES, BERNARDO SOARES E "A EDUCAÇÃO DO ESTÓICO/BARÃO DE TEIVE"	Maria do Socorro Gomes Torres (Universidade Federal de Rondônia) Giselle Campos Babiretzki (Universidade Federal de Rondônia)
18H45	06	A COMUNICAÇÃO COM O (DO) CAVALO NA LITERATURA CLARICEANA	Adriane Cherpinski Koch (Universidade Estadual de Maringá)
COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 3			**09/08/2021**
Coordenador: **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
17H30	01	A QUESTÃO AMBIENTAL COMO ASPECTO	Camila de Sousa Nogueira

		INDISPENSÁVEL À SAÚDE COLETIVA: UM EXAME A PARTIR DO LIVRO “VIDAS SECAS”	dos Santos (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP) Marina Roberta Cioatto (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP)
17H45	02	A ÉTICA DO CUIDADO FEMININO EM *THE TURQUOISE LEDGE: A MEMOIR*	Naiana Siqueira Galvão (Universidade Federal do Norte do Tocantins) Isabel Maria Fernandes Alves (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
18H00	03	A TECNOLOGIA VEGETAL DE MIRIÃ MARIA: POESIA E SAÚDE	Ricardo Nonato A. de A. Silva (Universidade Federal do Maranhão)
18H15	04	A NARRATIVA DA RATINHA QUE ENSINOU A MULHER A FAZER PARTOS	Edilene Machado Barbosa (Universidade Federal do Acre) Edileuda Gomes de Araujo shanenawa (Universidade Federal do Acre)
18H30	05	A BIOÉTICA EM “MORTE E VIDA SEVERINA”: LITERATURA, MEIO AMBIENTE E SAÚDE	Juliana de Sousa Nogueira dos Santos (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP) Marina Roberta Cioatto (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP)

COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 4			**10/08/2021**
Coordenadora: Zélia Monteiro Bora **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
16H00	01	OS ANIMAIS NA OBRA *FIGURANTES* DO POETA SERGIO MEDEIROS	Sirley Rojas Oliveira (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
16H15	02	ECOCRÍTICA E ESTUDOS ANIMAIS: PARA UMA	Stephanne da Cruz

		POLÍTICA DO PENSAMENTO ECOLÓGICO	Santiago (Universidade Estadual de Feira de Santana)
16H30	03	"QUE TIPOS DE BALEIAS ELES PODEM MATAR"? GERAR PARENTESCO, TECER A VIDA POROSA	Ana Carolina Sampaio Coelho (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)
16H45	04	TOWARD LICHENNESS: POETRY, SYMBIOSIS, ASSEMBLAGE IN A DEGRADED WORLD	John Charles Ryan, PhD (Southern Cross University, Australia)
17H00	05	NERUDA ANIMAL: LA CRÍTICA NERUDIANA FRENTE AL PROBLEMA DE LA ANIMALIDAD	Arnaldo Donoso Aceituno (Universidad Adventista de Chile)
17H15	06	O SELVAGEM NA CIDADE: "RENDEZVOUS", DE THOMAS KING, E A EXPERIÊNCIA DE SER INVADIDO QUANDO SE É INVASOR	Melina Pereira Savi (Universidade Federal de Santa Catarina)
COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 5			**10/08/2021**
Coordenador: **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
16H00	01	"FORAM OS ANIMAIS QUE COMEÇARAM A FAZER-ME HUMANA": A ÉTICA ANIMAL DE MIA COUTO	Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes (Universidade do Minho)
16H15	02	O VAMPIRO HUMANIZADO DE STEPHENIE MEYER FACE À ANIMALIDADE: UM MONSTRO ESPECISTA	Bruno Anselmi Matangrano (Universidade Federal de Pelotas)
16H30	03	DELÍRIOS DE GRANDEZA, EMPÁTICO PADECIMENTO ANIMAL: AS SARNAS ANIMALESCAS NO SUJEITO DIVERGEM DA BENEVOLÊNCIA ANIMAL EM *QUINCAS BORBA* POR MACHADO DE ASSIS	Francisca Júlia da Silva Soares (Universidade Federal de Campina Grande)
16H45	04	*ENTRE PESSOA E BICHO* — A LIMITAÇÃO DO HUMANO	Susana Vieira (Universidade Nova de Lisboa)
17H00	05	DA BARATA À LAGOSTA: REPRESENTAÇÕES	Francisco Ricardo Silveira

		DE UM ELEVADOR SOCIAL	(Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)
17H15	06	DE ANIMAIS E DE HOMENS: UMA LEITURA DO CONTO “O LEPROSO”, DE MIGUEL TORGA	Naira de Almeida Nascimento (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)
COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 6			**10/08/2021**
Coordenador: **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
16H00	01	AMAZÔNIA, ANIMAIS, SERES E MILAGRES: REFLEXÕES SOBRE OS ANIMAIS E O MEIO AMBIENTE	Weslley Dias Cerdeira (Universidade Federal do Amazonas)
16H15	02	ENTRE PÉS E PATAS: A APROXIMAÇÃO DO HUMANO E O NÃO HUMANO EM *A MAÇÃ NO ESCURO* DE CLARICE LISPECTOR	Adriana Gomes Cardozo (Universidade Estadual de Maringá) Evely Libanori (Universidade Estadual de Maringá)
16H30	03	INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL SOBRE NATUREZA E ANIMAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONCEPÇÃO FILOSÓFICA BIOFÍLICA	Barbara Goloubeff (Instituto Vivendi)
16H45	04	A NATUREZA NA CONTÍSTICA CLARICIANA: UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA	Antonia de Jesus Sales (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará)
17H00	05	ESTUDO COMPARADO ENTRE O CONTO *A PRAÇA*, DE ASTRID CABRAL, E *THE HAPPENING* DE M. N. SHYAMALAN NUMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA	Maíssa Pires Ramos Moreira (Universidade Federal de Rondônia)

COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 7			11/08/2021
Coordenador: **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
15H00	01	ANIMALIDADE E DEFICIÊNCIA: CRÍTICA ECOCRIPIFICADA DE UM ENCONTRO (DES)MORALIZADO	Luana Adriano Araújo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
15H15	02	EU E O OUTRO: CONFLITO E ESTRANHAMENTO NO ENCONTRO DE NATUREZAS	Maria do Socorro Pereira de Almeida (Universidade Federal Rural de Pernambuco) Eduardo de Lima Beserra (Universidade Federal de Alagoas)
15H30	03	ÉTICA ANIMAL E ÉTICA AMBIENTAL: UM CASAMENTO DE CONVENIÊNCIA	Alexis Ouellet-Simard (Universidade de Ottawa - Canadá)
15H45	04	A DENÚNCIA AMBIENTAL NA ÉPICA OITOCENTISTA BRASILEIRA: O CASO DE OS TIMBIRAS	Giovanna Gobbi Alves Araújo (Universidade de São Paulo)
16H00	05	OLHOS QUE NÃO PODEM SE FECHAR: PERSPECTIVAS ECOCRÍTICAS NA OBRA CHICLETE (껌), DO AUTOR SUL-COREANO KIM KI-TAEK	Maria Gabriela Wanderley Pedrosa (UFPE) Co-autor (a): Professora Dra. Ermelinda Maria Araújo Ferreira (UFPE)
16H15	06	AS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO MIGRANTE NAS MEMÓRIAS IDENTITÁRIAS EM O *VELHO QUE LIA ROMANCES DE AMOR* E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA AMAZÔNIA	Edilene Teixeira da Silva Santos (UNIR) Hélio Rodrigues da Rocha (UNIR)
COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 8			**11/08/2021**
Coordenador: **Monitor:**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
15H00	01	O RECONHECIMENTO DE ANIMAIS NÃO HUMANOS COMO SUJEITOS DE DIREITO: UMA SÍNTESE DE DECISÕES JUDICIAIS EM UM CONTEXTO MUNDIAL	Karen Jhessey Cruz Santos (Centro Universitário Paraíso - UNIFAP) Marina Roberta Cioatto (Centro Universitário Paraíso - UNIFAP)

15H15	02	ANIMAIS COMO REPRESENTAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA NA NARRATIVA CINEMATOGRÁFICA DE ROBERT EGGERS	André Pinheiro (Universidade Federal do Piauí - UFPI)
15H30	03	ANIMAIS: SERES INTELIGENTES A PARTIR DA PERSPECTIVA DA DOUTRINA DOS ESPÍRITOS - OS ANIMAIS NO CONTEXTO RELIGIOSO	Carmela Ferreira Tacaná (UNIR) Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR)
15H45	04	*A ÁGUA E A ÁGUIA*: UMA LEITURA POÉTICO-ECOLÓGICA À LUZ DA ECOCRÍTICA	Gleidson André Pereira de Melo (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul) Angela Maria Guida (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
16H00	05	REPRESENTAÇÃO DA CRISE AMBIENTAL EM *NÃO VERÁS PAÍS NENHUM* (1981) E *O CONTO DA AIA* (1985)	Alfredo Ricardo Silva Lopes (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
16H15	06	ATIVISMO LITERÁRIO: REFLEXÕES ANTROPOCÊNICAS SOBRE UM ANTI-ANTROPOCENTRISMO	Marcus Vinícius Matias (Universidade Federal de Alagoas)
COMUNICAÇÕES LIVRES - SALA 9			**11/08/2021**
Coordenador: Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR/UFPR/CLEPUL) **Monitora: Priscila Prado (UTFPR)**			
HORA	**COMUNICAÇÃO**	**TÍTULO**	**AUTOR(ES)**
15H00	01	MOVIMENTO AMBIENTALISTA NA GUINÉ-BISSAU: UM PANORAMA SOBRE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO	Aldine Valente Bathillon (Universidade Federal de Minas Gerais) Carla Craice da Silva (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB)
15H15	02	DIÁLOGOS E FICÇÕES INDIGENISTAS NO CONTO: “ONTEM, COMO HOJE, COMO AMANHÃ, COMO DEPOIS” DE BERNARDO ÉLIS	Marta Bonach Gomes (PUC - Goiás)

15H30	03	CULTURA POPULAR À LUZ DA ECOCRÍTICA: O CANTO DA SUÇUARANA E DO CURURU NO TEXTO “TOADA BONITA”, DE EULÁLIO MOTTA	Iago Gusmão Santiago (CAPES/PPGEL/UEFS) Stephanne da Cruz Santiago (FAPESB/PPGEL/UEFS)
15H45	04	ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS ENCANTADOS E VISAJENTOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA AMAZONENSE DE YAGUARÊ YAMÃ	Alex Viana Pereira (Universidade do Estado do Amazonas - UEA) Maria Evany do Nascimento (Universidade do Estado do Amazonas - UEA)
16H00	05	EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FLORESTA NACIONAL DA RESTINGA DE CABEDELO (PB): TEORIA E PRÁTICA	Fabiano Gumier Costa (ICMBio)
16H15	06	DE RÉPTIL PARA RÉPTIL	Priscila Prado (Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR) Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR / UFPR / CLEPUL)

RESUMOS

Simpósios Temáticos

ASLE Brasil

Simpósio Temático 01

dia 09

DA METAMORFOSE DOS INSETOS NA LITERATURA

Coordenação: Camila Bylaardt Volker (UFAC)
Dennys Silva-Reis (UFAC)

Os estudos que aproximam as ciências humanas de uma reflexão sobre os animais tiveram uma proliferação significativa nas últimas décadas. Em uma tentativa de ressignificar ou reavaliar a postura humana diante de outras espécies que habitam o planeta, muitos autores se debruçaram sobre a ampla temática dos animais nas artes, na filosofia e na literatura. Em 2002, Jacques Derrida, em *O animal que logo sou*, impulsiona essa discussão dentro da teoria literária e da filosofia. A partir das reflexões de Derrida, o simpósio temático "Da metamorfose dos insetos" contempla uma classe pertencente ao reino animal; a classe dos insetos. Essa classe, porém, abriga seres que dividem opiniões: se, por um lado, temos insetos adoráveis, como as borboletas (que, inclusive, compõem muitas metáforas de "boas" transformações), por outro lado, temos várias espécies de insetos abomináveis, responsáveis por pragas e doenças (facilmente poderíamos desejar o extermínio dessas espécies e, inclusive, oferecemos de bom grado a nossa contribuição com a erradicação de muitos deles). Os insetos parecem oferecer uma resistência ao limite de nossa compaixão e empatia, mesmo em uma discussão que privilegie a equidade entre as espécies que povoam a terra. O Simpósio temático "Da metamorfose dos insetos" agrupa cinco trabalhos que exploram a presença desses seres invertebrados na literatura. São espécies subterrâneas, aladas, rastejantes, na maioria das vezes ignoradas ou mesmo exterminadas do nosso convívio, mas que, por alguma reviravolta estranha desestabilizam o meio social humano, as identidades, os papéis, os comportamentos. As obras infiltradas por esses pequenos animais são forçadas a render-se à sua presença, ressignificando a própria ideia de humanidade, de linguagem, de vida, de literatura. Passando por obras canônicas como *A metamorfose,* de Kafka, desdobrada em *A paixão segundo G.H.*, o simpósio parte do submundo da barata, inseto que toca a prosa de Clarice Lispector com seu "olhar negro, facetado, brilhante e neutro" e quebra o invólucro de uma narrativa controlada, fazendo-a desandar para um relato de uma experiência mística. Em um outro momento, o simpósio apresenta insetos menos repulsivos, representantes de um mundo alado, as mariposas e as borboletas, que metaforizam a leveza e a fugacidade de um universo feminino figurativo ou denotativo nas obras de Virginia Woolf, Maria Firmina dos Reis e Gérard de Nerval. Ainda no mundo alado, e na obra woolfiana, a delicadeza das borboletas é substituída pela presença desagradável e desestabilizante das moscas. E ainda sobre o que podem nos ensinar os seres invertebrados, o simpósio apresenta a simbologia da aranha (mesmo não sendo inseto, mas sim aracnídeo) que constrói sua casa de maneira complexa, sólida e exemplar tal como a catedral de *Notre-Dame de Paris* do escritor Victor Hugo; as presenças da libélula, da mosca e da abelha também vão ajudar a compor o imaginário do submundo dos insetos no romance. A reflexão sobre a presença e a influência dos insetos nas artes, e mais especificamente na literatura, pode nos fornecer imagens e subsídios para falar de um universo populoso, heterogêneo, múltiplo, repulsivo, pedagógico, exemplar ou misterioso com o qual coabitamos e dividimos o nosso mundo. Dois dos referenciais teóricos utilizados são o livro *Philosophie de l'insect*, de Jean-Marc Drouin (2018) e a obra *Literatura e animalidade* de Maria Esther Maciel (2016). Através dessas cinco apresentações poderemos aproximar experiências e impressões sobre obras que foram invadidas e influenciadas pela Classe *Insecta*.

Trabalhos que compõem o simpósio:

17H30 || 1. O SUBMUNDO FACETADO, BRILHANTE E NEUTRO DAS BARATAS EM CLARICE LISPECTOR

Camila Bylaardt Volker (UFAC)

A partir de *A paixão segundo G.H.* e "A quinta história", a comunicação pretende refletir sobre as dobras que as baratas provocaram nessas narrativas. Em "A quinta história", temos cinco variações de uma mesma história, em que vemos opostos a aniquilação e a resiliência. A aniquilação como *modus operandi* do humano em relação ao inseto e a resiliência como forma de resistência da barata em relação ao humano. Esses dois polos se repetem em todas histórias, provocando sucessivas dobras em que podemos ver diferentes papéis sendo executados: se em uma história as baratas, que se reproduzem como sucessivas cópias sem identidade única (a não ser a do grupo), são a fervilhação do mal secreto a ser contido através do extermínio, em outra história as baratas são uma faceta da vida incontornável, únicas em cada uma de suas manifestações, e o seu extermínio torna criminoso quem o executa. As cinco histórias são quase sempre as mesmas, em que a maquinação do extermínio funciona como agenciamento da diferença através da repetição. Em *A paixão segundo G.H.,* o que deveria ser uma simples faxina em um quarto pequeno se torna uma experiência de contato com o sabor neutro do mundo, provocando excessos nas relações com os outros, sejam humanos (como Janair) ou insetos (como a barata), o que transborda em uma incisiva relação com o próprio eu. Nesse sentido, pretendemos abordar as baratas nessas narrativas como catalisadoras do processo de "matar e comer" ou "assemelhar e assimilar", em que o contato com o não humano se dobra em uma reflexão do contato entre humanos, em uma reflexão do contato entre narrativas, uma ficção. Para comunicação utilizaremos os referidos textos de Lispector, somados ao aporte teórico de Drouin, em *Philosophie de l'insecte*, Deleuze, em *A dobra: Leibniz e o barroco* e Derrida, em *O animal que logo sou.*

Palavras-chave: Barata. Maquinação. Extermínio.

17H45 || 2. "LES PAPILLONS", DE GÉRARD DE NERVAL: UM OLHAR SOBRE AS BORBOLETAS NO ROMANTISMO FRANCÊS

Rosária Cristina Costa Ribeiro (UFAL)

Gérard de Nerval (1808-1855) é um dos grandes nomes do romantismo francês, porém sua obra segue uma estética mais europeia do que francesa, viajando muito durante sua vida e traduzindo obras importantes como Fausto de Wolfgang Goethe (1790). Sua obra se debruça sobre temas de um passado pessoal idealizado, voltado para a infância, para o fantástico e para o folclore. Entretanto, Nerval vive em um momento agitado da política francesa, vivendo a Restauração monárquica (1815-1830), a Monarquia de Julho (1830-1848), a Revolução de 1848 e a 2ª República, a partir desse ano. Foi durante a Monarquia de Julho, mais precisamente entre 1831 e 1839, que Nerval escreveu os poemas que compõem a antologia Odelettes, publicada somente em 1853, mesmo ano da publicação de uma de suas principais obras, Sylvie (1853). Juntam-se a esse romance duas outras obras: Les filles du feu e Les Chimères, ambas de 1854, que completam a lista de obras consagradas. Em Odelettes, a presença da musicalidade também é muito marcante, sendo ode um gênero que pode ser definido como um poema lírico para ser cantado ou declamado com o acompanhamento de música, odelette, odezinha, seria um poema gracioso, com o mesmo objetivo de ser cantado ou acompanhado musicalmente, porém mais simples do que uma ode. Isso se dá exatamente pela simplicidade da produção, recolho de diversos poemas publicados nos primeiros anos de produção de Nerval. Além da aproximação com a musicalidade, nos interessa particularmente nesta ocasião como a natureza e os ciclos naturais surgem enquanto temática que unifica a obra. As estações do ano, os momentos do dia, e um singelo inseto: as borboletas. Protagonistas do poema "Les papillons", esses pequenos seres estão ligados, obviamente, a questão da metamorfose, da transformação, mas também da evolução e passagem do tempo. Mergulhadas nesse conceito de tempo sazonal, as borboletas aparecem em todas as suas fases, não somente na fase alada. Assim, em uma simbiose, as fases da vida da borboleta, as estações e a vida do eu lírico se fundem em sua ciclicidade, provocando a empatia. É a partir desse sentimento de empatia na relação humano e não-humano que nos propomos a analisar o poema "Les papillons" amparadas pelas discussões propostas em Philosophie de l'insect, de Jean-Marc Drouin (2018) e Literatura e animalidade de Maria Esther Maciel (2016). Essas reflexões iniciais nos levam a explorar a hipótese de que esse sentimento de empatia é na verdade o reflexo de uma sinergia entre entes humanos e não

humanos, de forma a congregar todas as espécies em um mesmo meio, em um mesmo ecossistema.

Palavras-chave: Romantismo. Literatura Francesa. Insetos. Les papillons. Gérard de Nerval.

18H00 || 3. O DEVIR INSETO DE LILY EVERIT

Patrícia Marouvo Fagundes (UFAC)

Na obra de Virginia Woolf, a festa de Mrs. Dalloway atua como palco onde as personagens interagem e experimentam as máscaras que julgam necessárias para um melhor convívio social. As tensões em disputa se intensificam à medida que questões de gênero, raça e classe social irrompem de conversas em que identidades se provam instáveis, tanto individual quanto coletivamente. No conto "The Introduction" ["A apresentação"], a jovem Lily Everit relutantemente comparece à festa, mas, deslumbrada pela vivacidade e leveza da anfitriã, se metamorfoseia em borboleta, metáfora do feminino tomando forma nos moldes do Anjo do Lar vitoriano, quando convocada a conversar com um jovem estudante de Oxford. Na esteira de Rosi Braidotti (2011), este trabalho busca pensar a figuração dos insetos no referido conto woolfiano a fim de refletir sobre a desestabilização das identidades presentes no seio da festa quando o elemento não humano, mais especificamente a mosca, provoca a empatia da personagem principal, desencadeando devires que reorganizam as relações entre os convidados e, em última instância, entre o humano e o não humano.

Palavras-chave: Virginia Woolf. Humano. Não humano. Devir-inseto.

18H15 || 4. INSETOS EXEMPLARES EM NOTRE-DAME DE PARIS, DE VICTOR HUGO

Dennys Silva-Reis (UFAC)

O presente trabalho se concentra nas metáforas insectas de Victor Hugo (1802-1885) na obra *Notre-Dame de Paris (1831)*. Interessa aqui argumentar que o *ser insecto* – em atos, formas e modos de ser – é uma das maneiras de caracterizar e singularizar a narrativa literária hugoana. Para alcançar tal objetivo, elenca-se os insetos (1) mosca, (2) abelha e (3) libélula a fim de

mostrar suas metáforas ligadas essencialmente ao comparativismo com os personagens (por exemplo, a personagem Esmeralda), à argumentação do autor/narrador nas frases retóricas (máximas, por exemplo); e à reflexão natureza-homem (a respeito da violência, por exemplo). Além disso, este trabalho também evoca a questão do artrópode aranha que é usado por Victor Hugo como bicho que simboliza animalmente o enredo de *Notre-Dame de Paris* – tanto verbalmente quanto pictoricamente. Espera-se, assim, contribuir para a fortuna crítica do romance a partir de um novo olhar sobre este clássico da literatura francesa.

Palavras-chave: Victor Hugo. Aranha. Inseto.

18H30 || 5. A MARIPOSA POÉTICA DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA ALEGORIA FEMININA NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Jeissyane Furtado da Silva (UFAC)

A fim de conceber as representações femininas na poesia do Romantismo, este trabalho se objetiva a ponderar reflexões acerca da transfiguração metafórica da mariposa, enquanto prerrogativa das competências físicas e emocionais da mulher brasileira. Deste modo, partimos de noções dos Estudos de Gênero, da Teoria e Crítica Literária e dos Estudos Culturais, sob empréstimos categóricos e analíticos de Jacques Derrida (2014), Antoine Compagnon (2010), Roger Chartier (2001), Mikhail Bakhtin (1997), Roland Barthes (1983, 2007, 2013), Virginia Woolf (2014) e Simone de Beauvoir (2016), no qual esboçaremos considerações sobre as poesias *A mendiga* e *O volúvel,* da coletânea poética *Cantos à beira-mar* (1871). Em processos similares, este trabalho pretende ponderar a representação alegórica da mariposa, enquanto condição subjetiva do eu feminino, "sujeita" aprisionada em casulos sociais que, diante da escrita, se rompem e transformam.

Palavras-chave: Literatura feminina. Alegoria. Maria Firmina dos Reis.

Simpósio Temático 02

dia 09

LITERATURAS EM PERSPECTIVAS ECOPEDAGÓGICAS: ARTE POÉTICA, NARRATIVAS, CULTURALIDADES E IDENTIDADES NOS PERCURSOS DO OLHAR-SENTIR

Coordenação: José Flávio da Paz (UNIR)
Néstor Raúl González Gutiérrez (UNAD-Colômbia)

O cenário social e histórico-existencial de um povo está representado, em grande parte, na sua literatura, difundida por meio da educação e registrada nas suas obras artístico-literárias. Sob essa égide, a presente proposta se sustenta na tríade das concepções do sociólogo e crítico literário Antonio Candido (1995) e da pesquisadora e bibliotecária Silvia Castrillón (2011), cujos posicionamentos são de que a literatura, o ato de ler e a leitura devam ser vistas como um direito básico do ser humano, bem como que aquela humaniza e transforma o meio que o ser humano ocupa e, portanto, torna-nos mais reflexivos e críticos frente às adversidades planetárias e existenciais. Ainda nessa direção, a pedagogia da terra, a ecopedagogia e a educação sustentável são temas guiados pelos educadores Paulo Freire (1995 e 1997), Moacir Gadotti (1995 e 1999) e Francisco Gutiérrez (1999), que anseiam por uma formação cidadã mais holística, digna e equitativa quando a humanidade, em particular, se reconhece parte desse processo evolutivo e harmonioso na relação homem-meio ambiente; e, completando, agregamos as ideias do filósofo Merleau-Pont, por meio da sua condução a uma formação humana que se efetive por meio de um olhar criador, crítico e criativo, o que ele denominou de olhar-pensar, ou seja, leitura, análise, síntese e compreensão da realidade e a formação crítico-cidadã decorrem de uma visão mais apurada e sensível, inclusive envolvendo a corporeidade, um estado mental equilibrado, entre outros que promovam o bem-estar como elementos totalizantes de um ser inserido em um determinado meio socioambiental. Desse modo, a literatura, a educação e a filosofia se unem nesse Grupo de Trabalho para congregar pesquisas em andamento ou concluídas que versem sobre essas temáticas tão emergentes nas agendas atuais, de maneira que possamos congregar produções dos estudos literários que caminhem na direção à formação de um leitor crítico, partícipe e envolvido com ações de mudanças rumo à construção de uma sociedade e de um Planeta possível de conviver com as diferenças e sobreviver a elas, as adversidades e as pluralidades culturais sem violências e guerras que são reforçadas pelas mídias e por modelos ditatoriais, os quais não colaboram em nada com a evolução da espécie. Outrossim, destacamos que, embora tenhamos apresentado os referidos teóricos, não significa que nos restringiremos a tais leituras, outras nessa linha de pensamento serão bem-vindas, tanto que revisamos bibliograficamente e revisitamos os seguintes autores e pesquisadores: Amaral, Cotinguiba e Sampaio (2015), Amaral, Pessoa e Brasileiro (2010), Braga (2012), Canton (2009), Cunha (2002), Durand (1998); García, Pinto e Michelli (2015), Marx e Engels (2010), Oliveira, (2012), Pereira e Atik (2003), Pietroforte (2007), Pinto, Santos, Alves, Santos e Silva (2020); Santaella (2012), Silva, Fortunato e Almeida (2013) entre outros que dialogam nessa direção. Espera-se, portanto, mediar, consolidar e difundir a leitura literária como um exercício (re)criador do imaginário, possibilitando o enriquecimento vocabular, a análise e a interpretação da realidade, que, igualmente, compreendam e interajam por meio dos jogos com as palavras, preenchendo lacunas não-ditas, mas intencionais por discussões ditatoriais, opressores e reducionistas que achatam, machucam e afetam as camadas menos favorecidas, negando-lhes o direito à leitura, à crítica e à produção do pensamento crítico e criativo.

Trabalhos que compõem o simpósio:

17H30 || 1. ENTRE CLAUSTROS, METAMORFOSES ANTRÓPICAS E (DES)CAMINHOS ANIMALESCOS: UM ESTUDO ECOCRÍTICO DE "*TELECO, O COELHINHO*", DE MURILO RUBIÃO

Guilherme Ewerton Alves de Assis (UFPB)

Na vida ordinária, o movimento social de remover brutalmente *o natural* – árvores, animais etc. – e conduzi-lo às grandes cidades tornou-se cada vez mais corriqueiro. No entanto, as reverberações de tais atos são nefastas e atrozes, sobretudo, para o meio ambiente. Nesse corolário, o presente trabalho perambulará pelo conto *Teleco, o coelhinho* (1965), escrito pelo mineiro Murilo Rubião – considerado, por Candido (1987), como um dos grandes nomes da estética do fantástico no Brasil –, no intento de depreender nuances, reverberações e vicissitudes ecológicas, bem como sua aplicabilidade em sala de aula. No enredo, destarte, deparamo-nos, preambularmente, com a expurgação, realizada por um homem de um coelho da natureza, a fim de albergá-lo na cidade, enclausurando-o em sua casa. De início, Teleco, o coelho, era gentil e amigável, inclusive, transfigurava-se em vários outros animais, a fim de agradar aos que o cercavam. Com o passar do tempo, imiscuído cada vez mais no ambiente urbano, longe de seu habitat e recluso na casa do homem que o adotou, apropria-se, de modo inevitável, de *imagos* e trejeitos do ser humano. Com efeito, enlaça-se com uma mulher e, também, como resultado da imposição antropomórfica atroz, o coelhinho passa a ser chamado de Antônio Barbosa. Ademais, acompanhamos comportamentos e emoções humanas realizados por esse animal, aos moldes de Kafka, metamorfoseado. No fim, o coelho adoece, tendo uma tosse nervosa e, em sua última metamorfização, vira uma criança suja, sem a dentição e morta – a natureza morreu. Para tanto, recorremos, como aporte teórico, a escritos que pleiteiem um estudo simbólico da ecologia – e da natureza –, assim como textos ecopedagógicos, cuja abordagem amalgama o meio ambiente e a subjetividade humana, tais quais: Bacherlard (2019); Freire (1995) e Candido (1986 e 1995).

Palavras-chave: Ecocrítica. Literatura fantástica. Natureza. Ecopedagogia.

17H45 || 2. CULTURA E ARTE COM PERSPECTIVA LITERÁRIA NUMA ESCOLA DE GUAJARÁ-MIRIM/RO

Glória Maria de Paula (UNIR)
Auxiliadora dos Santos Pinto (UNIR)

A cultura e a arte como expressão de um povo têm forte disseminação em Guajará-Mirim, por tratar-se de uma cidade histórica, criada sobre grande processo migratório, com influência da cultura indígena e do vizinho país Bolívia. Assim, as escolas do município de Guajará-Mirim vivenciam essas tradições que terminam por nortear algumas práticas pedagógicas voltadas à comunidade escolar, como é o caso do Boi Floradinho, criado em sala de aula por volta do ano 2000, na Escola Profa. Floriza Bouez, a partir de uma produção com materiais recicláveis. Após produzirem vários produtos, dentre eles um Boi, um dos alunos disse à professora: "Por que a gente não faz esse Boi dançar?", então a professora deu vida a esse Boi na Arena Floriza Bouez. Objetiva-se com este trabalho apresentar uma historicidade do Boi Floradinho, no Projeto FlorArte, como espaço de fortalecimento da arte e da cultura (dança, música, poesia, produção de adereços com materiais recicláveis) na referida Escola. Guajará-Mirim, localizada na porção Oeste do Estado de Rondônia, fronteira com a Bolívia, é uma cidade histórica com grande potencial turístico, onde o Festival Folclórico traz em si a marca do nosso povo amazônida com todo mistério e encanto da floresta. E para Palitot (2014, p. 11), "O Duelo da Fronteira interpreta, também, a Amazônia do índio e do caboclo, sua história, suas lendas e mitos, seus hábitos, ritos e rituais. Ousado, dinâmico e em permanente renovação, o Festival Duelo da Fronteira é uma das grandes manifestações populares de Rondônia. Neste sentido, a escola como espaço de (trans)formação social para a cidadania não poderia ficar alheia à cultura e à arte tão afloradas em nossa gente. Assim, durante as práticas pedagógicas vão sendo inseridas algumas marcas identitárias, como é o caso do Projeto FlorArte na escola, cuja culminância se dá através de apresentações folclóricas de práticas pedagógicas, inclusive o Boi Floradinho. E de acordo com Pinto (2020, p. 40-41), "Uma vez que as aprendizagens na Educação Infantil têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, e considerando que lhes são assegurados os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, o documento da Base Nacional Comum Curricular nos apresenta cinco campos de experiências que constituem um arranjo curricular para acolher as vivências concretas do cotidiano das crianças e seus saberes", reforçando, então, a importância das práticas pedagógicas para uma aprendizagem significativa. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, com abordagem de cunho qualitativo baseada em

experiências humanas. E para a realização da pesquisa, faz-se necessário organizar cinco momentos, assim descritos: 1. Pesquisa bibliográfica referente à Cultura do Boi no mundo, Brasil e em Guajará-Mirim; 2. Análise documental de criação do Boi Floradinho; 3. Relato de experiência de ex-alunos da escola; 4. Pesquisa de campo com aplicação de questionário semiestruturado, quanto à aceitação dessa cultura na escola junto aos pais de alunos; 5. Reflexão. Por volta do ano 2000, durante uma Prática Pedagógica, surgiu o Boi Floradinho; todos os adereços utilizados inicialmente no FlorArte (com material reciclado) foram elaborados pelos professores e alunos. Conforme o Floradinho foi ficando conhecido, as agremiações do Boi Flor do Campo e do Boi Malhadinho passaram a doar alguns adereços para fortalecer o evento. E como todo Boi, Floradinho se fez grande no ritual da pajelança e ganhou adesão da Comunidade Escolar e do Município de Guajará-Mirim nesses vinte e um anos que, com dança, música e arte, encanta todos de Floriza Bouez e nos convida a brincar de Boi. O Boi Floradinho é um evento que acontece dentro do Projeto FlorArte, e mesmo com sua efetividade, não tem uma toada própria, embora já disponha de um histórico em forma de poesia, que a "Ama do Boi" recita durante o chamamento nas apresentações como homenagem aos Bois Flor do Campo e Malhadinho, que com raça, encanto e magia, trazem aos Guajaramirenses alegria, através do Duelo da Fronteira.

Palavras-Chave: Escola. FlorArte. Prática Pedagógica. Sociedade.

18H00 || 3. O CANTO DO GRILO-PASTOR: ACORDES QUE REVERBERAM NA OUTRIDADE

Paulo Sérgio Borges David Mudeh (UNEMAT)

Publicado em 2002 no livro *Há Prendisajens com o Xão: o segredo húmido da lesma e outras descoisas*, o poema *Pastor de Estrelas* está centrado em um diálogo acerca do *grilo* e de suas metafóricas habilidades de pastorear as *estrelas*. Os versos são construídos de maneira a trazer e diferenciar as vozes do eu lírico e de seu interlocutor, o poeta cabo-verdiano Kaká Barbosa, ao qual o texto é dedicado e que nele é referido pela alcunha de *companheiro barbosa*. Nessas configurações, o pequeno inseto poético é apresentado como um agente capaz de auxiliar os seus aprendizes na concretização da tarefa de atuar sobre o panorama literário e nacional no período pós-independência de Angola, país de origem de Ondjaki, autor da obra em pauta. Por meio da análise dos elementos formais, morfossintáticos, estilísticos e fonético-fonológicos do texto, também com o auxílio de autores tais quais Alfredo Bosi (*O Ser e o*

Tempo da Poesia), Amadou Hampaté-Bâ (*A tradição Viva*), Gaston Bachelard (*A Poética do Devaneio*) e Octavio Paz (*O Arco e a Lira*), foram investigados os elementos estéticos do poema e a importância da figura animal para a construção de seus significados. O emprego de elementos relacionados ao telúrico na constituição das imagens, bem como o íntimo contato que o pequeno *pastor* possui com os astros luminosos do texto, serve qual representação da potencialidade da voz poética para agir na compreensão e na modificação da realidade do seu povo. Da mesma forma, o parentesco químico e alquímico que é atribuído entre um ser proveniente da Terra (e da terra, que o poeta também chama de 'xão') e corpos celestes distantes pode ser visto como metáfora da equiparação entre as literaturas estrangeiras – sejam elas de Língua Portuguesa, ou não – e a produção artística angolana em seu período pós-guerra. Por fim, a emblemática imagem de um animal no papel de mestre e, simultaneamente, objeto de observação do eu lírico é algo que reforça a importância desses seres na obra de Ondjaki, na qual o ínfimo é bastante presente e suscitador de intertextualidades diversas.

Palavras-chave: Literatura Angolana. Ondjaki. Identidade. Telúrico.

18H15 || 4. POEMAS DA NATUREZA E O AMOR PELA TERRA: UM ESTUDO NA OBRA "PÉROLA VERDE", DE JÚLIA ALMEIDA SOUZA

José Flávio da Paz (UNIR/UNEMAT)

O cenário atual exige um olhar-pensar reflexivo acerca do caos que se instala continuadamente nas relações entre o meio ambiente, a natureza e o ser humano, considerando que a esse último caberia a responsabilidade de cuidar, zelar e de proteger esse espaço. Nesse sentido, a poetisa guajaramirense Júlia Almeida Souza apresenta algumas leituras, viagens e análises na sua obra *Pérola verde* (1992), baseando-se em premissas como a memória, as lembranças, a identidade com a cidade de Guajará-Mirim-Rondônia - denominada de "Pérola do Mamoré" - ao retratar os aspectos fenomenais de uma natureza deslumbrante e sob os aspectos filosóficos da relação entre homem e a poética da natureza. O objetivo desta pesquisa é valorizar e reconhecer a produção da escritora e poetisa Júlia Almeida Souza, apresentada como uma linguagem simples, acessível e com uma sustentação lírica de grande profundidade que perpassa pela versão brasilianista romântica e as impressões parnasianas, ainda que incorpore uma dose de ingenuidade infantil e uma sensação de regresso no tempo. A pesquisa se sustentará nas acepções de Aquino (2008), Bauman (2007),

Bourdieu (1989), Canclini (1997), Candido (1979), Canton (2009), Le Goff (2003), Lévi-Strauss (1997 e 1983), Nimuendaju (1987), Paz (1977), entre outros. A metodologia aplicada será a revisão bibliográfica, e, diante dos resultados, espera-se contribuir com a formação crítico-cidadã daqueles que vierem a ler esta pesquisa e da comunidade em geral interessada pelo gênero historiográfico-poético.

Palavras-chave: Poesia de autoria feminina. Literatura rondoniense. Poéticas da natureza. Poesia e memória. Júlia Almeida Souza.

18H30 || 5. REFLEXÕES SOBRE O CONTO *UMA DOSE DE CICUTA* (2011), DO ESCRITOR MATO-GROSSENSE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA

Lucimaira da Silva Ferreira (UNEMAT)
Kátia Aparecida Pimentel (UNEMAT)

Este trabalho tem como propósito analisar o conto *Uma dose de cicuta*, do escritor mato-grossense Agnaldo Rodrigues da Silva, publicado no livro intitulado *Dose de Cicuta*, a partir da relação entre literatura e sociedade. O livro apresenta uma seleção de onze contos, publicados em 2011, pela Editora Unemat, em Cáceres - MT. Trata-se de uma coletânea de contos ficcionais que abordam vários temas sociais, entre os quais: a violência doméstica contra as mulheres, o parasitarismo, desigualdades sociais, crises existenciais, inveja, cobiça, infidelidade, medo, culpa e morte. No conto escolhido, a protagonista apresenta-se envolvida e dominada pelas convenções sociais, pois aceita as normas e as regras, sem questionar nem buscar mecanismos de superação para romper esse círculo vicioso. A personagem, com isso, vive à sombra da figura masculina, em que o casamento se torna o refúgio para uma vida tranquila e provida. No entanto, essa condição parece abrir uma válvula para uma vida sozinha e infeliz, mesmo estando acompanhada. A inércia em mudar o próprio destino impede a libertação das amarras do casamento, tornando a personagem a representação da espera, da agonia e da escravidão psicológica, em relação ao papel imponente do homem. Temos, nesse conto, a temática da morte, que, na narrativa, desempenha um papel fundamental para resolução de um problema socioexistencial, porque a protagonista pensa em envenenar o marido para se livrar daquela situação conflitante. Ademais, esta pesquisa se justifica pelo fato que o conto demonstra a relação da temática da mulher com o contexto social contemporâneo, discutindo o patriarcado ao longo do tempo. Do mesmo modo, o autor leva o

leitor a questionar o papel da mulher pelo confronto estabelecido entre a ficção e a realidade. Para sustentar as reflexões, será adotado, como aporte teórico, Candido (2006 e 2009), no debate instaurado sobre Literatura e Sociedade e também a personagem de ficção.

Palavras-chave: Literatura mato-grossense. Agnaldo Rodrigues da Silva. *Dose de Cicuta.* Literatura e Sociedade.

18H45 || 6. LITERATURA E ECOCRÍTICA: UMA REALIDADE POSSÍVEL NO CHÃO DA ESCOLA EM SÉRIES INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Rute Barboza da Silva (UNIR /SEMED)
José Flávio da Paz (UNIR/UNEMAT)

Este trabalho apresenta discussões que se inserem no campo da didática, estabelecendo reflexões por parte dos agentes escolares na perspectiva de que possam compreender a teia da vida, em textos literários do cotidiano. Os saberes do campo da ecocrítica são de grande valia quando inseridos na Educação Básica através da Literatura, pois esta guarda um lugar importante na educação da atualidade, vista que nos coloca em contato com a condição humana; nossa relação conosco, com os outros seres que habitam a biosfera e, mais que isso, com nosso próprio lugar no mundo Moraes (2005). Relacionamos o aprendizado com a conscientização do meio ambiente através de textos literários, teoricamente pautados nas teorias propostas por Leila Perrone-Moisés (2008), que já nos alertava para a necessidade de ajustarmos nossa prática aos novos tempos; Pinto (2013), que orienta para suportes de textos literários adequando-os quanto à correlação do texto com nossas vivências; Morin (2011), o qual defende que não haja distância entre o eu e a realidade porque esta é criação daquele e vice-versa. Para tanto, utilizaremos a abordagem exploratório-explicativa enquanto metodologia e iremos submeter nosso conhecimento e familiaridade ao conteúdo apresentado, com a finalidade de contribuir para a formação de todos, levando o educando e demais agentes a se reconhecerem como parte importante de um sistema ecológico, ambiental e natural. Espera-se como resultado maior interesse nas aulas, relatos de vivências e experiências que despertarão para escrita, leituras e outras artes, com ênfase no desenho e no teatro.

Palavras-chave: Didática. Texto literário. Educação básica. Interdisciplinaridade.

Simpósio Temático 03

dia 10

PAISAGENS PÓS-NATURAIS: PARA ALÉM DO HUMANO E DO PÓS-PANDÊMICO

Coordenação: Prof. Drª Sueli Meira Liebig (UEPB)
Prof. Dr. Suênio Stevenson T. da Silva (UFCG)

O termo pós-humanismo possui várias definições. É usado, de um lado, como uma forma de designar as correntes de pensamento que aspiram a uma superação de humanismo no sentido de ideias e imagens a partir do Renascimento clássico. Este destina-se a atualizar estas concepções ao Século XXI, muitas vezes envolvendo uma suposição das limitações da inteligência humana. Outro uso do termo costuma assimilar-se como o destino do transumanismo ao superar as limitações humanas, intelectuais ou físicas, através do controle tecnológico da própria evolução biológica. Isto faz emergir um estado existencial fisicalista através do qual se domina a transcendência natural da humanidade, segundo a engenharia genética humana. Assim, pós-humanismo e tecnologia evoluíram de mãos dadas, já que atualmente é uma maneira de se ter acesso ao conhecimento. Tão logo o pós-humanismo tomou forma na sociedade, suposições sobre o surgimento de um novo protótipo humano abrem um período de reflexão sobre as promessas da tecnologia. A humanidade está no limiar de um novo salto evolutivo da tecnologia, o que tem dado origem a vários cenários de evolução que, se por um lado dão medo, por outro são motivo de esperança. Já não restam dúvidas: nosso tempo se dividirá entre o antes e o depois da Covid-19. De fato, dificilmente houve acontecimento tão determinante neste século quanto a pandemia, e as consequências das recentes ações políticas, sanitárias e econômicas ainda mal começaram a ser vislumbradas. O que, portanto, devemos esperar para nosso futuro e o futuro das próximas gerações, das plantas e dos animais? No final, tudo depende do uso que os seres humanos farão da tecnologia. Este simpósio se destina a pensarmos nas mudanças mais profundas, naquelas transformações que devem moldar a realidade à nossa volta e, claro, as nossas vidas depois que o novo coronavírus arrefecer a sua saga mortífera. Que cenários prováveis já começam a se desenhar e devem se impor em um mundo pós-pandêmico?

Trabalhos que compõem o simpósio:

16H00 || 1. A INDIVIDUALIDADE DOS ANIMAIS NÃO-HUMANOS NO CONTEXTO DO PÓS- HUMANISMO

Rafaela Liebig Ramalho Lucena (UFAL)
Prof. Drª Sueli Meira Liebig (UEPB)

Com o renascimento e a consequente ruptura da narrativa teocêntrica, nasce o Antropocentrismo, movimento político e intelectual por meio do qual o homem passa a ser considerado um fim em si mesmo, um elemento central capaz de compreender o mundo à sua volta por meio de seu atributo inerente e mais caro: a racionalidade. Três séculos depois, com base nesta mesma habilidade cognitiva, esta narrativa merece ser revisitada. Sobretudo no sentido de questionar o papel nuclear desempenhado pela humanidade perante a tecnologia e no que tange à percepção da coexistência de outros indivíduos não humanos. Apresento-lhes o pós-humanismo! Neste recorte, tratamos especificamente da individualidade dos animais não-humanos neste contexto de pluralidades. Se a dignidade humana é, para a sociedade mundial, um sistema metafísico incondicional de valorização do homem, não a partir de suas habilidades, mas por seu valor moral inerente, logo, a dignidade animal surge enquanto desdobramento natural, um reflexo direto dos seus atributos compartilhados. Atributos estes que não seriam cognoscíveis sem o auxílio da tecnologia, sobretudo da pesquisa científica especializada. Aqui destaco os estudos relativos à senciência animal, área de conhecimento responsável por compreender a capacidade de experiência consciente dos seres, que nos trouxe relevantes descobertas acerca do grau de afetação consciente, tanto positiva quanto negativamente, que os indivíduos não-humanos são capazes de experienciar, dentre elas a possibilidade de desenvolvimento de emoções complexas e adoecimento psíquico. Daí surge a necessidade de uma postura ética direcionada a estes indivíduos. Vale lembrar que a senciência é valorada no sistema jurídico nacional à medida em que se regula a interação entre indivíduos humanos e não-humanos, com a vedação da prática de atividades cruéis. Ocorre que esta tutela já se demonstra insuficiente para amparar os complexos e novos casos que chegam ao judiciário, como a provocação para regular o direito de convivência de animais de estimação em hipóteses de dissolução conjugal. Além disso, a legislação se demonstra aquém do necessário para atender aos interesses dos animais, posto que boa parte da legislação que regula a relação entre seres humanos e não humanos o faz sob uma

perspectiva instrumental, considerando os interesses humanos e o valor do animal enquanto objeto, a exemplo da preservação dos animais silvestres enquanto elemento componente da fauna, nunca enquanto sujeito cujos valores "vida" e "integridade" merecem ser preservados. Assim como o ideal de dignidade humana considerado está necessariamente atrelado ao conceito de mínimo existencial, com o consequente rol de direitos mínimos para sua autopreservação, paralelamente e guardadas as devidas proporções, faz-se necessário a compreensão dos indivíduos não humanos enquanto - também sujeitos de direito, com a construção de uma dignidade própria, que derivada da dignidade humana, mas que com ela não se confunde.

Palavras-chave: Antropocentrismo. Dignidade animal. Indivíduo não humano.

16H15 || 2. PANDEMIA E PÓS-HUMANO: UMA REFLEXÃO ECOCRÍTICA SOBRE O UNIVERSO FICCIONAL DA SÉRIE *SWEET TOOTH*

João Vítor de Lima
Suênio Stevenson Tomaz da Silva

Nos últimos anos, o termo pós-humano vem ganhando cada vez mais visibilidade, sobretudo no âmbito dos estudos literários e da cultura. Tal palavra ajuda-nos a refletir sobre o ideal de humano para além do pensamento cartesiano. Em outras palavras, a noção tradicional de humano começou a entrar em crise, uma vez que essa ideia de uma criatura autossuficiente, não se sustenta, pois é ingênuo pensar em um organismo que não influencia e sofre influência do meio em que vive. É nessa linha de quebra da separação humano-natureza que surge o pós-humano, pois uma das grandes características da presente era é a "confusão entre ciência e política, entre tecnologia e sociedade, entre natureza e cultura. Não existe nada mais que seja simplesmente "puro" em quaisquer dos lados da linha de "divisão": a ciência, a tecnologia a natureza puras" (SILVA, 2009, p.11). É com isto em vista que, através deste trabalho, propomos uma reflexão sobre a série *Sweet Tooth*, adaptação de uma série de HQ's criada pelo canadense Jeff Lemire, buscando responder de que modo a série aborda o pós-humano, o universo pós-apocalíptico e o contexto pandêmico em seu enredo. Para tanto, apoiaremo-nos em Braidotti (2013), Santaella (2007) e Silva (2019) como subsídio da nossa reflexão em torno do pós-humano e Krenak (2019) para uma análise das relações humano e natureza. De forma parcial, percebeu-se que a série retrata a inter-relação dos humanos com a natureza como principal meio de sobrevivência, inclusive a partir dos seres híbridos, sugerindo uma

possibilidade de adaptação humana para um cenário distópico, pós-pandêmico e modificado pelas mudanças climáticas.

Palavras-chave: *Sweet Tooth*. Pós-humano. Pandemia. Sobrevivência. Ecocrítica.

16H30 || 3. "...EM DIREÇÃO À NATUREZA SELVAGEM": MUTAÇÕES AMBIENTAIS E TECNOLÓGICAS EM *JOGOS VORAZES*, DE SUZANNE COLLINS

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo (UEPB)

Os romances distópicos contemporâneos formam uma categoria literária que, ao longo dos anos, adquiriu espaço no âmbito cultural. Especialmente na atual situação pandêmica, a adesão a este tipo de literatura evoluiu de forma considerável devido a sua semelhança com a realidade global no que se refere ao retrato fictício de ambientes e sociedades que nos ajudam a compreender as configurações de possíveis cenários ambientais, ideologias políticas e comportamentos coletivos de panoramas futuros. Ainda, em sua estruturação, algumas obras se destacam pela habilidade em representar expressões imaginativas da dicotomia medo/antecipação ao refletir sobre uma conjuntura dominada por estruturas opressivas e, nesse conjunto de produções, traz-se a trilogia distópica *Jogos Vorazes* (2010-2011) – compostas pelos livros *Jogos Vorazes*, *Em Chamas* e *A Esperança* – da autora norte-americana Suzanne Collins (1962-). Ambientada em Panem, um retrato da América do Norte resultante de um pós-apocalipse ambiental, a série apresenta um cenário dominado pelo governo opressor da Capital metropolitana, que integra jovens entre 12 e 18 anos em arenas para lutarem entre si até a morte, cujo evento denomina os Jogos Vorazes. Este estudo, portanto, tem como objetivo realizar uma análise do primeiro volume, narrado e protagonizado pela personagem Katniss Everdeen, que se submete ao torneio como tributo voluntário para preservar a sua irmã, previamente convocada em sorteio para participar de temido combate. Proveniente de um trecho do *corpus* em análise, o título desta pesquisa sugere uma visão sobre o texto mediante uma perspectiva ecocrítica, principalmente na estratégia usufruída pelo governo totalitário em criar espaços naturais e seres vivos por interferências mutacionais e tecnológicas com o intuito de estabelecer a sua consolidação política, econômica e social, além de integrar indivíduos em condições de disputas mútuas e de sobrevivência. Nesse pressuposto, o teórico Greg Garrard, em *Ecocriticism* (2004), considera que uma ficção ilustrada por esses fatores é uma representação do "cornucopianismo", corrente de pensamento que defende o progresso tecnológico como um

dos elementos favoráveis para o bem-estar humano, principalmente daqueles pertencentes às classes desenvolvidas economicamente. Logo, além de Garrard, contribuições de Heise (2016), Sayre (2013), Worster (1993) etc., serão determinantes para o desenvolvimento analítico proposto, em vista do papel da supremacia humana na sua reconstrução ambiciosa de natureza em vantagem de seus interesses de progresso.

Palavras-chave: Cornucopianismo. Ecocrítica. Natureza. Tecnologia.

16H45 || 4. *ENDER'S GAME*: DA HEGEMONIA HUMANO AO ESPECISMO DO NÃO-HUMANO

Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (UEPB)
Rafael Francisco Braz (UFRN)
Sueli Meira Liebig (UEPB)

A relação entre a literatura e a sociedade é indissociável, como nos lembra Antonio Candido (2006), sendo a sociedade e a análise dos eventos socio-históricos e culturais uma espécie de "fermento orgânico" para a análise literária, como apontava o autor. Em *Ender's Game* (2013), traduzido para a língua portuguesa como *O jogo do exterminador*, é um filme baseado no romance homônimo *Ender's Game* (1985) escrito por Orson Scott Card, observamos uma narrativa que retrata uma sociedade distópica controlada por um governo despótico que restringe a taxa de natalidade pela quantidade de filhos que cada família pode ter. Desse modo, nenhuma família pode ter mais de um filho, a não ser que o governo permita ou ordene que assim o seja. Ender Wiggin, assim, pertence a uma família considerada fora do padrão pelos demais cidadãos, pois o governo ordenou os seus pais a terem três filhos, pois objetivam, a partir da análise do comportamento das crianças, recrutar o ser humano mais apto a derrotar uma sociedade alienígena. A partir desse ponto, objetivamos compreender como os estudo ecocríticos e pós-coloniais se entrecruzam com a narrativa cinematográfica com vistas a desenvolvermos uma análise sobre o especismo contra os seres considerados não-humanos ou que são animalizados/inferiorizados pelos animais humanos. Assim, seguindo as considerações de Dean (1994) que afirma que a ecocrítica é um estudo da cultura e dos produtos culturais que estão conectados com as ações humanas, observamos que este trabalho se justifica pela necessidade de apreendermos como o ser humano se constitui como um indivíduo hegemônico que outremiza e marginaliza todos aqueles que ele considera inferior ou que ele subalterniza para poder exercer cada vez mais o poder sobre outras

sociedades; sendo o assassinato em larga escala ou a aniquilação de quaisquer sociedades apenas um detalhe entre ele e os seus objetivos. Destarte, utilizamos de pesquisas de cunho bibliográfico e documental de caráter qualitativo a partir da análise da narrativa audiovisual *corpus* deste artigo e das considerações produzidas por autores tais como Buell (2005), Dean (1994), Derrida (2002), Mbembe (2016) Mukherjee (2010) e Singer (2010) para as discussões referentes aos estudos ecocríticos e pós-coloniais. Por sua vez, no tocante ao pós-humano e pós-orgânico, utilizaremos as contribuições de Santaella (2013) e Sibilia (2002). Assim, como resultados alcançados, verificamos como, na narrativa audiovisual, o ser humano se utiliza de narrativas para justificar todas as atrocidades cometidas contra indivíduos e sociedades considerados inferiores ou que não são humanas as quais ele deseja subalternizar, outremizar e colonizar. Dessa forma, por meio do controle da sociedade, a qual não questiona os seus governantes, observamos como o governo dos Estados Unidos da América, em *Ender's Game*, seleciona de forma eugênica Ender Wiggin – entre três irmãos – como o recruta perfeito para destruir uma sociedade alienígena, fazendo com que ele acredite que isso se trata de um jogo. Assim sendo, tornamo-nos testemunhas oculares de uma nítida ação especista em que o preconceito humano contra as demais espécies animais é capaz de aniquilar outros indivíduos por não possuírem características humanas, colocando o humano e o não-humano em polos opostos.

Palavras-chave: Ecocrítica. Especismo. *Ender's game*.

Simpósio Temático 04

dia 10

SIMPOIESIS INTERESPECÍFICAS NAS ESCOLAS INDÍGENAS DO ACRE

Coordenação: Profa. Dra. Ana Letícia de Fiori (CFCH e LaBinter/Ufac)

Entre as muitas tensões colocadas no cotidiano das escolas indígenas estão aquelas causadas pelo que Bruno Latour nomeou, em "Jamais Fomos Modernos", de *constituição moderna*. Esta institui não apenas uma divisão ontológica e epistêmica entre natureza e cultura, como inventa uma separação entre um poder científico encarregado de representar as coisas e um poder político encarregado de representar os sujeitos, *repartindo competências* de coisas e pessoas. Isto se reflete de modo crítico, mas não exclusivo, nas disciplinas escolares (agora, com a nova BNCC, falaciosamente denominadas "componentes") que advêm de divisões de trabalhos de produção de conhecimento entre ciências exatas e da natureza e humanidades e que trabalham pela *separação* e *purificação* entre domínios do mundo e sujeitos cognoscentes, produzindo com isso um rastro de híbridos os mais diversos. Torna-se trabalho das escolas indígenas então, ao defrontar-se com essas formatações escolares e seus repertórios, reverter os efeitos *epistemicidas* e *etnocidas* da constituição moderna ao encontrar caminhos pelos quais entretecer na, e pela escola, redes de relações entre *modos de conhecimento* e seus detentores, incluindo humanos e outros-que-humanos, com os quais se desenvolve sua cosmopolítica. Compreende-se então, a escola indígena como um nodo que figura feixes de relações, nas quais estes seres (animais, plantas, espíritos, donos) assumem um papel *simpoiético*, na expressão de Donna Haraway, em que os encontros entre espécies não são apenas simbióticos, mas implicam em um fazer-se recíproco pautado pela *responsabilidade* ou *resposta-habilidade* (response-ability, no original), compreendida como habilidade de responder, em que habilidades, potências e afecções de corpos e existências múltiplos coexistem e se implicam mutuamente. Nesse sentido, há um deslocamento ao se compreender os outros-que-humanos junto aos humanos como sujeitos do conhecimento não limitando-os à dimensão cognoscente, mas considerando sua dimensão senciente, que implica em intencionalidade e agentividade. O Laboratório de Interculturalidade do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre busca reunir e conhecer pesquisadores indígenas e não indígenas, de graduação, pós-graduação, pós doutorado, professores e professoras de escolas indígenas nas aldeias e/ou em mobilidade entre contextos urbanos e dos rios e florestas, para reunir, em uma ecologia de práticas e saberes, as experiências escolares e as inscrições dos muitos conhecimentos – distendendo a noção de escritura – considerando modos de tradução, partilha e habilitação (*enskillsment*, conceito empregado por Tim Ingold) intra e interculturais, intra e interespecíficos. Discussões teóricas no campo da tradução, de Walter Benjamin a Eduardo Viveiros de Castro, são refletidas à luz dos modos de comunicação estabelecidos entre conhecedores e mestres indígenas e seus professores outros-que-humanos, professores e professoras indígenas em exercício ou em formação, e pesquisadores e pesquisadoras não-indígenas oriundos da tradição moderna e as rupturas que buscam promover. Nesse sentido, este simpósio propõe a escuta ativa de contextos étnicos e escolares diversos no estado do Acre, a partir da pesquisa de professores e professoras indígenas vinculados ao LabInter.

Trabalhos que compõem o simpósio:

16H00 || 1. AS PLANTAS E OS ANIMAIS NA ESCOLA NUKINI

Maria Valdenice Silva de Souza (Dinha Nukini / Escola Estadual Pedro Antonio de Oliveira)

A educação ambiental é um eixo do projeto pedagógico das escolas do povo Nukini, o "povo da onça", que vive às margens do rio Moa, Acre, na fronteira do Brasil com o Peru. Esta região, onde está a Reserva Extrativista da Serra do Divisor, é considerada uma das mais biodiversas do mundo. Talvez por isso os professores e agentes agroflorestais Nukini estejam tão ligados e atentos ao meio ambiente. Desde a nossa origem, tudo o que aprendemos para viver na floresta foi com os seres que nela convivem conosco. Os animais são nosso sustento e as plantas são nossas cuidadoras. Assim, nossas famílias se organizam de acordo com o animal ou planta que mais ensina como cada uma deve ser: Inubakëvu (“gente da onça pintada”), Panabakëvu (“gente do Açaí”), Itsãbakëvu (“gente do Patoá”) ou Shãnumbakëvu (“gente da cobra”). Como buscamos a transmissão desses conhecimentos na educação escolar é sobre o que pretendo refletir em minha fala neste simpósio.

Palavras-chave: Educação Nukini. Educação ambiental. Povos do Acre.

16H15 || 2. A FLORESTA E A ESCOLA HUNI KUIN

José Benedito Ferreira (Centro de Formação Intercultural Txima Huni Kuĩ)

A aldeia Água Viva fica nas margens do rio Tarauacá, numa das 12 terras indígenas do povo Huni Kuĩ, no estado do Acre, Brasil (Terra Indígena Kaxinawá Praia do Carapanã). Para os Huni Kuĩ a terra é de uso coletivo; as famílias, chefiadas pelos homens, fazem seus roçados, utilizando os espaços disponíveis para o plantio de forma que toda a comunidade possa utilizá-los. Para organizar a sobrevivência, desde tempos antigos, os trabalhos na aldeia são divididos por sexo e por idade. Assim o Huni Kuĩ vem praticando suas artes tradicionais, que vão desde a tecelagem em algodão, com tingimento natural, até a cerâmica feita em argila com cinzas obtidas de animais, árvores e ainda cacos de outras cerâmicas, onde são escritos os Kene (que são formas de nossa escrita), como uma espécie de marca que identifica nossa cultura e seus significados estão relacionados à coragem, força, poder e sabedoria. O artesanato com algodão, que nós plantamos, é uma das principais fontes de renda das famílias.

O que mais importa para um Huni Kuĩ, homem verdadeiro, ele encontra na floresta, por isso baseamos a educação nas histórias dos seres que vivem nela.

Palavras chave: Pedagogia Huni Kuĩ. Povos do Acre. Tradições orais e ecologia.

16H30 || 3. NAS MARGENS DO RIO TARAUACÁ, NASCE UMA LITERATURA, NA GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA ALDEIA PINUYA

Raimundo Mateus Martins (Bina Huni Kuin/ Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre)

Pesquisei com os velhos da minha aldeia Pinuya, na Terra Indígena Colônia 27, Acre, a história dos legumes e suas famílias. Nossa sociedade Huni Kuin também se organiza de acordo com essas mesmas famílias: Inu, Inani, Banu e Dua. Desde o surgimento e de quando gerou todas as espécies. De dentro da floresta vieram as ervas medicinais e veio também a identificação das medicinas: para que serve cada medicina e qual medicina que faz parte das famílias Inani, Banu, Dua, Inu; também identificação da erva que cura cada doença, como usar o preparo da medicina, desde como fazer para beber, defumar, cheirar e preparar os banhos e as pomadas. A importância dessa história é que ajuda a desenvolver o trabalho com a minha comunidade: desde o plantio de frutíferas, o manejo, a cultura, a conscientização, a vigilância da terra indígena, o aumento da produção da agricultura, a boa saúde, o fortalecimento espiritual, a segurança, a alimentação de boa qualidade e a merenda regionalizada para a escola, para que o aluno tenha melhor desempenho. Neste Congresso, quero contar essa história, porque ela é importante para minha formação como Agente Agroflorestal Indígena. Trabalho junto com o professor e os alunos, o Agente de Saúde, o Agente de Saneamento, as mulheres artesãs, os pajés e o grupo de música Pinu Huya Keneya, que me apoiam no trabalho material e espiritual. O grupo Pinu Huya Keneya me ajuda no trabalho de campo, ajuda na limpeza, e a coletar os lixos orgânicos e não orgânicos. Nossas artes e literatura também são nossa geografia e nossa história, desde quando nossa aldeia começou.

Palavras-chave: Agrofloresta. História Huni Kuin. Literatura Indígena.

16H45 || 4. AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA COMUNICAÇÃO DOS APURINÃ COM OUTROS POVOS (HUMANOS E NÃO HUMANOS) DA FLORESTA

Valdirene Nascimento da Silva Oliveira

A presente escrita visa discutir como se dá a relação entre o povo Pupỹkary/Apurinã e os demais seres como: animais, vegetais e encantados, como convivemos e aprendemos com essa relação de interdependência uns com os outros. O povo Pupỹkary/Apurinã é habitante do estado do Amazonas mais precisamente ao sul, a maioria de suas terras está localizada ao longo do rio Purus. Também estamos divididos em aproximadamente 27 terras que vão de Rondônia a Manaus. O povo Pupỹkary/Apurinã está dividido em dois clãs: Xuapurynery e Meetymanety. A qual grupo o Pupỹkary ou pupykaru pertence é definido pela patrilinearidade. Essa divisão vem desde os troncos ancestrais que vem do deus Tsura, que estabeleceu essa divisão para não haver casamento entre parentes e consanguíneos a fim de evitar casamentos incestuosos entre irmãos. Sendo assim, só podemos nos casar com o clã oposto ao de nascença. A divisão de clãs não afeta a rotina e vida da aldeia, todos trabalham, vivem e festejam juntos. Na divisão de clãs também ficou estabelecida a divisão de alimentos. Nós Pupỹkary/Apurinã respeitamos todas as formas de vidas, entendemos que todos os seres merecem nossos respeito, humanos e não humanos, todos que transitam em nosso meio, tanto no plano visível quanto invisível. Esse respeito parte da nossa imbricada convivência com a terra e natureza, pois entendemos que todas as coisas emanam dela. Entendemos que nós somos da terra e dela tiramos somente o suficiente para nos alimentar. Desde crianças, somos ensinados que cada animal ou vegetal tem seus espíritos. Se formos coletar qualquer coisa, precisamos pedir licença e acima de tudo agradecer, é preciso ter uma sintonia verdadeira nessa relação. Mas são nossos *Kusanaty* ou *mỹyty,* que o cariú chama de pajés, que transitam entre esses dois mundos e nos ensinam como ser e fazer nesse processo de interdependência. Para ancorar presente pesquisa, buscamos autores indígenas e não indígenas que escreveram ou escrevem sobre o povo Apurinã, podemos citar autores Apurinã: Francisco Apurinã (2012, 2019), Alan Apurinã (2018) Kuawua Apurinã (2019) Kamara Kymiu Apurinã (2018). Também contamos com os relatos de parentes Pupỹkary/Apurinã sobre nossa relação com os demais seres como: animais, vegetais e encantados, como convivemos e aprendemos com essa relação de interdependência uns com os outros. A metodologia usada para esta pesquisa será a etnografia. Os resultados deste trabalho propõem contribuir para os debates/discussões acerca da relação do povo Apurinã e demais seres num processo relacional.

Palavras-chave: Pupỹkary/Apurinã. Animais. Vegetais. Encantados. Etnografia

Simpósio Temático 05

dia 11

ANIMAIS, PLANTAS E HOMENS VERDADEIROS,
SUAS LETRAS E SEU ENSINO NAS FLORESTAS DO ACRE

Coordenação: Maria Inês de Almeida (LaBinter/PPGLLI/UFAC)

Ementa: "Ao tratar da vida animal, Kafka toca na crise da soberania e da nossa autoimagem. Essas duas crises se lhe aparecem como paralelas. Ele mostra o animal em nós, como Freud e, antes dele, Darwin o fizera. Ele mostra um poder amorfo, teoricamente o monopolizador da violência, que tenta gerir essa vida nua que lhe escapa." Assim, Márcio Seligmann-Silva nos aponta, em seu ensaio "Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee", como desde o início do século XX a crise do humanismo europeu era central na literatura ocidental (vejamos, por exemplo, o Modernismo de Oswald de Andrade). Walter Benjamin, também leitor de Freud e Darwin, foi um pensador dessa crise e, ao questionar a História (a historiografia positivista), levou a crítica literária a paragens limítrofes de uma evolução humana que, às avessas, deu em catastróficas grandes guerras. Mas, e no além-mar, onde os mitos ameríndios nos jogam no seio da "vida nua", ainda poderemos negar que as demais espécies de vida são as que detêm a chave para a dissolução desse poder violento e monopolizador do "homem civilizado"? O que os animais e as plantas ensinam no chamado Novo Mundo, nas florestas tropicais? A questão, não para ser respondida, se coloca na base de pesquisas do Laboratório de Interculturalidade da UFAC, que buscam conhecer como a chamada "escola indígena" dos povos do Acre, na Amazônia brasileira, se constitui com seus mestres plantas e animais. O que estes mestres ensinam aos humanos? Como cuidam para que o jardim selvagem siga permitindo o pensamento, ou que o pensamento siga permitindo o jardim selvagem?

Trabalhos que compõem o simpósio:

15H00 || 1. O DICIONÁRIO DE HÃTXA KUIN NA PESQUISA E NO ENSINO HUNI KUIN

Joaquim de Lima Kaxinawá

Desde 2014, meu povo Huni Kuin, em suas 12 terras indígenas no Estado do Acre, Brasil, vem construindo de forma amplamente participativa a base curricular comum de suas escolas, para garantir nas suas aldeias um Ensino Fundamental de qualidade, visando sobretudo ao fortalecimento da própria cultura. Coordenando esse processo, como doutor em Linguística, em estágio pós-doutoral no Laboratório de Interculturalidade da do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (LaBinter), venho desenvolvendo materiais didáticos para a implementação dessa base curricular. Em 2021, publicamos o *Hãtxa Kuin Xarabu,* que consiste num glossário de nossa cultura, entendendo que é na língua que esta se desdobra e se cultiva. O ensino da língua materna é o eixo da escola huni kuin. Através da língua, os mestres do povo transmitem os saberes da floresta: plantas, animais, espíritos e a lógica de suas relações. É sobre a pesquisa, a organização e a utilização desse livro na implantação da Base Curricular Comum Huni Kuin, recém publicado, que pretendo falar no simpósio proposto por nosso Laboratório de pesquisas.

Palavras-chave: Hãtxa Kuin. Saberes da Floresta. Literatura Huni Kuin.

15H15 || 2. HUNI KUĨ E MEIO AMBIENTE: OS REZOS INICIAIS DO PAKARĨ

João Sereno - Txana Kixtĩ Huni Kuĩ (Aldeia Altamira Ni Yuxibu, AC)
Charles Soares Huber (UFAC)

Utilizando diferentes meios e sistemas ancestrais próprios de conhecimento, os povos indígenas trabalham em seus territórios manejando a terra e seus recursos naturais, proporcionando uma alimentação de qualidade e garantindo sua segurança alimentar. Nesse processo, os povos originários garantem também a manutenção de sua cultura e crenças, a produção de artesanato e manufatura e o contato com outros grupos (aldeias). Essa dinâmica contínua de manejo dos recursos naturais proporciona um melhoramento contínuo no que a

ciência ocidental chama de manejo dos recursos naturais, também chamado de gestão, nesse caso gestão ambiental, que nada mais é do que ter zelo/cuidar para poder usufruir. O povo Huni Kuĩ sempre fez o manejo e a gestão de seus territórios. Isso significa que cuidam e manejam a terra tendo como base os conhecimentos tradicionais, transmitidos pelos seus ascendentes, moldados ao longo das gerações. Dessa forma, a segurança alimentar nas comunidades se fortalece e é garantida pelo plantio de macaxeira, milho, banana, amendoim e inhame. Parte dos conhecimentos tradicionais não se traduz em técnicas de plantio, mas sim em uma sequência de rezos entoados no momento da escolha da terra, remoção de plantas baixas, remoção de árvores, limpeza da terra, plantio, manutenção das culturas, colheita e, ainda, fora do sistema de plantio, há o Katxa Nawa, uma celebração também chamada de Festa dos Legumes, um agradecimento pela abundância onde são chamados os Espíritos dos Legumes. Esse conjunto de cantos integram o Pakarĩ Katxa Baiwa, uma forma de respeito ao que é sagrado: o meio ambiente. O primeiro canto é Hawa Maewẽ Ẽ Kaĩ Yaĩ, que significa "Em qual terra estou chegando?", com perguntas direcionadas a avó (Txitxi), que responde em consentimento. O segundo é o Sepai Pakarĩ, o "canto do corte das plantas baixas", um conto sobre um homem trabalhando na terra. Na sequência, o terceiro é Bai Rerai Pakarĩ, o "canto do corte das árvores sagradas", uma narrativa onde são chamados os espíritos dos pássaros.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Sustentabilidade. Gestão Ambiental. Huni Kuĩ. Pakarĩ.

15H30 || 3. O ENSINO DA JIBÓIA NOS LIVROS DIDÁTICOS HUNI KUIN

Marina Bylaardt (UFAC)

O povo Huni Kuĩ, da família linguística pano, vive no Peru e no Brasil, onde compõe a mais numerosa população indígena do estado do Acre e tem uma forte tradição artística/artesanal. Esta comunicação está relacionada com a presença mítica da jiboia em diversas formas de expressão deste povo. Procura refletir, especialmente, como essa presença se revela nos processos educacionais construídos ao longo dos anos, desde as primeiras escolas indígenas até hoje, com foco na produção e uso das imagens artísticas dentro destes processos. Reúne observações acerca das artes produzidas por alunos e professores huni kuĩ e de seus reflexos nos projetos gráficos como método de transmissão de conhecimentos. Os kene, principal referência estética desta cultura, sendo a forma tradicional de escrita não-verbal deste povo, é um conhecimento oriundo dos ensinamentos da jiboia – Yube, ser mítico que é metade

homem, metade cobra, que transmite às mulheres esse grafismo como uma língua dos espíritos.

Palavras-chave: Huni Kuĩ. Kene. Escola indígena. Processo educacional. Jibóia.

15H45 || 4. HISTÓRIA DO PÁSSARO AZUL, O QUE ELA ENSINA

Abijicélia Shanenawa

O povo Shanenawa, que vive às margens do rio Envira, no Estado do Acre, Brasil, foi nomeado em tempos míticos pela arara azul. Nossa história começa com esse nome e é contada de geração em geração por nossos mestres, os nossos velhos. Como professora da aldeia Morada Nova e pesquisadora do Laboratório de Interculturalidade do PPGLLI/UFAC, quero contar neste simpósio, ainda que brevemente, a história do nosso nome e refletir sobre como nosso ensino escolar se baseia nos ensinamentos dos animais e das plantas.

Palavras-chave: Shanenawa. Ensino escolar. Animais. Plantas. Ensinamentos.

16H00 || 5. AS CANÇÕES DE SHUAYNE

Cristiane de Bortoli (LaBinter/PPGLLI/UFAC)

O povo Shanenawa, assim como os demais que vivem no Acre, passou pelo processo de escravização seringalista, sofrendo correrias e tendo seus costumes e modos de vida ameaçados. Vivem na Terra Indígena Katukina/Kaxinawa, rio Envira, município de Feijó/AC. A aldeia Shane Kaya foi criada em 2014 e desde então vivem sua cultura baseada nos ensinamentos do Shuayne (101 anos), mestre de canções de seu povo e conhecedor profundo da cultura Shanenawa. Também é um *rauyá,* termo que designa um dos dois tipos de especialistas relacionados à cura na sociedade *shanenawa*. Assim, observa o mundo de diferentes formas, sob diversos olhares, se comunicando com outros seres e plantas de diversas formas e, de acordo com Manoela Carneiro da Cunha, este tipo de especialista é um tradutor e decifrador de mundos. Dentre o conjunto de canções e histórias do povo que Shuayne canta e conta, temos várias que dialogam com animais e plantas, como a canção que chama o espírito do *Kapa* (quatipuru) e de outros animais para lhe ajudar na hora de plantar o seu roçado. E para explicar esta canção, ele traz duas histórias e fragmentos de outras, imbricadas, que tratam sobre a criação dos legumes, onde ressalta a importância desse animal

para seu povo. Essa conjunção de fragmentos de histórias é o que identificamos a partir dos pressupostos de Lévi-Strauss como bricolagem que, assim como um mosaico, a narrativa apresenta algo único a partir de diversas partes que se unem como uma colagem, sem terem necessariamente uma ordem fixa e podendo ser modificadas a cada versão.
Palavras-chave: Canções Shanenawa. Tradução. Animais.

RESUMOS

Comunicações Livres

ASLE Brasil

Comunicações Livres

dia 09

09/08/21 | SEGUNDA-FEIRA | 17H30 | **SALA 1**

17H30 || SALA - 1 - COMUNICAÇÃO - 01

DO CONTEXTO REGIONAL VERSADO EM PROSA À BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA EXISTENTE NA POÉTICA DE FELISBELO JAGUAR SUSSUARANA, EM SEU POEMA RIO SÍMBOLO

Luciandro Tássio Ribeiro de Souza (Universidade Federal do Oeste do Pará-Santarém)

Este trabalho visa reconhecer a importância da literatura santarena como prática social contextualizada, e, para isto, buscou-se resgatar a poética de Felisbelo Sussuarana, em seu poema Rio Símbolo. O interesse pelo tema foi pela importância da literatura santarena retratar o contexto regional versado em prosa e a biodiversidade amazônica. É possível constatar *in loco* a escassez de publicações de autores regionais, o que dificulta conhecer a literatura local. Sobre a literatura local, objetivamos destacar a potência e dimensão social da poética de Felisbelo Jaguar Sussuarana, e contextualizar uma de suas poesias pela capacidade representativa de expressar o potencial da natureza amazônica, simbolizada pelo rio Tapajós, versado no amor entre o Rio e a cidade Santarém. Uma história de amor, ele, o rio, ela, a cidade. Pela poética são namorados. Pela poética Tapajós é amado e adjetivado, como um ser arrogante, altivo e desejante pela "Mulher Amada" Santarém. A metodologia utilizada foi a fenomenologia da imaginação, com base em *A Poética do Espaço*, de Gastón Bachelard (1993). O resultado mostrou que a poética sussuarana traduz a onírica geografia do Tapajós, que deságua no colo da amada planície Santarém. A literatura como prática social contextualizada no interior da Amazônia, primeiramente se propôs resgatar a importância do poeta santareno, Felisbelo Sussuarana, e contextualizar o potencial de sua obra, que tem como abordagem a biodiversidade amazônica; e, num segundo momento, se discutiu também a possibilidade de a literatura santarena se tornar acessível à população local, e, se possível, alcançar o circuito literário nacional e internacional. Acreditamos que a apresentação do poema de Felisbelo Sussuarana representou uma pequena mostra do potencial da literatura santarena, isto porque, primeiro: Sussuarana foi pioneiro em traduzir o baixo amazonas pela poética em prosa e verso. Sua poesia fala de Santarém e com Santarém. Vimos que a poética é uma expressão do inconsciente para falar das coisas e símbolos, e, pela imaginação, o poeta tem a liberdade de dizer. Para Sussuarana, o rio Tapajó,s antes de ser um recurso natural, é o Rio Símbolo da vida e do amor, um rio altivo, arrogante, atleta saltador de cachoeiras, um

beijoqueiro de praias e barrancos, e tem como fim o colo da planície Santarém. Por outro lado, o trabalho tratou também de debater a importância social da literatura como um instrumento de transformação; e destacou também a possibilidade de a literatura santarena se tornar disponível para a população local e para o circuito nacional e internacional. Foi constatado também ser um dos desafios para acessar a literatura santarena, principalmente a de Felisbelo Sussuarana, dado que, até o momento, pouco da sua produção foi publicada, e, mesmo assim não está disponível em editoras. Espera-se que a obra de Felisbelo Sussuarana e de demais autores locais, possam interessar as editoras, assim como possa também o Estado criar políticas públicas de incentivo à literatura regional.

Palavras-chave: Literatura santarena. Natureza amazônica. Prática social. Felisbelo Sussuarana. Poética.

17H45 || SALA - 1 - COMUNICAÇÃO - 02

QUESTÕES AMBIENTAIS E COLONIALIDADE NO BRASIL PROFUNDO DE GRACILIANO RAMOS: *VIDAS SECAS* EM PERSPECTIVA

Francisca Eugenia dos Santos (Universidad de Santiago de Chile)

A literatura brasileira e seus grandes clássicos nos levam por caminhos inóspitos e rudes, singulares características do sertão brasileiro. As experiências estéticas de Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz, Guimarães Rosa, centradas no flagelo do povo sertanejo, na fome, na pobreza, e no abandono político, fizeram com que suas obras fossem conhecidas pela profundidade das narrativas no resgate dos males causados pela seca, o embate climático, e as relações de poder. Porém, consideramos que ninguém retratou com maior realismo os desastres ambientais, e a crueza da caatinga como Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, um relato lançado no ano 1938, onde encontramos morte, destruição e desigualdade social. Nosso objetivo, no presente trabalho, é refletir sobre a realidade dos textos literários, e seu tratamento das questões ambientais através de uma análise interdisciplinar, centrada em uma discussão bibliográfica em torno das teorias pós-coloniais, ambientais e a literatura. Através da obra de Graciliano Ramos pretendemos reconstruir a relação homem-natureza, e a incidência das relações sociais no Brasil dos anos 30, principalmente no nordeste brasileiro, além de suas consequências na qualidade de vida do homem sertanejo. A vida das personagens da obra, os diálogos, a descrição do bioma da caatinga, a crise hídrica e os

desastres naturais constituem a realidade empírica da presente proposta investigativa. Por outro lado, trata-se de compreender as relações socioambientais e as ações intervencionistas identificadas na obra através de um processo de crescimento econômico desenfreado, e socialmente desigual, que mantém muitas regiões do sertão nordestino no padrão da linha de pobreza extrema.

Palavras chave: Literatura. Meio Ambiente. Teorias pós-coloniais. Sertão Nordestino. Graciliano Ramos.

18H00 || SALA - 1 - COMUNICAÇÃO - 03

ANIMAIS EM *TERRA ENCHARCADA*, DE JARBAS PASSARINHO: UMA LEITURA SOB A PERSPECTIVA ECOCRÍTICA E DECOLONIAL

Renata Batista da Silva (Universidade Federal de Rondônia)

Quando se trata de textos literários sobre seringais e seringueiros, o romance *Terra Encharcada* de Jarbas Passarinho, ainda é pouco trabalhado nos meios acadêmicos. As criações literárias sobre a borracha, além de explorarem a agonia dos seringueiros na floresta, também nos oferecem inúmeras possiblidades de reflexões sobre o relacionamento do homem com a natureza, suas impressões sobre a Amazônia e acerca do novo ambiente. Neste artigo investigamos como esta obra explora a relação do homem com a natureza, incluindo-se os animais, que ocasionalmente também são vítimas no contexto do seringal e do inferno sofrido por eles, já que são a caça de todo o seringueiro, uma vez que se tornam quase a única fonte de alimentação naquele ambiente inóspito do "inferno" na Amazônia. Neste caso, não o inferno verde de Rangel e outros escritores, mas o inferno encharcado vivido pelos animais que sofrem com a invasão de homens que também são tratados e caçados pelos seringalistas. Concentraremos nossa atenção no tratamento dados aos animais na obra de Jarbas Passarinho, pois eles acabam fazendo parte desta luta pela sobrevivência na selva. Para auxílio em nosso estudo, usamos autores decoloniais como Walter Mignolo (2008) e Aníbal Quijano (2012) que sugerem que a agressão ao meio ambiente é parte de um processo colonizatório e teórico da Ecocrítica, que exploram a relação entre a literatura e o ambiente físico questionando como a natureza é representada na obra literária. Textos de Greg Garrard (2012), bem como textos de estudiosos da Amazônia e dos seringais, como Marcio Souza, J P Loureiro, Samuel Benchimol serão utilizados.

Palavras-chave**:** Amazônia. Caça. Animais. Ecocrítica. *Terra Encharcada*.

18H15 || SALA - 1 - COMUNICAÇÃO - 04

O MEIO AMBIENTE NA OBRA *O LUGAR DO SABER* DE MÁRCIA KAMBEBA

Francilene Virgolino de Azevedo (Universidade Federal de Rondônia)
Hélio Rodrigues da Rocha (Universidade Federal de Rondônia)

Nos anos 90, a literatura indígena, ultrapassou os limites da aldeia e a produção literária dos representantes dos povos nativos alcançou maior projeção no cenário nacional. Ao transpor as narrativas orais para a cultura letrada, os escritores dos povos tradicionais também colocam em pauta questões de ordem ambiental. Propomos neste artigo demonstrar a importância da literatura como ferramenta na luta pela sensibilização de um meio ambiente preservado. Ao fazer uso da escrita, o indígena tem a possibilidade de manejá-la para uma série de finalidades, entre elas: permitir a conservação de sua identidade, reforçar suas denúncias, reivindicar seus direitos, além de evidenciar, através da escrita, como a natureza foi e vem sendo degradada desde a chegada do europeu, o "homem moderno e civilizado". O indígena, ao se apropriar da literatura escrita, passa a utilizá-la como um instrumento de luta, pois é uma via para expor o relacionamento do indígena com a Terra, o respeito pela mata, pelos rios e animais. O corpus tomado para a análise compõe-se dos textos "Terra sem mal", "O choro da terra" e "Intervenção humana" que se encontram na obra *O lugar do saber***,** de Márcia Wayna Kambeba (2020). A autora, que vive fora da aldeia onde foi criada, transporta para a obra literária os saberes, as crenças, as tradições do seu povo e as denúncias relativas aos modos com que a natureza foi domada e domesticada por ocidentais e suplica por auxílio. A base metodológica desta pesquisa é exploratória e de caráter qualitativo, tendo como aporte uma bibliografia que prioriza o conceito de literatura tal como o concebe Antônio Candido (2004), e a concepção de ecocrítica de acordo com o pensamento de Greg Garrard (2006) presente na obra Ecocrítica. Para o desenvolvimento da pesquisa, dialoga-se com autores indígenas como Márcia Wayna Kambeba (2018-2020), Daniel Munduruku (2018*)* e Graça Graúna. (2012-2019).

Palavras-chave: Literatura indígena. Márcia Wayna Kambeba. Meio Ambiente. Ecocrítica. Escrita.

18H30 || SALA - 1 - COMUNICAÇÃO - 05

A CONSTRUÇÃO DA ÉTICA ANIMAL NA AMAZÔNIA DE MILTON HATOUM

Patrícia Helena dos Santos Carneiro (Universidade Federal de Rondônia)
Júlio César Barreto Rocha (Universidade Federal de Rondônia)

Trata-se de apresentar o autor Milton Hatoum como preocupado na construção de uma Ética animal na Amazônia, a partir de uma perspectiva da Ecocrítica, desvelando duas das suas obras como dotadas de uma percepção acerca do tratamento de personagens animais, em uma região destinada a um reconhecimento da importância da vida de não humanos. Esta pesquisa, derivada de dois projetos concluídos, um PIBIC e um estágio pós-doutoral, realiza uma reflexão sobre o tema da dignidade animal por meio de uma análise jurídico-cultural. A discursividade de Hatoum e a sua narrativa literária deixam entrever um futuro em que a Ética animal compartilha espaço de ampliação dos limites da dignidade da pessoa humana. O campo teórico do debate sobre o bem-estar animal e o direito animal está norteado pelo princípio da dignidade dos animais, realizando-se um tratamento político-cultural, com viés interdisciplinar, vinculado ao dialogismo entre Literatura e Direito. Manejam-se obras da Ética, a par de autorias de literatura em que surgem bichos, considerando-se uma atitude em favor de maior empatia humanista, rompendo um ideal do centramento no ser humano, assumindo uma preocupação com o não humano, contra a crueldade, embora não se perca o antropocentrismo, apenas mitigado na obra de Hatoum. Destaca-se corrente mais holística, na vinculação Pessoa–Natureza, em que a integração entre animais e floresta favorece a preservação ambiental, útil a cada ente. Autores vários utilizam animais para conferir cor local, com descentramento eventual, abrindo espaço a um ricto de terror, nojo, violência ou até amor, mas inevitavelmente fazem-no com toda a artificialidade que exige uma personagem secundária, adjutória, por vezes até desnecessária ao bom andamento e melhor conclusão da narrativa. Um breve levantamento de obras com animais faz entrever como funcionam na estrutura narrativa como simples coadjuvantes: uma boa dezena de bichos literários serve de contraponto, desvio, oxigênio em tempos de tensão, enquanto, na caracterização dos animais de Hatoum, instituem mais veracidade, na lógica da construção de uma Ética animal para a descrição argumentava da sua Amazônia. De Torga a Vinicius de Moraes, dos livros de terror aos infanto-juvenis, a bicharada mereceu papel central ou marginal nos enredos, mas sempre socialmente excêntrica, enquanto, em Milton Hatoum, os

animais o reconhecimento da sua importância, ampliam a própria humanidade dos seres humanos. Em termos literários, consegue-se destacar a obra de Hatoum como transição a uma consciência ecológica mais densa de valores, ao mesmo tempo em que se observa uma Ecocrítica consolidada, olhar distinto para este milênio, um salto humanista quântico, saneando dúvidas e dívidas que os séculos anteriores preferiram olvidar. A imaginação do brasileiro médio, elite letrada, está povoada de bichos, que caem, logo, no ralo da subconsideração objetificante, e, cansados, por um lado, da metáfora amoral de "passar a boiada", por outro, há um divisor de águas, nas obras de Milton Hatoum, ganha terreno uma Ética em que a capacidade e o direito dos seres sencientes são reconhecidos, em medida paralela ao interesse pela formação de uma Amazônia respeitando uma condição de igualdade, para o benefício de pessoas e animais.

Palavras-chave: Amazônia. Direito animal. Ética. Político-cultural. Ecocrítica.

09/08/21 | SEGUNDA-FEIRA | 17H30 | **SALA 2**

17H30 || SALA - 2 - COMUNICAÇÃO – 01

THORNTON BURGESS, O POTENCIAL DA LITERATURA DE NATUREZA PARA CRIANÇAS E ECOTRADUÇÃO

Giovanna Chinellato (Universidade de São Paulo)

Quase 60 anos antes que Rachel Carson publicasse *Silent Spring* e o movimento ambiental ganhasse força, um humilde escritor da pequena cidade de Sandwich, Massachusetts – EUA, começou a contar histórias de animais para seu filho. Por insistência de um editor, ele concordou, relutante, em publicá-las. Ao perceber seu potencial para ensinar compaixão e amor pela natureza, nunca mais parou. De 1910 até sua morte em 1965, Thornton Burgess escreveu mais de 170 livros infantis, vendeu mais de 7,5 milhões de cópias e transformou toda uma geração de pequenos leitores, dos EUA e além-mar. Narradas do ponto de vista de personagens animais, como coelhos, raposas e sapos, as obras de Burgess levam ao jovem leitor um conhecimento acerca de seus hábitos, comportamentos e sentimentos, possibilitando uma relação afetiva com tais personagens e uma mudança de perspectiva que pode desencadear empatia e compaixão por criaturas que seriam, muitas vezes, desconhecidas,

ignoradas ou objetificadas. Assim, como as narrativas de Charles Dickens, Victor Hugo, Leo Tolstói e Harriet Beecher Stowe fizeram pelos animais humanos, como denúncia e objeto de transformação social, a literatura de natureza para crianças pode fazer pelos não-humanos. Este trabalho parte da obra de Burgess para compreender o potencial da literatura de natureza para crianças e, a seguir, apresenta brevemente a importância de uma tradução consciente do ponto de vista ambiental quando obras de natureza estrangeiras são trazidas ao Brasil a fim de fortalecer uma nova consciência ambiental. Para tal, considera as formas e possibilidades dos livros infantis e o aspecto humanizador da literatura, associando-os aos preceitos da ecocrítica e ecotradução que são fundamentais para manter viva a voz da natureza e de suas criaturas dentro do texto.

Palavras-chave: Literatura de natureza. Criança. Personagem animal. Thornton Burgess. Ecotradução.

17H45 || SALA - 2 - COMUNICAÇÃO – 02

ANÁLISE DOS CONTOS "ANDORINHA" E "CAUSA PERDIDA" DE LUIZ VILELA

Catia Mendes Pereira (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Este artigo analisa os contos "Andorinha**"** e **"**Causa perdida**",** presentes em *Histórias de bichos,* de Luiz Vilela. Nestes contos são apresentadas relações de personagens seres humanos e animais. Por meio dessas relações problematizamos se o escritor estaria discutindo concepções de animalidade e humanidade. Para desenvolver este estudo, nos pautamos em estudiosos que se propuseram a pensar e escrever sobre o trabalho de Vilela e as relações entre personagens seres humanos e animais na literatura. Abordaremos temas como maus-tratos aos animais, compaixão, morte, o desaparecimento de personagens animais e alteridade.

Palavras-chave: Literatura. Contos. Personagens animais. Personagens humanas. Luiz Vilela.

18H00 || SALA - 2 - COMUNICAÇÃO – 03

A HUMANIDADE E OS ANIMAIS NA OBRA LITERÁRIA DE OLGA TOKARCZUK

Claudia Cristina Sanzovo (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

O presente artigo situa-se no campo da literatura e tem como objetivo principal abordar a questão da mudança do imaginário animal na obra "sobre os ossos dos mortos" da escritora polonesa Olga Tokarczuk, vencedora do prêmio Nobel de Literatura em 2018, dentro da perspectiva de uma escrita engajada com a transformação da sociedade, intervindo de forma crítica em uma problemática que envolve as relações humanas com a vida dos animais. Para tanto, embasamos as discussões de acordo com o conceito de literatura em Facina (2004), a abordagem dos animais na literatura em Derrida (1999), Coetzee (2000) e Maciel (2016) e a eco crítica literária em Huggan e Tiffin (2015), relacionando a obra ao protagonismo da autora com a questão dos parâmetros sociais e religiosos de empatia e proteção à vida dos animais. Com isso, destacamos que a mescla de temáticas do romance causa uma inquietação no leitor pelo fato de suscitar uma reflexão mais ampla, que foge do óbvio, e possibilita diferentes visões de mundo a partir das conexões que se tecem entre os humanos e os animais. Dessa forma, a narrativa, longe de ser uma mera crítica ou um plano de ação em relação à proteção dos animais, desvela ao leitor uma série de aspectos subjetivos desses animais, abrindo novos horizontes para se pensar as próprias relações humanas.

Palavras-chave: Literatura. Animais. Ecorítica. Olga Tokarczuk. Romance.

18H15 || SALA - 2 - COMUNICAÇÃO – 04

DOS MAUS-TRATOS À COMPAIXÃO AOS ANIMAIS: A POTÉNCIA REVELADORA DO AFETO EM TRÊS CONTOS DE LUIZ VILELA

Karina Torres Machado (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

A questão da animalidade é temática recorrente na produção contística do escritor Luiz Vilela. A leitura de contos como "Andorinha", "As formigas" e "Corisco" desnuda as dores, as mazelas e a solidão a que estes seres estão expostos na sociedade, além de intensificarem a necessidade de ações mais solidárias, responsivas e humanas em relação a eles. Diante disso, o objetivo deste artigo é analisar como o escritor aborda as relações ideológicas existentes

entre personagens e animais. Para isso, observaremos, nos contos selecionados, como a simplicidade do fazer artístico e a exploração do cotidiano comum constroem uma atmosfera rarefeita, em que o silêncio entrecortado promove a constatação e a ampliação do olhar, ao mesmo tempo que incita uma reflexão ao abordar humanos e não humanos como alteridade. Nesse sentido, à medida que o escritor revela as aflições, as dores e as exclusões dos bichos, descortina a crueza do mundo que os cerca, produz um olhar sensível e poético em relação a eles e, comove o leitor pela compaixão despertada. Assim, é pelo desnudamento das faces do indivíduo e do não humano que Luiz Vilela fomenta a transformação do eu, do outro e, consequentemente, do mundo, quanto à vulnerabilidade, à marginalização sentida pelos animais.

Palavras-chave: Maus-tratos. Compaixão. Animais. Luiz Vilela. Contos.

18H30 || SALA - 2 - COMUNICAÇÃO – 05

MEDITAÇÕES SOBRE "DESASSOSSEGO" DE VICENTE GUEDES, BERNARDO SOARES E "A EDUCAÇÃO DO ESTÓICO/BARÃO DE TEIVE"

Maria do Socorro Gomes Torres (Universidade Federal de Rondônia)
Giselle Campos Babiretzki (Universidade Federal de Rondônia)

A comunicação tem como objeto de discussão o contexto do Modernismo português, em especial, Fernando Pessoa e sua prosa "Desassossego" (2011) e "A Educação do Estóico/Barão de Teive" (2006). A discussão recai sobre duas problemáticas: (I) A natureza primitiva (o contexto do meio ambiente na obra); (II) A autoria, no caso da primeira obra, *Livro do Desassossego*, Fernando Pessoa, Vicente Guedes, Bernardo Soares. Em seguida, a discussão recai sobre a construção poética do fragmento, voltada à dimensão da natureza. Justifica-se, ainda, investigar tais obras, a fim de estabelecer relação entre a dimensão da natureza e os princípios filosóficos, auto-reflexivos e primitivos, traduzidos por meio de imagens presentes em ambos os manuscritos. As principais hipóteses são a de que a natureza se encontra fortemente delineada, por exemplo: "Na floresta do alheamento", "Sinfonia da noite inquieta", "Exame de consciência", "De que é que você está a rir", etc. O certo é que, considerando as poucas investigações acerca das obras, partiremos do contexto movente do gênero do qual participam, manuscrito e/ou fragmento em busca do caráter de descentralidade do gênero e suas imagens caracterizadamente primitivas. Acreditamos que a perspectiva

comparatista contribuirá como método de investigação, para se chegar à organização da obra. Objetivamos investigar a complexidade do gênero, com o qual foram escritos os dois livros, porque diz respeito diretamente à construção de sua retórica. Diante destas narrativas, impõe-se conhecer as condições da criação, da estrutura, e a organização formal e conteudística. Enfim, discutir os desdobramentos estéticos da concepção de escrita do fragmento, perpassando o conceito de prosa e poesia de criação primitiva. Boa parte das imagens construídas nos textos, ora de natureza filosófica, ora voltadas para a natureza, prevalecem em toda a coletânea e, em especial em "Desassossego" singularizam-se num excêntrico jogo de linguagem. Nota-se haver em ambos os textos expressão reveladora de traços de modernidade, caracterizada por sincretismo, multiplicidade de vozes, de imagens (natureza) fortemente demarcada pela simbologia, e pelas cores. O contexto das obras traz outros aspectos criadores, como por exemplo, o meio ambiente, além dos acima apontados: referências históricas, geográficas e hidrográficas que assinalam a experiência do criador. Dessemelhanças e similitudes contextuais estabelecem ambiguidades poéticas e tornam-se elos entre ambas as obras. Estes são alguns dos paradoxos contextuais encontrados. Entre a *forma* e o *conteúdo*, o escritor português oferece, no contexto do Modernismo, produções poéticas abertas a ambivalentes movimentos. Soube mais do que qualquer poeta contemporâneo seu, construir uma *expressão* que se diferenciou no contexto do modernismo brasileiro. Objetivamos discutir a fusão figurativa intensamente poética, traduzida como ebulição da forma, manifesta através da desordenada elaboração dos conteúdos e a dramática exposição da linguagem voltada para a natureza (meio ambiente). Em ambos os textos, a natureza e o meio ambiente singularizam-se por meio de processos metonímicos e metafóricos, por meio de alusões, da técnica metalinguística, de alegorias, do ritmo e da imagem, dividindo espaço com temas diversos. No contexto do fragmento, mundos distintos aparecem: o antigo e suas leituras diversas, o moderno com suas anomalias. As discussões serão irrigadas metodologicamente pelas ideias de Berger (2010), Agamben (2011), Coetzee (2002), Steiner (1990), Lourenço (1981), Medeiros (2015), Perrone-Moisés (2001), Sena (1984), Jobim (2020) e nas proposições de Schelegel (1994). Os resultados a serem obtidos sobre esta investigação com a comunidade universitária, buscam aprofundar nossas pesquisas sobre obras consideradas fundantes, explorando aspectos como a inter-relação das mesmas com o contexto do meio ambiente (natureza), sublinhando a ideia de origem poética. Por fim, produzir conhecimento científico.

Palavras-chave: Modernismo. Fernando Pessoa. Fragmento literário. Meio ambiente.

18H45 || SALA - 2 - COMUNICAÇÃO – 06

A COMUNICAÇÃO COM O (DO) CAVALO NA LITERATURA CLARICEANA

Adriane Cherpinski Koch (Universidade Estadual de Maringá)

Há séculos se materializou a cultura antropocêntrica de que os animais são tidos como inferiores aos humanos por diversos motivos, mas principalmente por não serem dotados da linguagem verbal. Tratados, muitas vezes, como escravos no trabalho forçado ou objetos comerciais, os animais, especialmente os equinos, encontram na literatura de Clarice Lispector um espaço privilegiado para que sejam vistos/valorizados com suas especificidades próprias e naturais. O foco deste estudo centra-se nas obras *A cidade sitiada* (1949) e *Água viva* (1973), nas quais se analisa a expressão equina a partir de seu modo singular de comunicação. *A cidade sitiada* tem ao centro Lucrécia, sitiada por algum tipo de mistério que conduz sua vida "apenas vendo". Lucrécia é o que vê, é a materialização do subúrbio em que vive e, também, se expressa por modos análogos aos dos equinos. Seu modo de apreensão do real se dá pelo olhar, que não se materializa em linguagem verbal, mas sim pela linguagem animal. A expressão de humanos e não humanos pode ocorrer por diversas formas, não se restringindo especificamente à linguagem verbal, no caso dos humanos. Assim, o ato de raciocinar, de pensar e até mesmo de sentir não requer necessariamente a linguagem humana como expressão. Perspectivas como estas são comprovadas na literatura selecionada para este estudo. A linguagem animal, materializada também pela expressão corporal, é incompreensível aos humanos. No entanto, antropocentricamente, a linguagem verbal é tida como o ápice da inteligência. Diante da incapacidade das palavras exprimirem as condições existenciais das protagonistas nas obras estudadas, de antemão, fica evidente que o principal atributo é o de diferenciar o humano do não humano – a linguagem humana – deixa de ser a "magnificência suprema" eleita ao longo dos tempos, elevando a narradora de *Água viva* ao mesmo patamar dos animais, os quais também não encontram na linguagem humana um meio de expressão, pois possuem a própria linguagem manifestada de diferentes formas, principalmente comportamental. A narradora de *Água viva* apresenta um comportamento (ou expressão corporal) bastante semelhante ao de Lucrécia, em *A cidade sitiada,* em que esta, também descrita com comportamentos e extensões físicas específicas do cavalo, não se expressa pela linguagem humana. Os aspectos metodológicos deste estudo compreendem um aparato teórico e bibliográfico das produções artísticas recortadas para este estudo,

compreendendo estudiosos como: Evando Nascimento, Benedito Nunes, Jacques Derrida, Sônia T. Felipe, entre outros.

Palavras-chave: Linguagem. Animais. Comunicação. Clarice Lispector. Narrativa.

09/08/21 | SEGUNDA-FEIRA | 17H30 | **SALA 3**

17H30 || SALA - 3 - COMUNICAÇÃO – 01

A QUESTÃO AMBIENTAL COMO ASPECTO INDISPENSÁVEL À SAÚDE COLETIVA: UM EXAME A PARTIR DO LIVRO "VIDAS SECAS"

Camila de Sousa Nogueira dos Santos (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP)
Marina Roberta Cioatto (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP)

A literatura é capaz de produzir símbolos, ou seja, ideias carregadas de uma amplitude de sentidos e com significados profundos que apresentam a realidade. Deste modo, é essa característica que a torna a melhor forma de retratar as questões da sociedade, visto que o mundo concreto é cheio de dinâmicas complexas e velozes, e de amplitudes inteligíveis que abarcam diferentes dimensões. Assim, apresenta-se o livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no qual o autor relata a vida de uma família nordestina que se vê obrigada a sair de sua terra natal, pois a seca os estava matando pouco a pouco. Diante disso, o escritor discorre a trajetória pela qual famílias passam a fim de buscar a esperança que lhe resta, o socorro do Estado. No decorrer da vida da família de Fabiano, ela se vê em meio a muitas perdas, e um sofrimento profundo em cada passo que dão para o final de tão dura jornada, eles continuam na longa e árdua caminhada na convicção que o socorro virá. O fim então se aproxima, mas em vez de socorro, só encontram descaso. Então, surge o problema desta pesquisa: como o livro *Vidas Secas* levanta a importância do meio ambiente para a promoção da saúde coletiva? É esse o retrato de um país que não cuida do meio ambiente nem de sua população: morte, perda, tragédia. Cenário parecido é o encontrado na questão da pandemia, causada pelo vírus denominado COVID-19. No seu enfrentamento, governos se mostraram perdidos, ineficazes e distantes de questões presentes frente às populações locais, especialmente as mais carentes. Ademais, foi a displicência para com o meio ambiente marcada pelo avanço irresponsável,

inclusive de âmbito genético, que pode ter levado ao surgimento do vírus responsável por milhares de mortes, além do agravamento de problemas econômicos e sociais lançando muitas na fome e miséria. Com isso se percebe que por mais que haja o clamor da população e a denúncia de negligências do Estado, seja se utilizando da ficção ou de outros mecanismos, os problemas outrora enfrentados em outros tempos ainda continuam. Portanto, o trabalho tem como objetivo geral examinar a questão ambiental como política de saúde coletiva a partir do livro *Vidas Secas*. Como objetivos específicos: a) abordar a questão ambiental como aspecto essencial na política de saúde coletiva a partir do livro; b) demonstrar as consequências na saúde geradas pelo descaso (displicência) para com o meio ambiente por meio do livro; c) expor algumas possíveis formas de garantir um meio ambiente mais equilibrado e assim viabilizar políticas de saúde coletiva mais adequadas. O trabalho justifica-se pela clara necessidade de promover um meio ambiente harmônico visando a criar uma consciência comunitária frente ao meio ambiente comum. Trata-se de pesquisa teórica de abordagem qualitativa. O método foi o indutivo. A técnica de pesquisa é a documentação indireta e com procedimento estudo bibliográfico.

Palavras-chave: Meio Ambiente. Saúde Coletiva.Vidas Secas.

17H45 || SALA - 3 - COMUNICAÇÃO – 02

A ÉTICA DO CUIDADO FEMININO EM *THE TURQUOISE LEDGE: A MEMOIR*

Naiana Siqueira Galvão (Universidade Federal do Norte do Tocantins)
Isabel Maria Fernandes Alves (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Resumo: No presente trabalho buscamos explorar como a relação moral e o cuidado na perspetiva feminista corrobora para uma ética do cuidado que expande a universalização de um ideal de género a ser empregado em suas práticas, seja nas relações humanas e não humanas e o meio ambiente que os circundam. Para fazer esse diálogo entre essas observações que são muitas das vezes dicotomizadas pela estrutura conceitual dominante na sociedade moderna patriarcal, elegemos a obra não ficcional, *The Turquoise Legde: A Memoir (2010),* da escritora nativa americana Leslie Marmon Silko (1948), pertencente à comunidade indígena do *Laguna Pueblo*, situada na região do Novo México. A referida obra traz a narração de acontecimentos narrados em primeira pessoa, sendo a voz da autora a manifestação do cuidado relacional — com a região desértica, os animais e a flora, além de

histórias de seus ancestrais, dos locais sagrados, dos objetos encontrados durante suas caminhadas matinais e do valor atribuído a cada olhar que perfaz no lugar que a abriga e dos naturais habitantes que também a recebem. Na elaboração da análise, o aporte teórico perpassará pelos estudos da ética de Carol Gilligan (1982), a teoria do cuidado de Nel Noddings (2003), a ecologia e o feminismo de Karen Warren (1994) e os direitos da Natureza de Eduardo Gudynas (2019) em consonância com os excertos de *The Turquoise Ledge: A Memoir*. Durante esse percurso analítico, pretende-se evidenciar que manter a harmonia entre os elementos que compõem a Natureza, os animais, as plantas e os seres humanos e seus diversos ecossistemas, é fundamental para a vivência de todas as espécies, e que a busca pela complementaridade entre estes – humanos e não humanos – agrega para a formação de um bem-viver centrado na diversidade e no cuidado ético que a humanidade é capaz de exercer para que não aja o desmantelamento definitivo dos seres no planeta.

Palavra-chave: *The Turquoise Ledge.* Leslie Marmon Silko. Natureza. Cuidado. Etica.

18H00 || SALA - 3 - COMUNICAÇÃO – 03

A TECNOLOGIA VEGETAL DE MIRIÃ MARIA: POESIA E SAÚDE

Ricardo Nonato A. de A. Silva (Universidade Federal do Maranhão)

Uma poesia próxima da vida. É assim que lemos os versos da poetisa Miriã Maria, cujas publicações são locais e artesanais. Bióloga de formação, não se afasta do universo de sua observação atenta: o mundo natural. É a partir dele que muitas de suas metáforas mobilizam um léxico específico que provoca certo estranhamento, por serem palavras desconhecidas do grande público. Ao mesmo tempo, com a leitura das formas incandescentes que a autora constrói em seus versos, o leitor irá encontrar as correspondências perfeitas para um tipo de intensidade humana, dinamizada a partir de um eu lírico feminino. O objetivo desta comunicação é analisar a corporalidade das imagens presentes nos versos da autora, desde *Espectral Encanto* (2018), seu o primeiro livro, passando pelos poemas publicados no fanzine *Círculo Poético de Xique-Xique* e na revista *Botânica Pública* (2020).

Palavras-chave: Poesia. Botânica. Miriã Maria. Mundo natural. Eu lírico feminino.

18H15 || SALA - 3 - COMUNICAÇÃO – 04

A NARRATIVA DA RATINHA QUE ENSINOU A MULHER A FAZER PARTOS

Edilene Machado Barbosa (Universidade Federal do Acre)
Edileuda Gomes de Araujo shanenawa (Universidade Federal do Acre)

Há uma narrativa tradicional do povo Shanenawa (TI Katukina-Kaxinawa, Feijó/Ac) que conta que, antigamente, todas as mulheres que engravidavam acreditavam que iriam morrer. Havia apenas uma mulher que sabia como fazer partos, mas em todo parto que ela fazia tirava o fígado da mãe para comer com pão de milho. As mulheres sempre morriam, deixando seus filhos para serem criados exclusivamente pelos pais. Segundo a narrativa, foi uma ratinha quem descobriu o segredo dessa primeira parteira, ensinando às mulheres um outro jeito de fazer o parto. A ratinha teria também recomendado às mulheres shanenawa diversos cuidados e dietas, que elas então passaram a seguir. O objetivo de nossa comunicação é refletir sobre a relação entre as mulheres e os mitos, para mostrar como diversos conhecimentos especificamente femininos foram dados às mulheres por seres não humanos.
Palavras-chave: Mulher. Parto. Shanenawa. Não humano. Narrativa tradicional.

18H30 || SALA - 3 - COMUNICAÇÃO – 05

A BIOÉTICA EM "MORTE E VIDA SEVERINA": LITERATURA, MEIO AMBIENTE E SAÚDE

Juliana de Sousa Nogueira dos Santos (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP)
Marina Roberta Cioatto (Centro Universitário Paraíso- UNIFAP)

O termo bioética é utilizado em 1971 nos Estados Unidos por Van Rensselaer Potter, e foi se desenvolvendo em diversos itinerários. Ademais, a bioética, segundo Schramm (2008), vem da junção da palavra grega "bio" que significa vida e "ethos" que se traduz por ética, proteção e guarda. Assim, se apresenta como uma resposta para questões complexas e de difícil resolução observando sempre a prudência e a melhor tomada de decisão para os casos que se apresentam.
A literatura é a forma pela qual o artista interpreta a sociedade e relata acontecimentos que o cercam de modo muito mais profundo e amplo, resultando em arte. O poema "Morte e Vida

Severina", escrito em 1954 por João Cabral de Melo Neto, aborda a seca do Nordeste, apresentando os retirantes que neste período partem para o litoral com o objetivo de fugir da miséria e buscar uma vida melhor. O protagonista principal é o Severino, e é a partir de sua vida que o escritor mostra as outras vidas "Severinas", marcadas por iguais dores, sofrimentos e pobreza. Diante disso, apresenta-se o seguinte problema: Como pode a bioética ser aplicada frente às questões ambientais e de saúde coletiva levantadas no poema "Morte e Vida Severina"? Como hipótese, a bioética pode ser aplicada frente a questões ambientais e de saúde levantadas no poema, uma vez que é a área das ciências da vida, que se utiliza de ferramentas teóricas e práticas que visam entender, descrever e resolver conflitos. O objetivo desta pesquisa é demonstrar a concepção da bioética no exame do poema "Morte e Vida Severina" e, como objetivos específicos, explicar o que é bioética; extrair do poema "Morte e Vida Severina" questões ambientais e de saúde e apresentar a concepção da bioética frente às questões abordadas no poema. O trabalho se justifica pela atualidade e relevância social do tema frente à miséria que muitos ainda enfrentam, com vidas severinas marcadas pelos problemas apontados por meio do personagem que, embora literário, representa tantas outras vidas. Demonstra-se, assim, a necessidade de ferramentas para reflexão e resolução de questões como a seca, a fome e a exclusão social para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa. Trata-se de uma pesquisa teórica com abordagem qualitativa, o procedimento adotado foi o estudo bibliográfico, com o método indutivo.

Palavras-chave: Bioética. Ecocrítica. Literatura. Morte e Vida Severina. Saúde coletiva.

Comunicações Livres

dia 10

10/08/21 | TERÇA-FEIRA | 16H00 | **SALA 4**

16H00 || SALA - 4 - COMUNICAÇÃO – 01
OS ANIMAIS NA OBRA *FIGURANTES*, DO POETA SERGIO MEDEIROS

Sirley Rojas Oliveira (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Primando sempre pelo ponto de vista do outro, buscando mostrar que tudo comunica seja cavalo, peixe, gata, porco-espinho, borboleta, Sérgio Medeiros constrói um livro em que animais, insetos e demais seres pertencentes à natureza atuam como personagens junto a seres-humanos. O livro *Figurantes*, cuja capa apresenta grafismos do indígena Jerônimo Tsawé, é um livro cheio de descrições que levam o leitor a olhar pela perspectiva dos não humanos. Ao apresentar como capa de seu livro a assinatura de um índio considerado um sábio por sua tribo, além de colocar como personagens principais animais, insetos, árvores, galhos entre outros elementos da natureza, Sergio Medeiros evidencia a cultura indígena, mostrando a relevância de sua visão, na qual todos os seres vivos são importantes. Isso vai ao encontro do Perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro e das ideias defendidas pelo líder indígena Ailton Krenak, nas quais a igualdade entre seres humanos e não humanos são observadas como forma de equilibrar a desenfreada busca por riqueza à custa da exaustão da natureza.

Palavras-chave: Sergio Medeiros. Animismo. Poesia.

16H15 || SALA - 4 - COMUNICAÇÃO – 02
ECOCRÍTICA E ESTUDOS ANIMAIS: PARA UMA POLÍTICA DO PENSAMENTO ECOLÓGICO

Angela Maria Guida (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, argumenta que a humanidade é doente, ao contrário do animal que, em sua condição de liberdade, livre da contaminação humana, consegue ser mais sadio que o vivente humano. A julgar pelo que a História tem nos revelado ao longo dos tempos, parece que o vivente humano, que tanto bendiz de sua racionalidade em detrimento do vivente não humano, não tem muito do que se orgulhar, com tantos relatos de guerras e

genocídios, entre outras barbáries. A tão falada racionalidade, que tem garantido ao vivente humano uma espécie de superioridade em relação ao vivente não humano precisa ser questionada em muitos aspectos e é isso que se pretende fazer com esta proposta de trabalho, a partir do diálogo com dois campos de estudo transdisciplinares por excelência: ecocrítica e estudos animais. A etimologia da palavra "ecologia" – "eco" vem do grego *oikia* e significa "casa" . Ecologia, o lugar de morada também do vivente humano, não obstante, para se afastar de tudo que possa lembrá-lo de sua animalidade, recusa sua própria morada e equivocadamente acredita que a ecologia esteja, pura e simplesmente, relacionada à casa dos viventes não humanos. Esse afastamento entre cultura e natureza, humano e não humano tem gerado consequências desastrosas para o mundo-Terra. Talvez, por isso, Donna Haraway proponha transformar natureza e cultura em um único sintagma: naturezacultura, uma vez que ambas não podem viver separadas para o bem do Planeta e de todos os seres que dividem essa casa maior. De que maneira os estudos animais e a ecocrítica podem nos auxiliar nesta busca pela naturezacultura? É o que pretendemos refletir no decurso desta proposta de trabalho. Os estudos animais não possuem definição precisa ou metodologia a se seguir, de forma que o crescimento desse campo de estudos no meio acadêmico, que não se limita à zoologia, biologia e áreas afins, faz com que inúmeras questões sejam trazidas à tona. Maria Esther Maciel enfatiza que o âmago dos estudos animais gira em torno de duas questões: "o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos" (MACIEL, 2011, p.7). A ecocrítica vai um pouco mais longe, pois seu objeto de estudo não olha apenas para os animais, mas para todas as formas de vida além da humana e a representação de tudo isso na literatura, bem como nas artes em geral. A ecocrítica, a exemplo dos estudos animais, transita por vários campos do saber, enriquecendo seu escopo de atuação e alcance. Desse modo, vamos discutir como a ecocrítica e os estudos animais funcionam na poética de Carlos Drummond de Andrade, poeta que militou, na vida e na literatura, em favor de causas animais e do meio ambiente.

Palavras-chave: Ecocrítica. Estudos Animais. Carlos Drummond de Andrade.

16H30 || SALA - 4 - COMUNICAÇÃO – 03

“QUE TIPOS DE BALEIAS ELES PODEM MATAR”? GERAR PARENTESCO, TECER A VIDA POROSA

Ana Carolina Sampaio Coelho (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

O presente trabalho propõe uma análise do poema “Mãe Terra: suas baleias”, do poeta *beat* Gary Snyder, presente na obra *Turtle Island* (1974). No poema, Snyder profere uma crítica feroz aos governos que continuamente operam um profundo massacre da vida não humana no planeta, protegidos pelo silêncio conivente da sociedade civil. Há décadas, em seus poemas, ensaios e no exercício como ativista ambiental, Snyder reafirma seu compromisso com o cuidado da natureza selvagem e o mundo natural. Investigaremos como as questões suscitadas pelo poema e o pensamento de Snyder podem ser lidas a partir das discussões propostas por Donna Haraway no livro *Stayng with the trouble* (2016) e de suas proposições como “gerar parentesco” com “espécies companheiras” e ainda a ideia de “viver e morrer bem”. Assim como Snyder, Haraway possui as questões climáticas urgentes do nosso tempo como um dos eixos centrais de seu trabalho e, numa conversa afinada com o trabalho do poeta, também propõe questões como: “o que é o não humano que importa”? E ainda: como inventar outras potências de viver? Discutimos como a ideia de uma “vida porosa”, apresentada por Snyder, dialoga com as proposições de Haraway de um “devir-com” as vidas humanas e não humana, resistindo sempre à tentação de resolver conflitos ou o estabelecimento de verdades, mas criando condições para que as diferenças possam coexistir, ampliando a multiplicidade e heterogeneidade do mundo. Desse modo, este trabalho investiga como Snyder e Haraway propõem modos de viver junto com “respons-habilidade”, numa ética do cuidado com a vida humana e não humana.

Palavras-chave: Gary Snyder. Donna Haraway. Espécies companheiras. Antropoceno.

16H45 || SALA - 4 - COMUNICAÇÃO – 04

TOWARD LICHENNESS: POETRY, SYMBIOSIS, ASSEMBLAGE IN A DEGRADED WORLD

John Charles Ryan, PhD (Southern Cross University, Australia)

Lichens are among the planet's oldest, slowest-growing, and most neglected life forms in the sciences and humanities. While animals and plants have become increasing subjects of concern in the Environmental Humanities, surprisingly little focus has been placed on lichens—not only as ecological agents but as biocultural complexities. This presentation will discuss the resonances—and intricate life-worlds—of lichens as mediated in contemporary poetry-in-English. I will begin by examining lichens at the micro-scale or what lichenologists call "the lichen lifestyle." I will then reflect on some key moments in the historical marginalization of lichens before underscoring the importance of *lichenness* today in an ecologically degraded world. Three contemporary poems provide lenses for reading lichens. Jane Hirshfield's "For the Lobaria, Usnea, Witches Hair, Map Lichen, Beard Lichen, Ground Lichen, Shield Lichen" considers the lichen lifestyle as a "marriage of fungi and algae" yet questions the broader cultural disregard of lichens. Through Hirshfield's poem, "those nameless ones" reclaim their standing. Adopting the perspective of the lichen itself, Arthur Sze's "Lichen Song" similarly confronts the neglect of these ubiquitous and inimitable organisms with which people share their everyday domestic worlds. Like the poems by Hirshfield and Sze, Forrest Gander's "Twice Alive" gives prominence to the more-than-human wisdom of lichens as sources of inspiration for learning to live more symbiotically on—and with—the Earth.

I conclude by suggesting that lichen life leads us beyond the pitfalls of an individuated subjectivity toward an understanding of life as relational and ramifying. A metamorphosis of consciousness—precipitating a revitalized politics—under the influence of lichenness is a compelling task on a planet ever more devitalized by the loss of life and the withering of wonder.

Keywords: Lichenness. Poetry. Symbiosis.

17H00 || SALA - 4 - COMUNICAÇÃO – 05

NERUDA ANIMAL: LA CRÍTICA NERUDIANA FRENTE AL PROBLEMA DE LA ANIMALIDAD

Arnaldo Donoso Aceituno (Universidad Adventista de Chile)

A partir de los hallazgos de la crítica (Alonso, Concha, Bellini, Sicard, Loyola), reflexiono acerca de dos variantes de la representación de los animales en la poesía de Pablo Neruda: 1) la presencia poética de animales explotados, escarnecidos por el antropocentrismo de la civilización occidental y 2) figuraciones o devenires animales del sujeto nerudiano. Estas dos variantes fluctúan a lo largo y ancho de la escritura nerudiana. En la convivencia y las tensiones entre ambas variantes puede observarse cómo la poesía del vate cuestiona los límites éticos y ontológicos de lo humano.

Palabras clave: Poesía. Pablo Neruda. Animalidad. Ética.

17H15 || SALA - 4 - COMUNICAÇÃO – 06

O SELVAGEM NA CIDADE: "RENDEZVOUS", DE THOMAS KING, E A EXPERIÊNCIA DE SER INVADIDO QUANDO SE É INVASOR

Melina Pereira Savi (Universidade Federal de Santa Catarina)

No conto "Rendezvous", o autor cherokee-americano Thomas King (2005) imagina uma cidade canadense (não nomeada) para onde se mudam animais selvagens. Para a incredulidade dos habitantes humanos, animais passam a tomar conta das ruas, dos espaços públicos, dos jardins particulares e dos sótãos. Ao perderem seus habitats como consequência dos incansáveis avanços humanos nas florestas em nome do "progresso", alces, onças-pardas, búfalos, entre outros animais, interrompem o fluxo "natural" da cidade com sua chegada súbita. O conto evidencia o relacionamento artificial e idealizado que populações urbanas e de classe média ocidentais vêm desenvolvendo com a natureza. "Lá fora", onde "deve" estar, o mundo selvagem tem seu papel como sítio de contemplação e gozo, mas o selvagem não é bem-vindo na cidade. O exercício imaginativo que King propõe em Rendezvous pode nos levar a questionar o seguinte: já que é tão impensável ter animais selvagens invadindo a cidade, como será que os animais se sentem quando o humano invade e derruba seus mundos para a construção de clubes de golfe, hotéis de luxo e empreitadas afins? A inversão

ontológica que King propõe é amplamente discutida por Ailton Krenak em seus dois livros *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *A vida não é útil* (2020), ambos da Companhia das Letras. Krenak compreende que o excepcionalismo humano, ou a ideia ocidental do que significa ser humano (que é não ser não humano), está no cerne da falsa ideia que nos leva entender que as nossas vidas não estão inextricavelmente conectadas ao mundo natural e ao mundo não humano. Nesta comunicação, pretendo ler a revisão ontológica de Krenak ao lado do conto de King para explorar como estes dois autores contribuem para as crescentes discussões sobre o excepcionalismo humano dentro do contexto do Antropoceno e dos desdobramentos que esta época geológica, marcada pelas ações humanas nos sistemas biofísicos da Terra, implicam. Buscarei explorar também como teóricas como Donna J. Haraway, Rosi Braidotti e Jane Bennett, entre outras, colocam em xeque a noção de excepcionalismo humano e propõem uma revisão epistemológica desta ideia que está no coração da forma de construir conhecimento e viver no mundo ocidental.

Palavras-chave: Thomas King. Animais. Mundo selvagem.

10/08/21 | TERÇA-FEIRA | 16H00 | **SALA 5**

16H00 || SALA - 5 - COMUNICAÇÃO – 01

"FORAM OS ANIMAIS QUE COMEÇARAM A FAZER-ME HUMANA": A ÉTICA ANIMAL DE MIA COUTO

Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes (Universidade do Minho)

A extensa obra literária e ensaística do moçambicano Mia Couto plasma uma ética animal que envolve uma necessidade de reflexão do ser humano com os universos vegetal e animal e, ao mesmo tempo, suscita uma leitura ecocrítica assente no deslocamento de um enfoque homocêntrico para uma perspectiva ecocêntrica. Os animais da obra coutiana são metáforas de múltiplas realidades, nomeadamente a sabedoria, o respeito pela tradição, a violência das guerras (civil e colonial), a proposta de uma relação harmoniosa de todos os seres vivos. A comunicação tem assim como propósitos centrais: 1. Identificar na obra poética, contística, romanesca e ensaísta de Mia Couto as mais relevantes simbologias do animal não humano; 2. Demonstrar que a estratégia antropomórfica utilizada recorrentemente pelo escritor procura dotar os animais não humanos de valores dos quais o ser humano se mostra destituído; 3.

Explicitar as potencialidades ecocríticas da obra de Mia Couto, uma das mais significativas, no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, de revelação de uma ética animal que supõe um compromisso do escritor com o seu continente e com as relações deste com o resto do mundo; 4. Estabelecer vínculos dialógicos entre a obra de Mia Couto e ficções de outros escritores africanos de língua portuguesa (designadamente os angolanos Pepetela e Mia Couto) que permitem demonstrar a possibilidade de abordagens ecocríticas nas literaturas africanas contemporâneas.

Palavras-chave: Ecocrítica. Mia Couto. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

16H15 || SALA - 5 - COMUNICAÇÃO – 02

O VAMPIRO HUMANIZADO DE STEPHENIE MEYER FACE À ANIMALIDADE: UM MONSTRO ESPECISTA

Bruno Anselmi Matangrano (Universidade Federal de Pelotas*)*

Nos livros da célebre saga *Crepúsculo* (2005-2008), da estadunidense Stephenie Meyer, os vampiros são apresentados como "boas pessoas", quase super-heróis, capazes de empatizar com seres humanos e inclusive de suscitar admiração e amor naqueles que a princípio deveriam predar. Trata-se, segundo a terminologia de David Roas (2012), de vampiros "domesticados", nos quais o traço monstruoso é apagado em prol da idealização, tornando-os antes um modelo a ser seguido ou almejado, em contraponto à tradição que os representava como temíveis criaturas mortíferas. Em Meyer, são descritos ainda jocosamente como "vegetarianos" por não ingerirem sangue humano, palavra no mínimo curiosa, usada como espécie de piada interna dos protagonistas. Contudo, as personagens não são de fato vegetarianas, pois sua alimentação consiste na ingestão de sangue animal, de espécies como ursos, cervos e pumas, sem que, no entanto, isso suscite qualquer questionamento de ordem moral, seja nos romances da série, seja nos filmes deles originários, nos quais as cenas de caça são esteticamente privilegiadas para mostrar a potência e o vigor dessas criaturas, corroborando a leitura de idealização dos vampiros. Partindo do princípio de que os vampiros – mesmo se não são mais exatamente da mesma espécie que os humanos – tornaram-se em última instância "ex-humanos", a série de livros deixa claro o limite entre humanidade (ou pós-humanidade) e animalidade, relegada a segundo plano sem qualquer reflexão a esse respeito. Isso porque em nenhum momento é feito qualquer comentário que demonstre culpa

ou preocupação em relação ao sofrimento animal; ao contrário, a predação é vista na própria narrativa com certo glamour, em uma espécie de celebração do costume norte-americano da caça como algo edificante, símbolo da força humana e de certa virilidade estereotípica. Além disso, o uso irrefletido do termo "vegetariano" corrobora preconceitos e equívocos em relação a um regime alimentar mais sustentável, empático e responsável. Em vista disso, o presente trabalho pretende analisar a relação dos seres humanos (vivos ou transformados) em relação aos animais não humanos, ao regime alimentar e à natureza em geral nos romances de uma série de amplo alcance à luz das teorias dedicadas às questões da animalidade e do especismo, numa perspectiva ecocrítica. Para tanto, usaremos fundamentação teórica variada, composta, dentre outros, por trabalhos de Dominique Lestel (2001 e 2007), Maria Esther Maciel (2011 e 2016), Peter Singer (1975), Aymeric Caron (2016) e Corine Pelluchon (2017). Mais especificamente, o trabalho busca mostrar como no esforço de humanizar o monstro, os romances acabam por apagar o sofrimento animal, sem qualquer problematização a esse respeito, bem como os perigos dessa representação irresponsável, pautando-a em casos de impacto real a partir de fenômenos literários ou audiovisuais na preservação (ou destruição) da vida selvagem, como são os casos das séries *Harry Potter* (1997-2007), de J. K. Rowling, e *As Crônicas do Gelo e do Fogo* (1996-presente), de George R. R. Martin, ou dos filmes *Procurando Nemo* (2003), de Andrew Stanton, e *Tubarão* (1975), de Stephen Spielberg, o que evidencia a estreita ligação entre produtos culturais e conscientização ambiental, como já postulado por Greg Garrard (2006).

Palavras-chave: Literatura e Animalidade. Vampiros humanizados. Antiespecismo. Conscientização Ambiental.

16H30 || SALA - 5 - COMUNICAÇÃO – 03

DELÍRIOS DE GRANDEZA, EMPÁTICO PADECIMENTO ANIMAL: AS SARNAS ANIMALESCAS NO SUJEITO DIVERGEM DA BENEVOLÊNCIA ANIMAL EM *QUINCAS BORBA*, POR MACHADO DE ASSIS

Francisca Júlia da Silva Soares (Universidade Federal de Campina Grande)

Na crestomatia grega, ao rudimentar tropeço áspero e cáustico dos desejos soberanos, ao satisfazer em raptos consagrados, Tântalo, sagrado monarca de Corinto, atinge o grau máximo como membro da mesa de olímpicos, sendo o único mortal aceito. A consciência da

preferência imbrica vaidosamente em seu comportamento, sob atos traiçoeiros, pelas vias de sua imaginação ambiciosa, compactua com a insanidade mortal, sacrificando o próprio filho e o servindo como prato principal em seu banquete. Sem recear perigos, pelos seus gloriosos desejos e (re)cortando a humanidade e limites da civilização, Tântalo realiza a aclamação a si e principia seu prazer, intensamente, que o desejo ultrapassa a igualdade com os Deuses. O comportamento mundano de tal persona encaminha-se por longas eras, a se tornar presente em distintas obras literárias, cultuando zonas cruentas dos mais atordoantes sujeitos. O célebre romance *Quincas Borba* protagoniza a história e o declínio de Rubião, um lecionador de Barbacena, que por um dinheiro extra recorre à profissão de enfermeiro do filósofo Quincas Borba, responsável pela teoria do Humanitismo. Rubião, ao ser declarado o herdeiro universal, é condicionado como responsável pelo cachorro de Quincas Borba e resolve ir ao Rio de Janeiro, onde apaixona-se pela cidade, e por Sofia, esposa do seu novo amigo, Palha, o fazendo contornar espaços delirantes. Eis os objetivos do presente trabalho: examinar a figura animalesca presente em Rubião, bem como perscrutar o olhar empático e compreensível do nobre cachorro, sobre as condições do novo amigo humano e por fim, analisar os indícios da loucura na obra. Como arcabouço teórico recorrer-se-á à teoria Freudiana e Lacaniana acerca dos delírios impetuosos na obra, bem como da teoria literária para compreensão da figura do animal.

Palavras-chave: Machado de Assis. Quincas Borba. Animal não humano.

16H45 || SALA - 5 - COMUNICAÇÃO – 04

ENTRE PESSOA E BICHO — A LIMITAÇÃO DO HUMANO

Susana Vieira (Universidade Nova de Lisboa)

Num movimento circular, todavia não fechado, e partindo dos pressupostos propostos pelo evento, ensaiaremos linhas de discussão literária que vão ao encontro da "tese de que a dominação de animais está intimamente associada à dominação de seres humanos"; a propósito analisaremos os conceitos de *outridade* e de *minoria* nos textos "A velada" e *Português, trabalhador, doente mental*, ambos de Maria Velho da Costa. De modo a compreender melhor como se problematiza essa tese no texto — um corpo em resistência superando a própria finitude e a de um condicionamento social —, analisa-se, em diálogo com o tópico *Estéticas da natureza: animais, literatura*, a linguagem da autora (criadora de um

corpus literário perscrutador dos corpos marginais e periféricos da sociedade), que tanto se distancia de uma categorização genológica redutora, como se aproxima de correntes mais experimentalistas que pensam sobre estados de exceção ou de imensidade, matéria de reflexão expressa no seu texto que, num ato vingativo, se fragmenta e se torna imenso. Debruçar-nos-emos sobre as exclusões nos documentos identificados, no sentido de percebermos em que medida imagens como humanidade animal, minoria, individuação, finitude e imensidade subsidiam a ideia de perifericidade (DELEUZE & GUATTARI e DERRIDA). Estão, pois, em jogo as relações entre o homem e o animal. Veremos como a literatura opera questionamentos-chave em torno da ideia de que "a cesura entre o homem e o animal passa sobretudo no interior do homem" e que "no último dia, as relações entre os animais e os homens se configurarão numa nova forma e o próprio homem se reconciliará com a sua natureza animal" (AGAMBEN). "[…] quando a diferença se anula e os dois termos colapsam um no outro, se torna difícil discernir […] o que separa o humano do inumano, o ser e o nada" (DIAS), daí a tendência reiterada de o texto personificar o animal e, por outro lado, atribuir ao homem características primitivas e instintivas, geralmente observadas nos animais. Neste caso está-se desde logo a hierarquizar escalões de valores. A autora, a partir de um trabalho sociológico feito junto de institucionalizados (por doença mental) em 1972, desenvolveu uma "clandestinidade" de textos literários sobre os que "se passam honradamente para o outro lado, o da luta oculta" para indiciar que "a disciplina e o discurso severo das instituições que servem o poder dos mais poderosos são dementes e caóticos". Os asilados são reduzidos a uma condição de bestialidade, figuras secas n' "um dos lugares onde a sociedade escondia e punia os sem membros atingidos do maior mal — a incapacidade de vender a sua força de trabalho, a incapacidade de conformar-se aos valores ideológicos que a classe dominante lhes impunha" (MVC). Mas no mundo inclemente e escarpado encenado pelo texto de MVC há também "tentativas de sublimação do horror humano pela afeição do animal" (DIAS), quando a criança ("A velada") estabelece uma relação amorosa e vulnerável com o *bicho*, gerando um espaço e um momento desterritorializados, nos quais se assiste a uma transferência de comportamentos, permitindo que, por intermédio do animal, o homem aceda à percepção da sua humanidade. A convivialidade dos dois termos, ou "humanidade animal, esse movimento de crescer para [e n'] o outro" (DIAS) acentua-se perante a certeza das relações deficitárias e a necessidade de se pensarem novos pactos, num "mundo [que] não suporta a excessiva diferença e distanciação entre os homens (que lhe é feita)" (MVC).

Palavras-chave: Exclusão. Humanidade Animal. Minoria. Individuação. Finitude. Imensidade. Outridade.

17H00 || SALA - 5 - COMUNICAÇÃO – 05

DA BARATA À LAGOSTA: REPRESENTAÇÕES DE UM ELEVADOR SOCIAL

Francisco Ricardo Silveira (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

Num poema de Alexandre O'Neill lemos primeiro que "O poeta mora no telhado […] É um 3.º alto, sem elevador / Há baratas" e apreendemos depois que "[…] aventuram-se as visitas a ir lá" alegando "que ao poeta é que cabe falar… /…(aqui uma linha censurada) / Outras descrevem a última lagosta / que quereriam comer". Ora, as lagostas eram – num contexto ocidental, com epicentro nos EUA – até meados do século XIX consideradas um alimento repugnante de pobres, prisioneiros, uma reles isca ou fertilizante pulverizado. Ascendem então, numa perspectiva antropocêntrica, à mercadoria aristocrata, iguaria requintada e cara – o que, claro está, faz do crustáceo ainda mais explorado, torturado em termos numéricos e de métodos (ou seja, para estas trata-se de uma "queda social"). Advém dessa condição menor abandonada uma qualificação das lagostas, encontrada pela internet fora, como "cockroaches of the sea", baratas do mar. Com estas premissas em mente, proponho uma espécie de fábula teórica, pós-humana assente na dialéctica "barata/lagosta", em que o registo metafórico se cruza com o metamórfico, que se volta tanto para opressões intrahumanas quanto para a nossa colossal subjugação interespécies. Para tal efeito, passarei brevemente por um conjunto de representações bioculturais "baratistas" – e.g. um conto de Bruno Schulz, um romance de Clarice Lispector, um episódio da série televisiva *The X-Files* ou a poesia de Adília Lopes – e "lagosteiras" – um conceito psicanalítico de Françoise Dolto, um ensaio-reportagem de David Foster Wallace, a teoria de Jordan Peterson ou uma exposição de Philip Colbert. No fundo, se as baratas bioculturais apontam para a minusculidade e dissolução – o que em nada contradiz a sua antiguidade ou a mitológica resistência a explosões nucleares; culminam somente numa duradoura inferioridade –, as lagostas, até pelo seu processo de crescimento perpétuo sustentado em ecdises infinitas, tornaram-se ícones de anseios de poder e hierarquias. Fora de "diegeses", estes dois animais sinalizam uma simetria de instrumentalidade desumana, do alarme de desinfestação ao ver uma barata (vómito) à fervura viva tipicamente infligida às lagostas (*gourmet*) para alimentação; entre o desejo de exterminar esses insectos e o esforço de reproduzir esses crustáceos.

Palavras-chave: Barata. Lagosta. Fábula Teórica. Literatura.

17H15 || SALA - 5 - COMUNICAÇÃO – 06

DE ANIMAIS E DE HOMENS: UMA LEITURA DO CONTO "O LEPROSO", DE MIGUEL TORGA

Naira de Almeida Nascimento (Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

A partir da análise de um conto do escritor português Miguel Torga, "O leproso", do livro *Novos contos da montanha* (1944), pretende-se demonstrar como a segmentação entre animais humanos e não humanos obedeceu a uma lógica interna que também tornava os humanos *outros*, fora do pacto civilizacional, a depender de seu estatuto, como se vêm demonstrando no âmbito da biopolítica e da necropolítica. Com o apoio dos estudos de Michel Foucault reunidos no volume *Os anormais*, busca-se perceber como a categoria de "monstro" atende aos interesses da estigmatização de humanos na aproximação que ela tece com o animalesco. Como resultado, acreditamos que o desmascaramento de tais conversões contribuem na perspectiva de uma nova atitude frente aos viventes.

Palavras-chave: Miguel Torga. *Novos contos da montanha*. Foucault. Monstro. Anormal.

10/09/21 | TERÇA-FEIRA | 16H00 | **SALA 6**

16H00 || SALA - 6 - COMUNICAÇÃO – 01

AMAZÔNIA, ANIMAIS, SERES E MILAGRES: REFLEXÕES SOBRE OS ANIMAIS E O MEIO AMBIENTE

Weslley Dias Cerdeira (Universidade Federal do Amazonas)

Este estudo busca refletir sobre os animais e o meio ambiente no contexto da abordagem dos processos socioculturais na Amazônia. A análise se entrelaça nos fios da interdisciplinaridade no diálogo entre Literatura, Filosofia e Antropologia. A pesquisa busca verificar os tratamentos dados aos animais e o meio ambiente pelo imaginário ocidental, buscando assinalar contribuições na complexidade do imaginário amazônico como resistência ao antropocentrismo. Dentro das teorias do Orientalismo, compreendemos como as exegeses literárias e cristãs tornaram a natureza silenciosa no discurso do Ocidente. Ocasionalmente, a

natureza sai de uma presença viva para um objeto mudo e sem essências, dando significado e importância apenas aos sujeitos humanos falantes. Entretanto, no imaginário dos povos tradicionais da Amazônia, os animais têm voz, vida e qualidade de seres dentro de uma dinâmica, onde assumem papel protagonista no enfrentamento à degradação ambiental. Nessa perspectiva pretende-se dar contribuições para se pensar o papel dos animais no tempo contemporâneo e como a racionalidade ocidental de controle da natureza foi utilizada para ter domínio e poder sobre a vida num sentido geral.

Palavras-chave: animais; imaginário; Ocidente; Amazônia.

16H15 || SALA - 6 - COMUNICAÇÃO – 02

ENTRE PÉS E PATAS: A APROXIMAÇÃO DO HUMANO E O NÃO HUMANO EM *A MAÇÃ NO ESCURO*, DE CLARICE LISPECTOR

Adriana Gomes Cardozo (Universidade Estadual de Maringá)
Evely Libanori (Universidade Estadual de Maringá)

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, os animais não humanos passaram por diversas significações e ressignificações, conforme a cultura na qual estão imersos. No Ocidente, principalmente, a interpretação do animal não humano como um "outro" assujeitado se constituiu sobre pilares arcaicos do cristianismo e da cultura grega, que viam nos humanos uma ordenação superior a todos os outros seres vivos do planeta. Esse arquétipo só cresceu com o passar dos séculos e, conforme os humanos organizavam as suas economias em torno de sociedades produtivas e manufatureiras, os animais distintos do *homo sapiens* eram, cada vez mais, deixados à margem, silenciados e invisibilizados na sua condição existencial, de modo que esta se tornava uma existência objetificada. Em oposição a esse contexto que marginaliza os animais não humanos, esse trabalho objetiva investigar o encontro que houve com as vacas e as suas repercussões na trajetória da personagem Martim do romance *A maçã no escuro* (1961) de Clarice Lispector. Às vacas é atribuída uma diversidade de simbologias, como aquelas que remetem à maternidade e ao acolhimento. Diversas são as culturas que as mantêm como representações positivas. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, no *Dicionário de Símbolos* (1982), as vacas representam a essência da renovação e da esperança na sobrevivência, e, em alguns textos budistas *zen*, a figura da vaca é associada ao processo gradativo que conduz à iluminação. Imerso em meio a

estes animais, Martim passa por um processo introspectivo e muito particular rumo ao autoconhecimento e de descoberta da alteridade do "Outro". O embasamento teórico está centrado na ecocrítica e na ética animal, tendo como base o pensamento dos seguintes autores: Greg Garrard (2006), Sônia Felipe (2007 e 2012), Tom Regan (2006), Carol J. Adams (2012), Karen J. Warren (2000) e Maria Esther Maciel (2016). Tais estudiosos teorizam a respeito da temática abordada e nos possibilitam entender a ética animal e a representação poética dos animais em Clarice.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *A maçã no escuro.* Alteridade. Ética Animal. Vacas.

16H30 || SALA - 6 - COMUNICAÇÃO – 03

INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL SOBRE NATUREZA E ANIMAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONCEPÇÃO FILOSÓFICA BIOFÍLICA

Barbara Goloubeff (Instituto Vivendi)

Como hipótese, se optou por avaliar, através da autoescuta, pela simples lembrança, entre as centenas de livros lidos desde a infância até parte da adolescência, aqueles que causaram memorável impacto e direcionaram a vida adulta no quesito animalismo e ambientalismo. É a infância o período que a criança aproveita para aprender se divertindo, transformando a leitura numa imensa aventura. Claro, na condição de ter pais e mestres que lhe apresentem a leitura como algo prazeroso, que a transporta para outros mundos e dimensões, facultando um conhecimento que será incorporado e servirá de baliza e aferição de rumos, na vida adulta. Neste trabalho o enfoque proposto é fruto de uma postura ética atual, baseada no raciocínio ecológico-moral – a biofilia. Sendo assim, são feitos breves comentários sobre múltiplos clássicos infantis de diversas partes do mundo, lidos na infância. Lembranças que ora aquecem a alma ora entristecem, por vezes trazem à tona atitudes comprometedoras da humanidade, em outras oferecem valiosos exemplos de compaixão pela vida. Ao final, elaboramos aqui uma releitura de passagens de diversas obras de grandes filósofos da Natureza, em particular Monteiro Lobato, Henry Thoreau, John Muir, Mikhail Prishvin e Edward Wilson. Esses autores compartilham um sentimento extremamente relevante com relação à natureza, citando: amabilidade, amor, cuidado parental, afiliação. Apesar de cada um utilizar um termo específico, o estudo etimológico dessas palavras permite ver um único e

mesmo sentido nestas palavras, aparentemente diversas entre si. De origem latina, essas palavras têm ascendência em raízes protoindo-europeias que remontam ao início da nossa humanidade, significando: *voz infantil para chamar a mãe/dar carícias de mãe/parir/mamar, amamentar*. E estas origens indicam uma única fonte deste sentimento multifacetado, na palavra *Mãe* e nos cuidados maternais. É possível recordar que em muitas línguas modernas, o planeta Terra é referido no feminino e recebe o título de Mãe-Terra, geradora de vida e nutriz. Entretanto, na palavra amabilidade está também embutido um alerta, o amor precisa ser merecido. E atualmente esta maternidade não está sendo reverenciada. Aquilo que foi compreendido com a alma, na vivência com a natureza, com os animais, durante a infância, o olhar adulto reverbera hoje e afirma, sofremos de déficit agudo de Natureza! Deixamos de ser filhos da Terra. Exploramos e espezinhamos o ser que é nosso lar expandido.

Palavras-chave: Literatura infantil. Animalismo. Ambientalismo.

16H45 || SALA - 6 - COMUNICAÇÃO – 04

A NATUREZA NA CONTÍSTICA CLARICIANA: UMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA

Antonia de Jesus Sales (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará)

O referido artigo visa discutir a contística clariciana em uma perspectiva transdisciplinar, ao considerá-la pelo ponto de vista da ecocrítica, tendo como referencial teórico Barry (2002) e Garrard (2006). Assim, nosso foco, aqui, é observar como a natureza é representada nos contos, enfocando a literatura em conexão com o meio ambiente e como esta relação aparece na obra *Todos os Contos* (2016) de Clarice Lispector. Para este intento, recorremos a Garrard (2006) e Barry (2002) como referencial teórico para nortear esta discussão. Os excertos analisados tendenciam um olhar ecológico, através das descrições e reflexões minuciosas encontradas, que demonstram um olhar de proximidade para com o mundo animal, perpassando sensações de medo e de tentativa de ambiência.

Palavras chave: Ecocrítica. Contística. Literatura.

17H00 || SALA - 6 - COMUNICAÇÃO – 05

ESTUDO COMPARADO ENTRE O CONTO *A PRAÇA*, DE ASTRID CABRAL, E *THE HAPPENING*, DE M. N. SHYAMALAN, NUMA PERSPECTIVA ECOCRÍTICA

Maíssa Pires Ramos Moreira (Universidade Federal de Rondônia)

Objetiva-se realizar um estudo comparado entre as obras *A praça* (1989) de Astrid Cabral, e o filme *The happening* (2008), de Manjo Nelliyattu Shyamalan, focalizando as relações humano-vegal numa perspectiva ecocrítica. Subvertendo o plano do real, cada uma das obras explora a percepção e inteligência da natureza, valendo-se de estratégias estéticas distintas. *A praça* centraliza as vivências de seres do reino orgânico e propõe uma leitura que parte do mundo vegetal, através de sua personagem protagonista terra, para falar do *outro* e também do próprio humano. *The happening* insurge probrematizando as consequências de revide vegetal contra os humanos, em resposta à crise ambiental. Para o desenvolvimento da problemática proposta, dialogaremos com Antônio Paulo Graça (1989), Linda Catarina Gualda (2010) Greg Garrard (2006) e Peter Wohlleben (2017); em num estudo interdisciplinar entre literatura, cinema e ecocrítica.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Ecocrítica. Astrid Cabral.

Comunicações Livres

dia 11

11/08/21 | QUARTA-FEIRA | 15H00 | **SALA 7**

15H00 || SALA - 7- COMUNICAÇÃO – 01

ANIMALIDADE E DEFICIÊNCIA: CRÍTICA ECOCRIPIFICADA DE UM ENCONTRO (DES)MORALIZADO

Luana Adriano Araújo (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

No âmbito da filosofia moral, o encontro entre deficiência e animalidade têm fornecido pontos de confluência e de divergência reciprocamente caricaturizados. Questiona-se quais seriam os possíveis encontros entre deficiência e animalidade, traçando um mapa trifurcado que admite as vias da comparação; do cuidado e da dignidade; e da cidadania e da opressão comum (ADRIANO ARAÚJO, 2020, 2021). Neste trabalho, pretendo seguir um afluente da terceira via – a crítica ecocripificada –, apontando para uma possibilidade de relação subestimada pela filosofia moral ocidental. Para Taylor, "*to crip something*" não significa quebrá-lo, mas radical e criativamente investi-lo com a história política da deficiência, questionando simultaneamente os paradigmas de independência, de normalidade e de medicalização (TAYLOR, 2017, p. 29-30). Fazê-lo inclui ter uma percepção positiva do que venha a ser estar "crippled" – um estado comungado por animais humanos e não-humanos quando os padrões de normalidade são opressores e dominadores. Para ativistas e estudiosos de deficiência, *crip* é uma ação: um modo de radicalmente alterar o sentido. Por isso, "nomear animais como *crips* é uma maneira de nos desafiar a questionar nossas ideias sobre como os corpos se movem, pensam e sentem e o que torna um corpo valioso, explorável, útil ou descartável" (2017, p. 43). Nossos atos de fala evidenciam, igualmente, nossa predisposição para a alteridade quando falamos em *more-than-human animals* (JENKINS *et al*, 2020) e não mais em animais não-humanos – nomenclatura que parte da negação do humano para se firmar positivamente. O "não-humano" é um lugar de ausência e de incorreção, enquanto o *more-than-animal* se refere a exatamente aquilo que busca expressar: todas as entidades, com exceção de uma. A construção do conceito de *more-than-human* engendra o encontro animalidade-deficiência de dois postulados importantes: o da solidariedade inter-espécies e o da justiça sanitária ambiental (ROCK *et al*, 2105). A partir dessa descrição disparadora, busco aqui detalhar a topografia da via da crítica animal da deficiência, tomando-a a partir da insurgente teoria eco-crip. Como objetivos específicos, busco: (i) alinhar um léxico básico

para a articulação da crítica apresentada, por meio da proposição dos conceitos de "eco-habilidade"

Palavras-chave: Teoria Crip. Deficiência. Animalidade. Estudos Críticos. Eco-Crip.

15H15 || SALA - 7- COMUNICAÇÃO – 02

EU E O OUTRO: CONFLITO E ESTRANHAMENTO NO ENCONTRO DE NATUREZAS

Maria do Socorro Pereira de Almeida (Universidade Federal Rural de Pernambuco)
Eduardo de Lima Beserra (Universidade Federal de Alagoas)

Na poética de Clarice Lispector, entre os vários temas sutis que a abarca, a relação entre o humano e o não humano se faz ver em diversos aspectos. As considerações que se desprendem da interação entre o eu e o outro seja este o estranho que habita cada um, seja o outro entendido puramente como animal desprovido de fatores como racionalidade, sensibilidade, etc., situam-se em zonas profundas não somente de teorias narrativas, mas também em outros campos que têm na psique um ponto relevante para suas investigações, a exemplo da psicanálise e da filosofia. Tendo isso em vista, este trabalho pretende traçar algumas discussões a partir da relação entre o humano e o não humano em duas narrativas claricianas: "O crime do professor de matemática" e "O Búfalo", os dois últimos contos do livro "Laços de Família", publicado pela primeira vez em 1960. O processo analítico das estórias citadas obedece às reflexões traçadas nas searas da filosofia contemporânea, que se debruça sobre a condição humana em variados desdobramentos, inclusive no que diz respeito às relações dialéticas que tal condição se deixa determinar com o outro. Além disso, mobilizamos ponderações acentuadas no âmbito dos Estudos Animais, área da filosofia que ainda se mostra incipiente ante o rol das demais vertentes filosóficas e na relação com a literatura. Sendo assim, ancoramos a pesquisa em estudos de Freud (2011; 2014; 2015), Maciel (2008; 2011; 2016), Lestel (2004), Ferry (2009), Bosi (2015), Goffman (2009), entre outros. Com este estudo, pudemos apreender perspectivas da dualidade humana e, principalmente, nuances da relação entre humano e não humano, de que modo um interfere na existência do outro, seja positiva ou negativamente, bem como foi possível perceber como a alteridade ganha contornos nesse imbricamento existencial.

Palavras-chave: Animais. Humano. Filosofia contemporânea. Alteridade.

15H30 || SALA - 7- COMUNICAÇÃO – 03

ÉTICA ANIMAL E ÉTICA AMBIENTAL: UM CASAMENTO DE CONVENIÊNCIA

Alexis Ouellet-Simard (Universidade de Ottawa - Canadá)

À primeira vista, o rompimento entre a ética animal e a ética ambiental pode parecer inevitável quando concebemos essas duas éticas em posições irreconciliáveis: de um lado os animalistas que defendem, acima de tudo, os animais e, de outro lado, os ambientalistas que priorizam a defesa dos ecossistemas. Nesta apresentação, exporemos certas convergências entre a ética animal e a ética ambiental e justificaremos sua concordância no contexto atual. Mais especificamente, ao contrário de Mark Sagoff, que em 1984 sugeriu uma ruptura entre essas duas éticas em seu artigo intitulado "Animal Liberation and Environmental Ethics: Bad Marriage, Quick Divorce", mostraremos que agora a ética climática constitui, de muitas maneiras, um catalisador que permite uma aproximação das abordagens teórica e aplicada, das éticas animal e ambiental. Veremos que a luta contra as alterações climáticas é uma oportunidade excepcional para tentar melhorar as condições dos animais e dos ecossistemas, especificamente, focando nos problemas éticos interdisciplinares associados à criação industrial, que representa 14% das emissões de gases com efeito estufa além de causar danos significativos aos ecossistemas, dentre outras coisas, devido ao desmatamento que está associado a essas práticas. Assim, novas medidas políticas para mitigar o aquecimento global podem ter grandes efeitos benéficos sobre o clima, o meio ambiente e as condições dos animais não humanos. Embora existam muitas razões legítimas para reduzir o sofrimento animal, as alterações climáticas podem ser as razões com o efeito político mais forte para trazer mudanças significativas. Nesse sentido, do ponto de vista aplicado, pode ser estratégico utilizar como prioridade os argumentos oriundos da ética climática para buscar realizar, rapidamente, mudanças políticas destinadas a melhorar as condições dos animais. Isso se justifica porque, infelizmente, a importância dada aos animais não humanos é, geralmente, mínima nos debates políticos atuais enquanto a importância de combater o aquecimento global ganha notoriedade. Assim, nas condições atuais, as causas animais têm maior probabilidade de serem ouvidas rapidamente, se forem associadas às causas ambientais, que requeiram ação urgente. Podemos pensar que, posteriormente, à medida em que os direitos dos animais são reconhecidos e levados em consideração em nossas sociedades, a ética animal poderá evoluir por si mesma e poderá influenciar políticas mais específicas para seu campo de estudos. Nesse sentido, pode-se supor que uma sociedade que alcançou uma forma de

Zoópolis (DONALDSON; KYMLICKA, 2011) poderia lidar com a condição animal de forma mais rigorosa e direcionada, mas que na situação atual, uma solução imediata deve ser encontrada. Assim, consideramos a questão ambiental como a melhor aliada para alcançar este objetivo.

Palavras-chave: Ética animal. Ética ambiental. Animais. Alterações climáticas.

15H45 || SALA - 7- COMUNICAÇÃO – 04

A DENÚNCIA AMBIENTAL NA ÉPICA OITOCENTISTA BRASILEIRA: O CASO DE OS TIMBIRAS

Giovanna Gobbi Alves Araújo (Universidade de São Paulo)

Em 1847, o poeta e etnógrafo maranhense Gonçalves Dias teve a ideia de compor um grande poema épico, uma "Ilíada brasileira", após uma estada na chácara de Lisboa Serra na Gávea, no Rio de Janeiro. Objetivava compor um poema exclusivamente americano, que tratasse de quatis, cascavéis, mangueiras, jabuticabeiras, jequitibás e ipês. A forjada teinte locale viria sob forma do gênero épico em Os Timbiras, que se dedicaria à recriação histórica da dispersão da nação timbira do Maranhão ao Amazonas. O enredo de Os Timbiras discorre em cenas de batalhas travadas entre timbiras e gamelas, particularmente da ação do chefe Itajuba e do guerreiro Jatir, entremeadas de descrições da exuberância natural brasileira e o modus vivendi atribuído aos indígenas. A finalidade do poema sintetizava-se na criação de uma epopeia indígena em celebração dos feitos e lutas do nativo ancestral do povo brasileiro e na identificação da origem do declínio da vida nativa brasileira, com a invasão portuguesa do território americano. Assim, o poeta tece dura crítica à cobiça que levou europeus a perseguir riquezas nas Américas, escravizar e assassinar populações nativas e afrodescendentes. Centrada na ganância humana, a crítica social de Dias se alarga na denúncia ambiental das violências envolvidas na extração da borracha amazônica. O poeta, que havia passado o ano de 1861 em expedições a escolas do Amazonas, do Peru e da Venezuela a coletar materiais para relatórios pedagógicos e etnográficos para o IHGB, conhecia a devastação ocasionada pela expansão repentina da produção da borracha entre 1850 e 1860 na Amazônia. Para Dias, o sofrer do homem espoliado também é o da natureza. Por isso, n'Os Timbiras as seringueiras "choram" a preciosa goma, os cajás se desfazem, os sabiás lamentam a destruição mesma da terra e dos homens. Esta comunicação explorará a crítica de Gonçalves Dias do capitalismo

exploratório de florestas, animais e humanos no contexto da produção da borracha na Amazônia de meados do século XIX no poema d'Os Timbiras e em seus escritos etnográficos.

Palavras-chave: Denúncia ambiental. Épica indianista. Exploração. Borracha amazônica.

16H00 || SALA - 7- COMUNICAÇÃO – 05

OLHOS QUE NÃO PODEM SE FECHAR: PERSPECTIVAS ECOCRÍTICAS NA OBRA CHICLETE (껌), DO AUTOR SUL-COREANO KIM KI-TAEK

Maria Gabriela Wanderley Pedrosa (UFPE)
Ermelinda Maria Araújo Ferreira (UFPE)

O poeta sul-coreano Kim Ki-taek é conhecido por retratar em sua produção a tensão decorrente da violência e da dor inerentes ao jogo da sobrevivência. São frequentes em seus poemas os motivos animais e a temática da devoração. O poeta entende que a alimentação é uma forma de alienação, tratando esse tópico no âmbito do que ele chama uma "memória da carnificina". O objetivo desta pesquisa foi analisar alguns textos de seu livro de poesias Chiclete (2009), a fim de investigar criticamente como os prazeres da sociedade consumista sul-coreana contemporânea acabam resvalando na violência contra os animais seja à mesa, seja como um rastro no corpo humano. Sua poesia elabora uma crítica nevrálgica tanto à sociedade pós-industrial quanto aos seus consumidores, no sentido de um "hiper-realismo impessoal, que lembra os famosos poemas de estreia do expressionista alemão Gottfried Benn" (ASCHER, 2009), nos quais os cheiros e sabores se tornam sensações desconfortáveis, invertendo o hedonismo em completo sofrimento. No tocante ao referencial teórico, a pesquisa se baseia nos estudos de autores como John Berger (1980), Greg Garrard (2006); Oh Hyung-yup (2015); Nelson Ascher (2019); Yun Jung Im (2019) e Joon Park (2019); e de Yi Nam-ho, U Ch'anje, Yi Kwangho e Kim Mihyŏn (2001), e Sanggum Li (2016), a fim de compreender as produções literárias da década de 00 da Coreia do Sul, que se debruçam sobre a representação massiva de "causas hedonistas" na cultura popular multimidiática, criticando como o modelo tecnológico da vida voltada para a cultura digital tornou-se um vetor de ânsias e angústias profundas naquela sociedade.

Palavras-chave: Animal studies. Ecocrítica. Poesia sul-coreana contemporânea.

16H15 || SALA - 7- COMUNICAÇÃO – 06

AS REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO MIGRANTE NAS MEMÓRIAS IDENTITÁRIAS EM O *VELHO QUE LIA ROMANCES DE AMOR* E SUA RELAÇÃO COM A NATUREZA AMAZÔNIA

Edilene Teixeira da Silva Santos (UNIR)
Hélio Rodrigues da Rocha (UNIR)

A motivação inicial para a escrita deste artigo surgiu no contexto de estudos quando do desenvolvimento da disciplina *Literatura, Memória e Identidade*, ofertada no Programa de Pós Graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários- PPGMEL, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR e impulsionada pela oportunidade de apresentação no V Congresso Internacional de Literatura e Ecocrítica e posterior publicação. O objetivo do presente trabalho foi estabelecer as possíveis relações entre teorias que abordam o sujeito migrante e sua constituição identitária a partir de suas memórias preservadas, buscando perceber as relações construídas com a natureza local, o que oportunizou lançar um olhar analítico sobre uma produção literária de expressão amazônica. A temática abordada neste artigo foi *Crimes Verdes e Violência Contra os Animais*, buscando identificar e analisar as representações do sujeito migrante e a preservação das memórias identitárias no romance *Um velho que lia romances de amor*, do escritor chileno Luis Sepúlveda (2004), tendo como foco da análise, o personagem central da obra, José Antonio Bolívar Proaño, um homem de aproximadamente sessenta anos, oriundo das montanhas, de um povoado chamado San Luis, vizinho ao vulcão Imbabura, no Equador que migrou para as terras da Amazônia. A base teórica definida para orientar a análise é ampla e se reportou a diferentes teóricos que desenvolveram conceitos e abordagens, dentre os quais se destacam: sobre memória individual e memória coletiva, buscou-se em Halbwachs (1990), em diálogo com as abordagem sobre memória e esquecimento discutidos em Pollak (1989); identidade e processo de identificação, em Bern (2011), em diálogo com Glissant (2005); os conceitos de sujeito migrante e heterogeneidade e seus desdobramentos, em Polar (2000); recorreu-se, também, ao aporte referente à cultura amazônica, destacando a experiência sensorial do homem com o espaço natural amazônico, em Loureiro (2014). Para a análise da relação do sujeito migrante com a natureza amazônica, principalmente com os animais da floresta, buscou-se fundamentação em estudiosos da ecocrítica, com destaque para as análises encontradas em Guilherme Galhegos Felippe (2013).

Palavras-chave: Amazônia. Migrante. Memória/Identidade. Natureza. Animais.

11/08/21 | QUARTA-FEIRA | 15H00 | **SALA 8**

15H00 || SALA - 8 - COMUNICAÇÃO – 01

O RECONHECIMENTO DE ANIMAIS NÃO HUMANOS COMO SUJEITOS DE DIREITO: UMA SÍNTESE DE DECISÕES JUDICIAIS EM UM CONTEXTO MUNDIAL

Karen Jhessey Cruz Santos (Centro Universitário Paraíso - UNIFAP)
Marina Roberta Cioatto (Centro Universitário Paraíso - UNIFAP)

O presente trabalho aborda o reconhecimento de uma nova categoria jurídica aos animais não humanos de modo a considerá-los como sujeitos de direito, tendo como base decisões judiciais proferidas no estrangeiro. Assim sendo, tem-se como problema de pesquisa: de que forma tribunais, em contexto mundial, estão tratando a tese de reconhecimento de animais não humanos como sujeitos de direito? Como hipótese, observa-se que o cenário internacional apresenta um tratamento ainda inicial quando confrontado com as produções havidas nacionalmente. As decisões abordam aspectos pontuais e objetivos, não havendo um aprofundamento do assunto no decorrer da tramitação processual. O objetivo geral é examinar o reconhecimento de animais não humanos como sujeitos de direito por meio de decisões judiciais em um contexto mundial, a fim de buscar compreender se o reconhecimento dessa categoria aos animais possui tratamento relevante e significativo, assim como observou-se a evolução da abordagem no Brasil em trabalhos anteriores. De forma específica, refletir acerca das mudanças de paradigmas no que tange ao tratamento jurídico dado a animais não humanos e apresentar a transformação do tratamento concedido pelos tribunais fora do Brasil, com decisões estrangeiras paradigmáticas para o cenário apresentado. Quanto à justificativa, dá-se em virtude de transformações no tratamento jurídico dado aos animais não humanos na tentativa de reconhecê-los como sujeitos de direito em decorrência da ruptura com valores que não condizem com avanços científicos e anseios sociais vivenciados atualmente. Esse reconhecimento implica uma mudança no trato objetificado dado aos animais não humanos. No tocante à metodologia, o método de pesquisa empregado foi o indutivo, por meio do método sistemático e descritivo no objetivo geral. Quanto à abordagem utilizou-se a pesquisa quanti-qualitativa e no emprego dos métodos bibliográfico, documental e levantamento de campo. A pesquisa resultou na obtenção de 12 ações emblemáticas. Destas, 6 foram selecionadas, com 3 da Argentina, 1 da Colômbia e 2 dos Estados Unidos. Concluindo-se que

a questão ainda é pouco debatida nos tribunais no exterior e, quando o são, é perceptível a resistência de alguns juízes em proferir decisões reconhecendo os animais não humanos como sujeitos de direito. Igualmente, não há uma provocação mais frequente e ativa por parte dos advogados.

Palavras-chave: Animais não humanos. Decisões estrangeiras. Direito animal. Sujeitos de direito.

15H15 || SALA - 8 - COMUNICAÇÃO – 02

ANIMAIS COMO REPRESENTAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA NA NARRATIVA CINEMATOGRÁFICA DE ROBERT EGGERS

André Pinheiro (Universidade Federal do Piauí - UFPI)

Se o cineasta norte-americano Robert Eggers já havia despertado a atenção do público e da crítica especializada com o lançamento de seu primeiro longa-metragem **A bruxa** (2015), o seu prestígio aumentou consideravelmente depois da produção de **O farol**, lançado no final de 2019. Trabalhando com um orçamento baixo para os padrões estadunidenses e apostando em uma abordagem de teor mais autoral, é impressionante a habilidade que Eggers tem para produzir obras fortes e de acentuada beleza cênica. A despeito do seu pequeno acervo cinematográfico, já é possível delinear a preferência por determinados temas e por alguns recursos estilísticos na obra do cineasta. De modo geral, Eggers procura suscitar um pacto entre a ficção e a realidade histórica, muitas vezes ocasionando uma espécie de revisionismo crítico através da narrativa fílmica. O diretor também investe densamente na observação das estruturas sociais e culturais, oferecendo ao espectador uma leitura fina dos padrões de comportamento humano em diferentes épocas da nossa História. Dentro desse universo representativo, chama bastante a atenção a presença de animais para compor o quadro de uma realidade mística ou como símbolo religioso em seus filmes. Em **A bruxa**, por exemplo, um bode figura como personificação do diabo e uma lebre guia uma criança até as entranhas da floresta, onde reside o pecado e o Mal. Já em **O farol**, gaivotas sombrias imprimem um ar místico e tenebroso à narrativa. Promovendo uma espécie de sincretismo religioso, o diretor lança mão de diferentes modelos culturais referentes à manifestação do sagrado para compor uma realidade mítica e assustadora. Sem falar que todas essas experiências se passam em espaços ermos e isolados, nos quais os limites entre a humanidade e a animalidade já não são

mais tão precisos. Diante do exposto, o principal objetivo deste trabalho é analisar a representação simbólica dos animais no contexto religioso retratado por Robert Eggers em seus filmes **A bruxa** (2015) e **O farol** (2019); pretende-se evidenciar que tais animais são a materialização de nossa própria vivência com o sagrado, bem como uma forma de controle que garante à conservação do homem na vida religiosa.

Palavras-chave: Robert Eggers. Animais. Sagrado.

15H30 || SALA - 8 - COMUNICAÇÃO – 03

ANIMAIS: SERES INTELIGENTES A PARTIR DA PERSPECTIVA DA DOUTRINA DOS ESPÍRITOS - OS ANIMAIS NO CONTEXTO RELIGIOSO

Carmela Ferreira Tacaná (UNIR)
Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR)

O presente artigo tem como proposta analisar duas obras da professora doutora, Irvênia Luiza de Santis Prada (criadora do Movimento cultural de medicina veterinária e espiritualidade, na USP) que são *A questão espiritual dos animais* (2020) e *A alma dos animais* (2018), com a finalidade de destacar os pontos de contato entre os posicionamentos da autora e o Espiritismo - doutrina codificada por Alan Kardec, que em seu aspecto religioso, pretende explicar as leis que regem a vida e o universo. As produções pretendem demonstrar que os animais não são movidos apenas por instintos, mas também por inteligência, no cumprimento das sucessivas etapas da jornada evolutiva; são seres inteligentes e sensíveis que devem ser tratados com respeito e amor. Dialogar-se-á com Ernesto Bozzano, filósofo italiano e pesquisador espírita que relata na obra *Os animais têm almas?* (2009), cento e trinta casos de manifestações metapsíquicas, demonstrando cientificamente a sobrevivência da alma dos animais após a morte. A aproximação das ideias da autora, presentes nas produções analisadas, com a doutrina espírita, se fará por intermédio da obra *O livro dos espíritos* (2000), pertencente ao pentateuco de Kardec, também referido como codificação espírita.

Palavras-chave: Animais. Alma. Inteligência. Espiritismo. Alan Kardec.

15H45 || SALA - 8 - COMUNICAÇÃO – 04

A ÁGUA E A ÁGUIA: UMA LEITURA POÉTICO-ECOLÓGICA À LUZ DA ECOCRÍTICA

Gleidson André Pereira de Melo (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)
Angela Maria Guida (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

O estudo propõe uma reflexão dos postulados defendidos pela ecocrítica, a partir do diálogo com a fábula *A água e águia* de Mia Couto. Trata a obra, segundo o escritor moçambicano, sobre "a relação íntima, orgânica, às vezes desconhecida, entre a fala, as palavras, as letras, o mundo e a natureza". Assim, leve como os rios voadores da Amazônia, alçando voo como águia, flui no imaginário poético questões que perpassam por complexas relações ambientais. Muitas vezes, engendradas num processo dinâmico, cuja força motriz pode ser carreada por interferências antrópicas nos ciclos naturais que sustentam a vida no planeta. Neste contexto, a ecocrítica, que, para Cheryll Glotfelty, em *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*, "é o estudo do relacionamento entre literatura e o meio ambiente físico", se notabiliza por abordar temas importantes relativos a essas relações, ao revelar uma ampla e variada miríade de impactos negativos e que compromete diretamente o direito à vida na Terra. Em *As três ecologias*, Félix Guattari argumenta que o sentido da ecologia não deve se limitar à imagem apenas de uma minoria de amantes da natureza ou de especialistas, mas sim com um engajamento de forma coletiva e voltado para a solução de problemas que afetam as relações ecológicas, em proveito de um bem comum, o da sustentabilidade ambiental. Além disso, para Luc Ferry, em *A nova ordem ecológica*, para o século XXI faz-se necessário "destacar o falso debate que ameaça e a verdadeira questão que os aguarda". Ao retomar o discurso ecocrítico, vale ressaltar que se tornou um dos principais movimentos incluídos nos debates que vão desde o pensamento ecológico-poético às diversificadas interações do homem com a natureza, quer seja no âmbito social, ambiental, econômico ou político. Em vista disso, não seriam apenas questões ambientais ou de cunho político, com as quais lidamos diariamente por meio da leitura e compreensão das mídias de informação disponíveis? Sugere-se ser questões que podem ser chamadas para o debate ecocrítico. Assim como na fábula *A Água e a águia*, as aves desempenham papéis essenciais na natureza, quer na polinização realizada por beija-flores, ou na dinâmica dos urubus rapinantes na manutenção de limpeza das carcaças. Essas aves necessitam de proteção e conservação, uma vez que podem ser afetadas por agrotóxicos lançados nos campos de pastagens. Como

princípio, conhecer é um dos passos para a conservação das espécies e dos ambientes. Ainda no contexto da fábula, é estabelecida uma (re)conexão com a natureza, quando é apresentado o ciclo das enchentes do rio como no significado de "engravidar". Em períodos de estação seca de Moçambique, como num jogo de sentidos, a ave converte a palavra águia em água ao comer a letra "i" da palavra que representa a imagem de uma mulher com um pote na cabeça. Finalmente, pelo viés de notas ecocríticas, as discussões apresentadas nesta comunicação buscam elucidar a compreensão ecológica e poética que permeia *A água e a águia*, como também despertar para questões ambientais relevantes.

Palavras-chave: Mia Couto. Literatura e meio ambiente. Ecocrítica.

16H00 || SALA - 8 - COMUNICAÇÃO – 05

REPRESENTAÇÃO DA CRISE AMBIENTAL EM *NÃO VERÁS PAÍS NENHUM* (1981) E *O CONTO DA AIA* (1985)

Alfredo Ricardo Silva Lopes (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

O contexto de produção e recepção dos romances distópicos ***Não Verás País Nenhum*** (1981) de Ignácio de Loyola Brandão e ***O Conto da Aia*** (1985) de Margaret Atwood é analisado neste trabalho com o objetivo de compreender como a degradação ambiental própria da sociedade industrial capitalista é representada nas obras. De forma herética, as obras são lidas como se fizessem parte do mesmo universo ficcional, tal leitura de justifica pela relação do enredo das obras com uma história global da degradação ambiental; e pelos elementos do contexto histórico que entrelaçam a produção das narrativas. Desta forma, apesar das obras analisadas serem produzidas e recebidas em espaços de experiência diferentes, convergem para um mesmo horizonte de expectativa marcado pelas consequências da degradação ambiental em nível global.

Palavras-chave: História e Literatura. Antropoceno. *Não Verás País Nenhum*. *O Conto da Aia.*

16H15 || SALA - 8 - COMUNICAÇÃO – 06

ATIVISMO LITERÁRIO: REFLEXÕES ANTROPOCÊNICAS SOBRE UM ANTI-ANTROPOCENTRISMO

Marcus Vinícius Matias (Universidade Federal de Alagoas)

O agravamento dos problemas ambientais já se configura como uma das características que definem o século XXI. Movimentos que alertam sobre a poluição dos oceanos (com toneladas de plásticos sufocando a fauna e a flora marinha), a ameaça às outras espécies no planeta e o abuso das sociedades de consumo predatório vêm a somar-se às recorrentes questões sobre o aquecimento global e o mal uso da terra. Proponho discutir como esses movimentos de conscientização e divulgação do pensamento crítico sobre os problemas ambientais são engendrados por meio de um ativismo literário e pelo pensamento utópico. Procuro, portanto, discutir como o ativismo literário se coloca diante dos problemas ambientais, tendo como um dos importantes focos a discussão sobre a tendência de voltarmos nossas atenções exclusivamente para interesses humanos, mesmo quando estas abordam questões ambientais. Para tanto, críticas sobre a narrativa antropocênica, Andreas Hornborg (2014); as abordagens Ecocríticas, Greg Garrard (2004), Terry Gifford (2017) e BUELL (et al, 2011); e conceitos sobre ativismo literário, Marcus Matias (2020); serão as bases para essa discussão.
Palavras-chave: Ecocrítica. Ativismo Literário. Antropoceno.

11/08/21 | QUARTA-FEIRA | 15H00 | **SALA 9**

15H00 || SALA - 9 - COMUNICAÇÃO – 01

MOVIMENTO AMBIENTALISTA NA GUINÉ-BISSAU: UM PANORAMA SOBRE SUA INSTITUCIONALIZAÇÃO

Aldine Valente Bathillon (Universidade Federal de Minas Gerais)
Carla Craice da Silva (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB)

A Guiné-Bissau é um país com rica biodiversidade com destaque ao Arquipélago de Bijagós, constituído por 88 ilhas. Porém, os sucessivos golpes de Estado criaram um contexto no país

de constantes instabilidades políticas, econômicas e, consequentemente, vulnerabilidades socioambientais. A fragilidade política e econômica do país aliada a pressão global e regional sobre os recursos naturais impõe a necessidade de se criar mecanismos para a conservação da biodiversidade (IBAP, 2014). O presente artigo visa compreender a institucionalização do movimento ambientalista na Guiné-Bissau através de análise documental. No contexto internacional, destacou-se na década de 1990 a mobilização de esforços para alertar o mundo sobre a necessidade de conciliar o crescimento econômico e avanço sobre os recursos humanos, movimento marcado pela ECO-92. Já em território nacional, Guiné-Bissau passava por um período de redemocratização. Este cenário se mostrou fundamental não apenas para o surgimento de organizações ambientais nacionais e assinaturas de tratados, como também permitiu a criação de órgãos estatais dedicadas a assuntos ambientais, como o Conselho Nacional do Meio Ambiente criada em 1992, a primeira estrutura ambiental institucionalizada, substituída pela Direção Geral do Meio Ambiente em 1996 (BARROS; VAZ; CARDOSO, 2013). Os anos 2000 foram marcados pela expansão das áreas protegidas e um dos órgãos cruciais para isso foi o Instituto da Biodiversidade e das Áreas Protegidas (IBAP) criado em 2004 (BARROS; VAZ; CARDOSO, 2013; IBAP, 2014). A principal estratégia adotada para a proteção e gestão dos recursos naturais do país foi a adoção de um Sistema Nacional de Áreas Protegidas (SNAP) que se baseia em três pilares: respaldar a criação de áreas protegidas, incentivar a defesa da biodiversidade e dos ecossistemas, e criar mecanismos para estimular o uso racional dos recursos naturais (IBAP, 2014). Para a gestão dessas unidades de conservação, o IBAP conta com o apoio das Ongs ambientalistas nacionais e internacionais que atuam no país e bem como de instituições estatais nacionais e veículos de imprensa. Pode-se constatar que o modelo de implementação de parques adotado pelo IBAP se aproxima do "Evangelho da ecoficiência" ou corrente conservacionista (MARTÍNEZ-ALIER, 2007; DIEGUES, 2008), ao prezar pelo uso racional dos recursos e pelo desenvolvimento sustentável pois populações tradicionais estabelecem relações de interdependência com o lugar que as acolhe espiritual e socialmente. As Ongs podem entrar com ações após denúncias em caso de desrespeito as tratativas, como no caso da tentativa de construção de uma central hidrelétrica no Parque Natural das Lagoas de Cufada. Portanto, as áreas protegidas nacionais são implementadas a partir do viés de mediação entre o desenvolvimento, a conservação de recursos naturais e o usufruto das comunidades locais. Assim, nota-se que a gênese do movimento ambientalista na Guiné-Bissau esteve ligada ao processo de democratização no país a partir de 1991. A principal estratégia utilizada para a salvaguarda do meio ambiente se traduz na implementação de áreas protegidas pelo IBAP

com a intenção de suprir a vulnerabilidade dos recursos naturais face a predação ilegal, degradação e perda de diversidade.

Palavras-chave: Ambientalismo. Guiné-Bissau. Áreas protegidas.

15H15 || SALA - 9 - COMUNICAÇÃO – 02

DIÁLOGOS E FICÇÕES INDIGENISTAS NO CONTO: "ONTEM, COMO HOJE, COMO AMANHÃ, COMO DEPOIS" DE BERNARDO ÉLIS

Marta Bonach Gomes (PUC - Goiás)

A partir da análise do processo de elaboração, inclusão e transformação dos "instrumentos de gestão ambiental" de uma terra indígena, o presente artigo descreve e analisa a personagem Put-Kôe no campo do indigenismo ambiental goiano, destacando os processos de diálogos e ficções entre conceitos e práticas nativas e ambientalistas no conto de Bernardo Élis, escritor goiano. Sua narrativa permite leituras, tanto na ficção quanto na História de Goiás, numa escrita que se propõe a travar uma luta contra o esquecimento promovido pelo poder, trazendo à tona certos aspectos do passado goiano que não ocuparam posição de destaque nas representações discursivas oficiais. Assim, suas narrativas sugerem que a reapresentação dos fatos históricos remotos no presente – efetivado tanto na ficção quanto na história – impedirá a formulação de um discurso conclusivo. Desse modo abordaremos nesse artigo a personagem Put-Kôe, do conto: "Ontem, como hoje, como amanhã, como depois", do livro *Caminhos e descaminhos*, lançado em 1965. O objetivo é analisar a personagem feminina que vive uma situação desumana, sob um regime de sobrevivência e opressão que desfigura o ser. Sob o tema da representação literária articulada em torno do discurso da história, e mais especificamente sobre os recortes factuais que englobam o universo sócio histórico cultural da realidade goiana do início do século XX, sob a condição subalterna de "caboclos", até a contemporaneidade.

Palavras-Chave: Goiás. Bernardo Élis. Conto. Indigenismo.

15H30 || SALA - 9 - COMUNICAÇÃO - 03

CULTURA POPULAR À LUZ DA ECOCRÍTICA: O CANTO DA SUÇUARANA E DO CURURU NO TEXTO "TOADA BONITA", DE EULÁLIO MOTTA

Iago Gusmão Santiago (CAPES/PPGEL/UEFS)
Stephanne da Cruz Santiago (FAPESB/PPGEL/UEFS)

O escritor baiano Eulálio Motta arquivou, em seu acervo pessoal, cerca de 2.400 documentos relacionados à sua vida pessoal, profissional e sua produção literária. A partir do estudo da documentação, foi possível conhecer suas diversas facetas como escritor, especialmente, de gêneros populares, como cordéis, trovas e causos, além de crônicas que retratam o cotidiano no interior baiano e refletem as crenças e os costumes da região, incluindo as relações entre animais humanos, não-humanos e ambiente. O presente trabalho consiste em uma análise ecocrítica da crônica *Toada bonita*, publicada pelo escritor no jornal *O Serrinhense*, em 1950, que trata da relação entre o canto da suçuarana e do cururu e a chegada da chuva no sertão. O trabalho encontra-se fundamentado nos pressupostos teóricos e metodológicos da filologia (PÉREZ-PRIEGO, 2011; BARREIROS, 2015; 2017; SANTIAGO et al., 2020), da ecocrítica (WHITE JR.; 1996; MANES, 1996; LOVE, 2003; HUGGAN & TIFFIN, 2015), nos estudos sobre o escritor Eulálio Motta (BARREIROS, 2016; 2017; ROCHA, 2018; DESIDÉRIO & BARREIROS, 2018), entre outros. Acredita-se que a interpretação do som emitido pela suçuarana e pelo cururu como um indício de chuva, feita pelo homem sertanejo, pode ter derivado da cosmovisão dos povos originários brasileiros. Nota-se também que o silenciamento dessas crenças está diretamente relacionado aos ideais colonialistas e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Ecocrítica. Animais. Eulálio Motta. Cultura popular.

15H45 || SALA - 9 - COMUNICAÇÃO – 04

ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS ENCANTADOS E VISAJENTOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL INDÍGENA AMAZONENSE DE YAGUARÊ YAMÃ

Alex Viana Pereira (Universidade do Estado do Amazonas - UEA)
Maria Evany do Nascimento (Universidade do Estado do Amazonas - UEA)

No imaginário amazônico os animais sempre ocuparam lugar de destaque, principalmente os bichos considerados encantados e visajentos que, segundo a cultura indígena Maraguá e Saterê-mawé, são responsáveis por avisar e advertir os seres humanos quanto o cuidado com a flora e a fauna. Nesse sentido, é comum encontrarmos representações dessas criaturas na religião (Urutópiãg), mitos cosmogônicos e lendas dos citados grupos étnicos que vivem no território amazônico e possuem uma relação intrínseca com a natureza. Para esses povos, trata-se de animais fantásticos que se metamorfoseiam, transcendem seu espaço natural e apresentam inúmeros saberes e significados que fascinam e amedrontam, além disso, possuem suas próprias organizações e ditam, por exemplo, a vida na selva e nas profundezas dos rios. Nesse ínterim, vale enfatizar que as histórias dos encantados e visajentos configuram a tradição oral desses povos originários, e com a ascensão da literatura indígena brasileira contemporânea estão sendo fixadas no suporte livro por autores/as indígenas preocupados em garantir que os conhecimentos sobre esses seres não se percam com o tempo e a morte dos anciões das aldeias que são os principais responsáveis por repassar esses saberes de geração a geração. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar as representações dos encantados e visajentos na literatura infantojuvenil indígena amazonense de Yaguarê Yamã, bem como pontuar a importância desses seres para a manutenção e sobrevivência das culturas indígenas. Ademais, pretendemos realçar a relevância dessas histórias para a preservação da fauna e flora amazônica. Para tanto, tomaremos como exemplos algumas narrativas do escritor indígena Yaguarê Yamã, que possui aproximadamente 30 obras publicadas e vem se destacando como um dos principais expoentes da literatura infantojuvenil indígena amazonense. Como suporte teórico tomar-se-á os estudos de Marcos Frederico Kruger (2011), Janice Thiél (2012), Graça Graúna (2013), Guesse (2014), Bruno Silva de Oliveira (2014), Delma Sicsú (2020), entre outros que fomentam a discussão ao redor do tema.

Palavras-chave: Literatura indígena. Representações. Encantados. Visajentos.

16H00 || SALA - 9 - COMUNICAÇÃO – 05

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FLORESTA NACIONAL DA RESTINGA DE CABEDELO (PB): TEORIA E PRÁTICA

Fabiano Gumier Costa (ICMBio)

As Unidades de Conservação que compõem o SNUC (Lei Federal 9.985/2000) preveem, dentre seus vários objetivos e diretrizes, a realização de atividades e programas de Educação Ambiental (EA) como instrumentos de inserção da sociedade nesses territórios. Pode-se afirmar que existe consenso sobre a necessidade de abordar a EA de maneira interdisciplinar e transversal, tanto em sala de aula, integrando conhecimentos de várias disciplinas escolares, quanto fora dela: no campo, em comunidades, em ambientes de trabalho e nos espaços naturais protegidos, como as Unidades de Conservação (UC). É importante que a EA não seja vista apenas como uma disciplina rígida e isolada dos demais saberes e práticas, tampouco seja meramente conteudista, mas que possa dialogar e interagir com esses conteúdos teóricos e situações da vida, problematizando e contextualizando, por exemplo, conflitos por acesso aos recursos naturais e desigual distribuição dos benefícios da natureza. A Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo (Flona Cabedelo) está localizada na região metropolitana da capital Paraibana. Totalizando 114 hectares, foi criada por Decreto Presidencial em 02 de junho de 2004 e sua área abrange parte dos municípios de João Pessoa (21%) e Cabedelo (79%). É composta por floresta de restinga, manguezal e outros ambientes típicos da zona costeira (apicum, tabuleiro e restinga herbácea/arbustiva). Desde o ano de 2017, foi iniciado o Programa de Uso Público, articulado com o Programa de Educação Ambiental, sob gestão da equipe do ICMBio, que se baseou em diretrizes estabelecidas no seu Plano de Manejo (ICMBio, 2017). Dentre os conteúdos trabalhados estão: a) Unidades de Conservação e sua importância (ecológica, econômica, social e cultural); b) representatividade do SNUC; d) conflitos envolvidos na gestão das UCs (nível nacional, regional e local); e) questões ambientais locais e como são tratadas (impactos sobre o manguezal, crescimento urbano...); e f) Energias Renováveis, economia e mudanças climáticas. Toda a visitação pública realizada na UC depende de agendamento prévio e com grupos a partir de cinco pessoas, limitada à 40 indivíduos por turno, podendo ser realizadas até duas visitas no mesmo dia. Apesar de não ser restrito à comunidade escolar, essa tem sido a maior característica do perfil dos visitantes da Flona Cabedelo, incluindo turmas desde o ensino fundamental até cursos de pós-graduação.

Desde 2017 o número de visitantes tem aumentado (chegando próximo de 3000 visitantes em 2019) e o grande desafio da equipe é manter a qualidade das abordagens (foco em EA crítica e emancipatória), que tem tido ótima receptividade e avaliações positivas pela comunidade, tanto sobre a forma de abordagem quanto aos conteúdos discutidos e experiência pelas trilhas e paisagens da UC. A implantação de um Programa de Voluntariado (PV), em sintonia com o PV nacional do ICMBio, tem sido um catalisador importante no ganho em escala e qualidade da agenda de EA, juntamente com a estratégia de divulgação nas redes sociais.

P**alavras-chave**: Educação ambiental. Floresta Nacional da Restinga de Cabedelo. Unidades de Conservação

16H15 || SALA - 9 - COMUNICAÇÃO – 06
DE RÉPTIL PARA RÉPTIL

Priscila Prado (Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR)
Márcio Matiassi Cantarin (UTFPR / UFPR / CLEPUL)

Muitos animais estão ameaçados pela destruição de seus habitats naturais. Também os ameaça o desuso das palavras que os designam. Esse risco foi detectado por Robert MacFarlane, que se propôs a prevenir essa "extinção linguística" mediante a publicação de um "livro de feitiços". O autor fez um poema para cada uma das palavras que selecionou e propõe sejam lidos em voz alta: como um feitiço para trazê-las de volta à vida. Cada poema é ilustrado por Jackie Morris com uma aquarela em tamanho real do respectivo animal ou planta. Trata-se do livro The Lost Words (As Palavras Perdidas), com que autor e ilustradora chamam a atenção para as palavras e os seres por elas designados, convidando a um efetivo convívio mediante experiências imersivas reais no meio ambiente natural. Este premiado livro também ensejou álbuns de música e outros projetos, inclusive um abrigado pelo site da Fundação John Muir. Entretanto, fauna e flora destacados pelo livro de Macfarlane e Morris são, em sua maioria, exóticos: poucos deles ocorrem naturalmente no Brasil. Assim, não se realizaria efetivo aproveitamento mediante mera tradução literal dos poemas. Seria necessário a este propósito a transcriação, adaptação, transposição ao ambiente e cultura brasileiros – oportunizando, inclusive, destaque a palavras indígenas para valorização das respectivas origens. O objetivo desta comunicação é apresentar algumas versões para os poemas de MacFarlane dentre os que tratem de animais - de ave para ave, de réptil para réptil -, com

vistas a promover estratégias de comunicação, educação e conservação, de modo que venham um dia a conjugar projeto semelhante com foco em animais da fauna brasileira. Referências teóricas: Greg Garrard, Haroldo de Campos, Lawrence Buell, Linda Hutcheon, Robert Macfarlane, entre outros.
Palavras-chave: Ecocrítica. Tradução. Poesia. Educação. Ambiental.

"Se todo animal inspira ternura, o que houve, então, com os homens?"

João Guimarães Rosa

ASLE
Brasil

REALIZAÇÃO

ASLE Brasil

UNIR
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

APOIO

PPGCL
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem
Católica de Rondônia

PPGEL
mestrado.estudos.de.linguagens

GAIA

Devir-Amazônia
Literatura, Educação e Interculturalidade

amazônia LATITUDE

REVISTA PUB
Diálogos Interdisciplinares

APRODAB
ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES DE DIREITO AMBIENTAL DO BRASIL

IBAP